

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM SOCIOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM SOCIOLOGIA RURAL

**A POLÍTICA DE CARA NOVA (?): estudo acerca da
atuação política das mulheres em Nova Palmeira - PB**

CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO

Campina Grande - PB

Dezembro - 1997

CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO

**A POLÍTICA DE CARA NOVA (?): estudo acerca da atuação política
das mulheres em Nova Palmeira - PB.**

**Dissertação apresentada à Universidade
Federal da Paraíba como pré-requisito
para obtenção do Grau de Mestre em
Sociologia, com Área de Concentração em
Sociologia Rural.**

Orientadora: Profa. Maria Cristina de Melo Marin

Campina Grande - PB

Dezembro - 1997



M149p Machado, Charliton Jose dos Santos
A politica de cara nova (?) : estudo acerca da atuacao politica das mulheres em Nova Palmeira-PB / Charliton Jose dos Santos Machado. - Campina Grande, 1997.
137 f. : il.

Dissertacao (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraiba, Centro de Humanidades.

1. Mulheres na Politica 2. Ciencias Politicas 3. Papeis Sociais - 4. Movimentos Sociais 5. Dissertacao I. Marin, Maria Cristina de Melo, Profa. II. Universidade Federal da Paraiba - Campina Grande (PB)

CDU 32-055.2(043)

CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO

**A POLÍTICA DE CARA NOVA (?): estudo acerca da atuação política
das mulheres em Nova Palmeira - PB.**

Aprovada em ____/____/____

Orientadora: Profa. Maria Cristina de Melo Marin

COMISSÃO EXAMINADORA:

Campina Grande - PB

____/____/____

**Às duas mulheres da minha vida,
Vera e Lara.**

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi realizado devido a contribuição de algumas pessoas.

À Cristina de Melo Marin, pelo carinho, a dedicação e as constantes contribuições intelectuais.

A Marcelo e Tânia, pelo constante apoio recebido.

A Carlos Bezerra e Cristina, pela amizade e todo companheirismo

Às amigas do Mestrado em Sociologia, Rosário, Jussara, Gil, Lucira, Jaqueline, Mônica Barros, Nerize, e Angela.

A André Soares, pelas contribuições intelectuais.

Ao PET de Antropologia e a todos os petianos, por toda a minha formação nas Ciências Sociais.

À CAPES, pelos incentivos financeiros para realização deste trabalho.

À Bebete (Nega), por todo empenho na nossa formação.

À Mércia Rejane, por todo compromisso acadêmico.

Ao Clã Baiano, pelo companheirismo de sempre.

Aos funcionários do Mestrado em Sociologia, em especial a Joãozinho, Verinha, Vera e Rinaldo.

A João Ricardo e família, por todo apoio recebido.

A Ramilton Marinho (o guru), figura decisiva na minha trajetória acadêmica.

Aos colegas do C.A de Ciências Sociais.

Aos Alunos da turma 95.1 do Mestrado em Sociologia, Luís Henrique, Cidoval, Xênia e Conceição.

Aos professores e amigos da UFPB, Maurino, Luciano, e Hermano.

Ao Coordenador do Mestrado em Sociologia, Professor Edgard Malagodi, pelo apoio.

Aos meus irmãos: Susy, Simone e Amaro Júnior.

Ao meu pai, que soube, na sua simplicidade, entender a importância do conhecimento científico.

À minha mãe (*In memoriam*), pelas lições de vida seguidas até hoje.

À minha esposa Vera Lúcia, por todo apoio e carinho em todos os momentos.

SUMÁRIO

RESUMO

RESUMÉ

I. INTRODUÇÃO: da história da pesquisa ao trabalho dissertativo

II. A TEORIA: uma luz para a reflexão da realidade

1. Do sindicalismo aos Movimentos Sociais: breve recuo na história dos movimentos sociais..... 5
- 2. Movimentos Sociais Contemporâneos: abrindo as portas para uma nova atuação política..... 10
- 3. Da Casa para a Rua: breve recuo histórico da inserção da mulher no espaço público..... 13
- 4. A Atuação Política das Mulheres: causando desconforto..... 17
5. O Movimento Feminista: “mãos à obra para o novo mundo”..... 24
6. O Estudo de Gênero: uma novidade na novidade..... 29

III. DA VIDA PARA POLÍTICO: estórias e realidade

1. Um Retrato Histórico da cidade..... 34
2. De Casa para Rua, da Rua para Casa: breves anotações acerca do nível de convivência dos moradores de Nova Palmeira - PB..... 36
3. A Família: uma realidade de destaque em Nova Palmeira - PB..... 45
4. Contando Histórias: outras notas acerca da trajetória de vida de alguns moradores de Nova Palmeira - PB..... 64

**IV. POLÍTICA COMO VIDA: o cotidiano das atuações políticas em Nova
Palmeira - PB.**

1. O Papel da Igreja na Formação dos Agentes Sociais.....	77
2. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais: uma particularidade dessa história da atuação das mulheres.....	85
• 3. O Feminino na Formação dos Movimentos Sociais em Nova Palmeira.....	100
4. Compreensão e Prática Política: breves anotações de pesquisa.....	110
• 5. Da Atuação Política.....	118
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
VI. BIBLIOGRAFIA.....	133

RESUMO

O presente texto trata do estudo da atuação política das Mulheres em Nova Palmeira-PB. O nosso objetivo, neste trabalho, é analisar, a partir dessa atuação, as preocupações específicas e/ou diferenciadas com a condição feminina na sociedade em questão.

A pesquisa de campo foi realizada entre o segundo semestre do ano de 1996 e o primeiro semestre de 1997, através de entrevistas semi-estruturadas, das histórias de vida, do diálogo informal, das observações cotidianas, das anotações, dos recortes e das fotografias, como técnicas auxiliares fundamentais.

Na pesquisa, percorremos alguns dos espaços estratégicos da atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB, como o S.T.R (Sindicato dos Trabalhadores Rurais), o CENEP (Centro de Educação Popular), a Prefeitura, a Câmara de Vereadores, os Partidos Políticos, as escolas e diversas Associações Comunitárias que compõem esse cenário.

Nesse contexto, foi possível perceber o histórico alargamento das atividades das mulheres na direção dos espaços públicos da sociedade, condição que abrange as populações urbanas e rurais.

Assim, percebemos que, nesses espaços, as mulheres ocupam posições que lhes possibilitam articular distintas experiências de vida, nos mundos privado e público, haja vista sua histórica participação política na cidade, que, de certo modo, tem origem nas próprias famílias.

Portanto, nossa pesquisa foi centrada nessas inquietações, visando a compreender como as mulheres, dessa cidade, atuam e concebem seu papel político, suas concepções de vida e suas representações.

RÉSUMÉ

Le présent travail de recherche a le but d'analyser les activités politiques des femmes de la commune de Nova Palmeira (Paraíba), en essayant de comprendre comme ces femmes travaillent et conçoivent leurs rôles politiques, leurs conceptions de vie et leurs représentations sociales. Cette recherche, sur le champ, a été réalisée entre le 2^e semestre de l'année 1996 et le 1^{er} de 1997, à travers des interviews semi-structurées, des récits de vie, des dialogues conversationnels, des observations quotidiennes, des prises de notes, des photographies. Les lieux de la recueille de données ont été le Syndicat des Travailleurs Ruraux, le Centre d'Education Populaire, la Mairie, le Conseil Municipal et les diverses Associations Communautaires de la Commune. À partir des analyses faites on a pu percevoir la présence de plus en plus grande de la femme dans les espaces publics de cette société-là, y comprises les populations urbaines et rurales. Les positions occupées par les femmes permettent d'articuler de différentes expériences de vie dans le monde privé et public, qui ont leurs origines dans les familles elles - mêmes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa que tem como objetivo geral a análise da atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB e, pretende contribuir de alguma forma com a crescente divulgação dos estudos de gênero.

A escolha dessa temática é fruto inicial da nossa experiência particular, marcada pela convivência concreta com a história da comunidade e dos seus moradores, em especial dos agentes sociais femininos, engajadas nos diversos espaços políticos e sociais, tais como: prefeitura, câmara municipal, sindicatos, associações comunitárias, ONG (CENEP - Centro de Educação Popular) , escolas, hospitais, igrejas, etc.

Nesse contexto, é visível o histórico alargamento das atividades das mulheres na direção dos espaços públicos da sociedade, condição que abrange as populações rurais e urbanas.

Assim, nosso presente desafio nesse trabalho, reservou-se decisivamente ao compromisso de dissertar sobre essa “realidade” a partir de uma pesquisa de campo, tendo como pano de fundo metodológico as análises da atuação política das mulheres a partir da compreensão das diferenças e semelhanças de seus papéis nesses espaços, suas concepções de vida, enfim, suas representações.

O ponto de partida foram as conversas, elaboradas a partir de 21 informantes, seguido por um roteiro de entrevistas semi-estruturadas, das histórias de vida, além do diálogo informal, das observações cotidianas, das anotações, dos recortes e das fotografias, como técnicas auxiliares fundamentais.

Dos 21 informantes relacionados na pesquisa, 5 são homens e 16 são mulheres, tendo seus espaços nessa sociedade seja como profissionais, seja como cidadãos, de uma maneira geral, definidos da seguinte forma: 1 (vereadora); 2 (vereadora); 3 (estudante) 4 (vereadora); 5 (sindicalista); 6 (vice-prefeita); 7 (vereadora); 8 (líder religiosa); 9 (vereadora); 10 (professora); 11 (sindicalista); 12 (sindicalista); 13 (enfermeiro); 14 (estudante); 15 (poeta popular); 16 (socióloga); 17 (líder religiosa); 18 (professora); 19 (deputada); 20 (doméstica); 21 (professor).

Durante alguns meses dos anos de 1996/97, percorremos os caminhos da vida desse elenco de agentes sociais, numa dialética de idas e voltas, pesquisando homens e

mulheres, jovens e adultos, algumas lideranças de reconhecido destaque, outros cidadãos de vida comum; de uma forma geral, informantes cruciais para o desenvolvimento desse trabalho.

Da nossa parte, inicialmente, tudo levava a crer que se tratava de uma pesquisa simples, por corresponder a uma realidade de longo contato, tanto no plano das amizades como da militância política, haja vista nossa convivência direta com diversas pessoas e setores da comunidade de Nova Palmeira. Ou seja, como se, a partir dessa condição já tivéssemos previamente uma resposta concreta para as inquietações propostas no projeto.

Todavia, a pesquisa nos conduziu a uma tarefa de complicado acesso, tanto nos níveis teóricos como práticos, tendo que redefinir constantemente os caminhos das nossas orientações.

Na teoria, as dificuldades foram de entendimento temático, quais sejam: a compreensão das teorias de gênero, a partir de um conjunto de relações sociais, políticas e culturais e não como premissa ou resultado da natureza; bem como uma concepção de política com base nas novas referências de análises, ou seja, a “nova política” ou a “política dos novos agentes sociais”.

Porém, o caro esforço empreendido nas constantes leituras desenvolvidas nesse período não foi suficiente para suprimir totalmente determinados preconceitos e lacunas inevitáveis, muitas vezes despercebidos, ao longo da elaboração desta dissertação.

Do ponto de vista prático, as dificuldades foram de diversas ordens, o que nos impossibilita apresentá-las nesse curto espaço introdutório, mas cabe citar pelo menos duas delas.

A primeira, de ordem do conhecimento da realidade. Pensávamos conhecer de fato nossos informantes, saber absolutamente tudo sobre suas vidas. Porém, o conhecido apresentou-se mais como uma aura de mistério, como revelação distante da realidade pensada anteriormente.

A pesquisa demonstrou o quanto estávamos equivocados. Nesse sentido, foi uma lição para que nós nos detivéssemos em detalhes importantes, a exemplo do rico cotidiano da comunidade e dos seus moradores que inicialmente foi deixado de lado nas nossas análises.

A segunda, de envolvimento político, limitou a convivência com determinados grupos e/ou pessoas. Ou seja, essa questão provocou um certo distanciamento com importantes informantes no decorrer da pesquisa.

Não obstante, superamos, na medida do possível, parte desses obstáculos. Teria sido mais cômodo saltar fora dessas dificuldades pelas janelas de outras abordagens e perspectivas, mas preferimos mantermo-nos fiéis ao projeto inicial, mesmo tendo que nos deparar com o debate crítico.

Portanto, tratando-se de uma produção científica, sistematizamos nossa dissertação em três capítulos: no primeiro, expomos a base teórico/metodológica e sua articulação temática com a realidade pesquisada, desde as discussões gerais às questões específicas acerca do objeto em debate, privilegiando o estudo das relações de gênero no curso da história humana atual. Ou seja, temos aqui nesse momento nossa luz guiadora, nossa interpretação inicial, base das ricas orientações.

Após essa exposição teórica, segue-se no segundo capítulo a análise das informações históricas da comunidade, da convivência dos moradores e da vida cotidiana dos nossos informantes pesquisados.

Assim, nossa intenção primordial nesse capítulo é trazer à tona uma radiografia desse espaço social que é Nova Palmeira a partir das falas de parte dos seus próprios agentes sociais, bem como da história escrita da cidade e das informações técnicas preexistentes.

No terceiro capítulo, nos detemos especificamente às análises da atuação política das mulheres em Nova Palmeira em seus diversos níveis sociais e políticos. Aí estão incluídos os espaços públicos de uma maneira genérica, onde as mulheres exercem atividades, que segundo TABAK¹ são reconhecidamente masculinas, por isso tem influência direta no conjunto das relações de poder e das decisões sociais. Destacamos também nesse momento os caminhos dessa trajetória política, bem como as concepções em torno da atuação feminina na comunidade.

Dessa forma, nesses três momentos dessa dissertação, acreditamos ter articulado de forma coerente nossa compreensão do objeto: a atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB, a partir das seguintes questões:

¹ TABAK, Fany. Autoritarismo e Participação Política. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

a) do conteúdo da atuação política das mulheres, revelando preocupações específicas ou diferenciadas com a condição feminina na sociedade;

b) da condição política numericamente majoritária das mulheres nos espaços públicos, analisando suas ações diferenciadas ou compatíveis com a forma feminina de ver o mundo;

c) e das análises das suas concepções acerca de sua atuação política.

Enfim, com esse trabalho segue a nossa intenção de não só transmitir uma análise de forma isolada da experiência vivida na pesquisa, mas sobretudo de mostrar que se trata de uma produção sujeita ao debate, às correções, às dúvidas e às críticas enriquecedoras do mundo acadêmico. Uma produção capaz de ser compartilhada modestamente por pesquisadores e pesquisados.

Pretende também inserir-se entre aqueles que questionam nesse campo a afirmação dominante do machismo nos diversos espaços da sociedade brasileira, inclusive nas Ciências Sociais. Cabe porém, lembrar antes de tudo a reflexão seguinte de SAFFIOTTI²:

As Ciências Sociais em geral tendem a ignorar a ação feminina no fazer história. A maioria esmagadora das pesquisas lida com dados coletados junto aos homens. Procuram-se homens para informar sobre aquilo que o cientista deseja saber sobre a realidade social. Raramente, os cientistas procuram ouvir mulheres. Este fato tem, no mínimo, duas conseqüências negativas. Uma delas é a negativa para a própria ciência que, trabalhando apenas com informantes masculinos, deixa de lado informações preciosas passíveis de serem fornecidas por mulheres a partir de suas vivências. Assim, a ciência centrada no homem é no mínimo, uma ciência coxa, manca, pela metade. A outra conseqüência diz respeito ao não-registro da atuação das mulheres no fazer história(...)

² SAFFIOTTI, Heleieth I. B. O Poder do Macho. São Paulo: Moderna, 1987.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A TEORIA: uma luz para a reflexão da realidade.

1. Do Sindicalismo aos Movimentos Sociais: breve recuo na história dos movimentos sociais.

O cenário político desse século, marcado pela exclusão social, é consequência direta da sociedade capitalista, em especial, de sua crise, oriunda da modernidade. Ou seja, produto imediato do processo de industrialização que permitiu ao longo de sua história, se não aprofundar, pelo menos manter como características básicas para a sua existência, a miséria, o preconceito, a discriminação etc., resultado direto da divisão social de classes em seu interior.

Mulheres, negros e trabalhadores são as vítimas imediata dessa cultura de exclusão, que tem no sistema de produção, baseado na exploração da mão de obra assalariada, o controle ideológico e material, tanto no acesso quanto no exercício das diversas posições de trabalho dos indivíduos na sociedade..

No atual cenário de rupturas e redefinições, é inegável reconhecer a capacidade de reestruturação do sistema capitalista produzindo novas condições sociais, entre elas, a informatização, acompanhada de uma programação dinâmica no desempenho das atividades.

Nesse contexto, do fim da bipolaridade e da guerra fria, é visível o novo papel do poder, traduzido no saber, tornando-se, nos últimos decênios, a principal força de produção, haja vista a grande alteração no comportamento do trabalho, reforçando ainda mais a capacidade produtiva das grandes potências Estados/nações, estrangulando simultaneamente todas as possibilidades precárias de crescimento dos países subdesenvolvidos³.

Porém, tais inovações trouxeram para o campo das diferenças sociais, nesse processo globalizante que separa países ricos e pobres, novas contradições, tais como a miserabilidade, as doenças, a fome e sobretudo o desemprego, consequência direta de uma separação definitiva e radical do trabalho intelectual e manual, alicerçado nessa conjuntura por novas relações de poderes políticos, especialmente pela meritocracia em torno do saber científico.

³ LYOTARD, Jean-François. O Pós Moderno. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

Em toda a formação desse atual sistema, coube, até recentemente, à classe operária a legítima e singular condição de agente coletivo, desenvolvendo suas primeiras organizações trabalhistas na Europa Ocidental, onde a industrialização, consolidada desde os primórdios do sistema na Inglaterra, punha em visibilidade o acirrado antagonismo no processo de produção.

Nos países subdesenvolvidos da América Latina, de maneira geral, produtos diretos da colonização, com a conseqüente industrialização tardia, as lutas dos operários tiveram um crescimento vertiginoso no decorrer desse século, através dos sindicatos e das reivindicações no campo do trabalho.

Identificando a simbiose originária da contradição capital/trabalho no capitalismo, o movimento operário intensificou diversas possibilidades de lutas na cidade e posteriormente no campo, outro espaço de extensão da miséria, e, ao curso desse século, sobretudo com a organização dos trabalhadores urbanos, passou a reivindicar uma maior inserção social, através da garantia da ampliação dos empregos, de melhores salários, redução da jornada de trabalho, melhor distribuição de renda etc.

Todavia, o sindicalismo não se limitou ao plano dessas reivindicações liberais do próprio sistema, à medida que produziu nas suas práticas o ideário da organização revolucionária de classe, responsável pela superação definitiva de toda e qualquer contradição social. Segundo RODRIGUES⁴:

A expansão e consolidação do sindicalismo, tal como existe atualmente nos países capitalistas desenvolvidos e subdesenvolvidos da América do Norte e da Europa Ocidental, requererão algumas condições econômicas, sociais, políticas e ideológicas que só se deram plenamente nessas partes do globo: uma industrialização sob economia de mercado, conduzida por uma classe de empresários privados no interior de um sistema político democrático, fundado ideologicamente no liberalismo. Desse modo, a indústria criou as bases sociais sobre as quais se assenta o sindicalismo, isto é uma classe de trabalhadores a princípio fabris; a economia de mercado equiparou a força de trabalho a uma mercadoria cujo preço de venda e modo de utilização poderiam ser negociados pelos trabalhadores; a propriedade dos meios de produção criou o adversário ante o qual as associações de trabalhadores procuraram afirmar-se; a democracia política, ao se

⁴RODRIGUES, Leôncio Martins. Partidos e Sindicatos. São Paulo: Ática, 1990.

ampliar, possibilitou a organização da classe trabalhadora em partidos e sindicatos vocacionados para as mudanças estruturais do sistema(...)

Não obstante, as mudanças econômicas, tecnológicas, políticas e culturais que alteraram o curso da industrialização capitalista desse século, sobretudo no pós-guerra, foram paulatinamente impondo-se como uma dinâmica desenfreada, embotando os focos de visibilidade das velhas contradições sociais tão bem definidos até então pelas categorias: capital/trabalho.

Nesse contexto, como afirma TOURAINE⁵, a sociedade industrial começa a dar conta do seu próprio declínio e aos poucos vai desagregando-se, cedendo espaço ao novo modelo de organização do capitalismo e conseqüentemente das suas novas contradições. Significa uma mudança radical no mundo da industrialização, sustentada até então na imposição operária da organização coletiva do trabalho e de sua divisão, para uma sociedade programada, onde o investimento, em vez de modificar somente a organização do trabalho, acabou transformando a própria capacidade de criação, inventando novos produtos a partir de conhecimentos científicos e tecnológicos e agindo sobre a administração geral da empresa concebida como um sistema de produção, de transporte e de utilização de informações.

Segundo esse autor, foi a partir desse novo modelo de sociedade, em constituição desde o pós-guerra, que o roteiro das lutas políticas do sindicalismo, bem como dos partidos de esquerda (socialistas e comunistas), sofreu sua guinada mais radical, haja vista começou-se a perceber em suas ações ideológicas o vazio das projeções mais utópicas de transformação definitiva da sociedade de classe.

As lutas coletivas, até então reduzidas à condição operária, descentraram-se parcialmente e, sem perspectivas reais de transformação do histórico cenário de miséria, característica do capitalismo, vivenciaram as limitações de suas ações reivindicatórias de origem. Para TOURAINE⁶:

⁵TOURAINE, Alain. O Pós-Socialimo. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁶Idem. Pág. 47

A condição operária, portanto, não desaparece, mas a ação operária se apoia cada vez menos na autonomia profissional e cultural que lhe dava a força de resistência e lhe nutria a perspectiva de uma sociedade de produtores. O tema da cultura proletária, ainda vivo no período pós-Primeira Guerra mundial, desapareceu há muito tempo da ação sindical. A ação Operária se define cada vez menos em novos termos econômicos, de nível de vida e sobretudo de garantia de emprego e de carreira(...)O que não significa, de nenhuma forma, que estamos entrando em uma sociedade igualitária ou indiferenciada. Mas a classe operária deixa de ser, pouco a pouco, um grupo social e cultural profundamente diferente dos outros e mantido à margem da sociedade, tal como ela parecia ainda, há quase um século(...)

A crise de identidade do até então “único” agente coletivo da modernidade, o proletariado e sua base de ação política: sindicatos e partidos de esquerda, montada sobre o pedestal de uma sociedade industrial, se não foi destruída por essa mudança de rumo do capitalismo contemporâneo, chocou-se sobremaneira, historicamente, com a dimensão da individualidade que toma sentido nas lutas específicas pela liberdade de expressão e construção da cidadania no cotidiano.

Liberdade que, segundo GORZ⁷, dá-se como nicho, capaz de abrigar a individualidade de toda pressão e obrigação social. Nicho que se traduz no espaço da casa, na família, na horta doméstica, nas crescentes atividades informais, nas sedes dos grupos comunitários etc. Enfim, na própria liberdade do fazer prazeroso, principalmente nas sociedades mais desenvolvidas, onde a recusa ao mundo do trabalho industrial vivência com mais contundência essa nova realidade.

A partir dessa realidade aparentemente desagregadora, o novo sindicalismo expandiu-se concomitantemente como uma particularidade entre muitas outras em questão, integrando o perfil de forças agendadas pelas novas contestações sociais, deixando para trás as ambições utópicas globais definidoras de sua história.

⁷GORZ, André. Adeus ao Proletariado: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

Assim, visualizando essa nova ordem mundial, o movimento sindical impôs-se ao atual debate, qualificando-se a ultrapassar a lógica política e econômica da organização e dos meios de trabalho e elevando-se as perspectivas da produção capitalista e das reivindicações sociais emergentes.

Sua atualização passou, portanto, a ser necessária para compreensão dessa nova ordem que permeia a insurgência particular dos movimentos sociais contemporâneos, bem como a absorção dos novos elementos de reivindicação que giram em torno do conceito de democracia ante o papel do Estado e da sociedade civil. HOLLANDA⁸ afirma que:

(...) a lógica do conflito entre Estado e sociedade civil parece substituir a lógica da contradição e das vias revolucionárias assim como conceitos de classe e dominação política são reatualizados no debate sobre movimentos sociais e hegemonia. Põe-se de lado as explicações estruturais (...) para insistir-se no tema do pacto-social e na complexa problemática da redemocratização nos países capitalistas de desenvolvimento médio(...)

Dessa forma, nesse cenário de rupturas e novidades foram surgindo diversos atores sociais, reivindicando a cidadania, numa atuação localizada, valorizando discursos e práticas cotidianas.

Por não se pretenderem como únicos, nem definitivos, esses novos agentes coletivos conquistaram, até certo nível, o apoio público geral, ganhando assim, a legitimidade política na defesa das reivindicações específicas de todos os cidadãos.

⁸HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Políticas da Teoria. In: Pós-Modernismo e Política. 7 a 15. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. Pág. 11.

2. Movimentos Sociais Contemporâneos: abrindo as portas para uma nova atuação política.

Esse novo sujeito coletivo nasceu dentro de uma nova estrutura capitalista, sobretudo na Europa e na América do Norte; sociedades que o próprio TOURAINE⁹ convencionou classificá-las de “programadas” ou “pós-industriais”, onde as questões culturais são o pano de fundo mais fundamental do que a problemática econômica. E é nesse contexto, segundo o autor, onde a luta de classes deixa de ser o locus nevrálgico do sistema, para ceder espaço ao conflito social mais específico, privilegiando novos campos, tais como: escola, hospital, bairro, pequenas comunidades urbanas e rurais etc.

Essa crise, identificada pelo declínio da sociedade moderna, teve o seu ponto crucial nos anos 60, foi reforçada pelas crescentes atividades associativas, ganhou peso nos anos 70 e se desenvolveu aceleradamente na década seguinte como luta das minorias: étnicas, ecológicas, consumidores, indígenas, femininas etc. Acerca dessa questão assevera LEITE¹⁰:

O movimento social é muito mais que uma esfera de interesses particulares. É uma vontade de construir e reconstruir a sociedade em seu conjunto de maneiras favoráveis aos interesses de grupo (...) No caso da América Latina, devido a sua tradição histórica distinta no processo de industrialização e formação tecnológica, as lutas sociais vivenciadas vieram atingir somente na década de 70 o nível de formação de novos movimentos (...) foram conceituadas de 'movimentos' para acentuar a sua natureza instável, distintas das obtidas em estruturas que se organizam em longa duração. E chamados 'sociais' devido ao seu distanciamento em relação aos aparelhos do Estado. Apesar do envolvimento constante em matérias de interesse público, não foram chamados de movimentos políticos, justamente porque lhes faltavam conexões que os integrassem a alguma política sistemática de governo, a exemplo da tradição sindical em países como o Brasil que a grosso modo, nasceu e cresceu na sombra do Estado populista, que ora reprimia-os ou tutelava-os (...)

⁹TOURAINE, Alain. Op. Cit. Pág. 123

¹⁰LEITE, Sérgio. Movimentos da Modernidade: novos atores na esfera. In: Estudos: sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro: CPDA, 1995.

Nos países latino-americanos como o Brasil, onde a democracia nas décadas de 60/70 era tida mais como exceção do que como regra, fez-se perceber que a dinâmica insurgente desses novos movimentos acelerou os passos da desagregação do regime militar através de lutas que se ampliaram no espaço público. Alguns desses movimentos tornaram-se emblemáticos pelo seu papel histórico: o movimento das donas-de-casa contra a carestia e o custo de vida, que se estendeu por todo o país, e a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, em 78¹¹.

Foram movimentos que, direta ou indiretamente, deram contribuições no sentido de abrir as fronteiras da redemocratização na sociedade, favorecendo, por exemplo, a luta em defesa da anistia política, em 78, e posteriormente a defesa das diretas, em 84. Em suma, foram movimentos que vieram preencher o vazio deixado por um modelo político de organização social que se encontrava desativado e sob o controle do Estado autoritário, como as agremiações estudantis, os sindicatos, os partidos de esquerda etc..

A emergência desencadeada pelas novas referências políticas, no plano simbólico, expressava, segundo SADER¹², a crise das concepções que balizavam as representações sociais sobre o Estado e a sociedade civil em nosso país. Para ele, foi:

(...) impacto dos movimentos sociais (sobretudo na década de 70) que levou a uma revalorização das práticas sociais presentes no cotidiano popular, ofuscadas pelas modalidades dominantes de sua representação. Foram assim redescobertos movimentos sociais desde sua gestação na década de 70. Eles foram vistos, então, pelas suas linguagens, pelos lugares de onde se manifestavam, pelos valores que professavam, como indicadores da emergência de novas identidades coletivas (...) novidade no real e nas categorias de representação do real(...)

¹¹A importância política e social da greve dos metalúrgicos do ABC paulista deu-se sobretudo, devido a sua possibilidade concreta de mobilizar outros movimentos sociais no Brasil, numa conjuntura em que as elites autoritárias pensavam ter silenciado em definitivo as organizações civis.

¹²SADER, Éder. *Idéias e Questões*. In: *Quando os Novos Personagens Entraram em Cena: Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. 26 a 60. São Paulo: Paz e Terra, 1989. Pág.27.

A descoberta fundamental desse novo sujeito coletivo deu-se nas atuações cotidianas. No caso brasileiro, foram constituindo-se ao longo das décadas de 70/80 como individualidade política de uma nova identidade voltada para as reivindicações mais específicas, tais como: moradia, saneamento básico, creches, escolas etc.

Mesmo tendo sua maior visibilidade em relação às demandas das esferas públicas do Estado, como é o caso da luta pela moradia nos bairros periféricos, analisado por CALDEIRA¹³, sua constituição política tem demonstrado que sua atuação não se limitou ao plano dessas reivindicações. Segundo PINTO¹⁴, ela se estendeu ao nível da organização das relações de poder no espaço público, num processo de identificação/diferenciação de sujeitos de um mesmo grupo.

Portanto, numa visão mais geral, podemos afirmar que esses movimentos sociais resultaram numa revolução nas concepções e práticas políticas desencadeadas ao longo dos últimos trinta anos na Europa e na América do Norte. Ao que parece, sua permanência se estenderá aos limites menos imaginados socialmente, a cada conflito e a cada cidadania negada ou suprimida por determinadas leis e instituições conservadoras.

Muitos grupos surgiram, outros tantos desapareceram, numa dinâmica, impossibilitando na atual conjuntura, fazer-se qualquer previsão definitiva do futuro, a exemplo das previsões ideológicas de outrora. Segundo TOURAINE¹⁵:

Os movimentos sociais que surgem em diferentes domínios não são mais formas de defesa dos trabalhadores contra os patrões da indústria, mas de defesa do público contra os organismos de administração que têm o poder de modelar a procura em função de seus interesses; não invocam mais a intervenção do Estado, reivindicando, ao contrário, a autonomia e a autogestão das unidades sociais de base; enfim, não falam mais em progresso e porvir radiante, mas querem organizar, a partir de hoje, uma vida diferente, agindo sobre as escolhas sociais e políticas que regem a produção da organização social.

¹³CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. A Política dos Outros: o cotidiano dos moradores da periferias e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

¹⁴PINTO, Céli R. Jardim. Movimentos Sociais: espaço privilegiado da mulher enquanto sujeito político. In: Questão de Gênero. São Paulo: Brasiliense, 1992. Pág. 131.

¹⁵TOURAINE, Alain. Op. Cit. Pág. 48

3. Da Casa Para a Rua: breve histórico da inserção da mulher no espaço público.

O mundo marcado pela separação dos espaços privado e público impôs diferenças culturais nas diversas atividades relacionadas aos papéis masculinos e femininos na sociedade até os tempos atuais. Todavia, essa separação não é um produto recente de nossa história, mas decorrente de uma trajetória milenar, apoiada em um sistema de dominação denominado como patriarcal, que tem sua origem da pré-história à antiguidade greco-romana, estendendo-se rigorosamente ao modelo social escravista, feudal e capitalista; este último, apropriando-se perfeitamente dessa realidade as suas diversas contradições essenciais. STUART¹⁶ afirma que:

A mulher sofreu uma derrota que começou no dia em que ficou na caverna, enquanto o homem saiu e estabeleceu novas relações com o mundo e com outros homens. O macho da espécie foi o vencedor, e ao vencer afirmou: aos vencidos as geladeiras de fecho azul, as batadeiras, os liquidificadores, os aspiradores de pó, as mil geringonças mecânicas com que o consumismo busca povoar a sua ociosidade intelectual e a sua apreensão psicológica. Isso para algumas. Para as outras, a maioria, cabe o trabalho mal remunerado, o cansaço interminável, a pobreza sem esperança. O envelhecimento precoce, a morte prematura.

Com isso, pode-se afirmar que não coube à sociedade moderna a condição de criadora do sistema patriarcal, mas, com a sua expansão material, ideológica e cultural marcada pelas desigualdades, o capitalismo no mundo inteiro sedimentou-se sobre os pilares da dominação/exploração homem/mulher, brancos/negros, ricos/pobres.

Assim, segundo SAFFIOTI¹⁷, o casamento entre os dois sistemas de dominação permitiu tornar indiviso o rosto de um em relação ao outro. Ou seja, é incorreto fazer uma análise separando o patriarcalismo do sistema capitalista ou atribuir uma preponderância maior às contradições presentes em um sistema em detrimento de outro, haja vista que suas condições reais estão intrínsecas, tornando-se impossível separá-las de alguma forma.

¹⁶STUART, Heloneida. Mulher objeto de cama e mesa. São Paulo: Vozes, 1995.

¹⁷SAFFIOTI, Heleieth I. B. Op. Cit. Pág. 42.

A autora insiste nessa questão, argumentando que, se houvesse de fato uma separação entre esses sistemas (patriarcalismo/capitalismo), o homem ainda hoje continuaria sendo o único provedor das necessidades domésticas. Atualmente, tem-se evidenciado que, trabalhando fora e/ou atuando no universo doméstico como dona de casa, a mulher tem exercido influência decisiva na organização familiar e na sociedade de maneira geral, na perspectiva de ser vista e ouvida, valorizada como cidadã.

No espaço extra-lar sua presença cresceu algo em torno de 180% nas últimas duas décadas, segundo os dados do IBGE de 1993, isso no que se refere apenas, ao mercado formal, ocupando hoje, em sua variedade de funções, quase que metade do mercado de trabalho, outrora reservadas ou exclusivas ao homem.

Esse fato notório demonstra não ser mais surpresa nenhuma, em qualquer parte do mundo, encontrarmos mulheres exercendo postos executivos, administrativos, parlamentares etc. Uma ascensão capaz de incomodar o homem e seu exacerbado machismo. Acerca dessa questão assevera SAFFIOTI¹⁸:

(...) foi o capitalismo que, com a separação entre o local de moradia e o local de trabalho, criou a possibilidade das mulheres saírem de casa para trabalhar. Isto não significa que as mulheres, antes do advento do capitalismo, fossem ociosas. Ao contrário, trabalhavam na produção e conservação dos alimentos, teciam, confeccionavam roupas, enfim, realizavam atividades hoje executadas pela indústria ou tecnologia moderna. À medida que estas atividades foram sendo industrializadas, as mulheres tiveram necessidade de sair de casa para ganhar seu sustento e o de seus dependentes, ou, então, para colaborar no orçamento doméstico.

Essa característica do trabalho extra-lar desempenhada pelas mulheres, em crescente desenvolvimento nas sociedades capitalistas, não significou em momento algum a generosidade dos detentores desse sistema para com a atividade feminina. Ou seja, ao contrário do que pensam alguns estudiosos, não foi nessa sociedade que a mulher conquistou a sua liberdade, à medida que teve maior acesso ao mundo do trabalho.

¹⁸SAFFIOTI, Heleieth I. B. Op. Cit. Pág. 61.

Como trabalhadora extra-lar, desde o início, a mulher teve ínfimos privilégios em relação ao homem. Pois, mesmo exercendo funções práticas ou intelectuais semelhantes às dos demais trabalhadores, é obrigada a exercer também múltiplas jornadas como dona de casa, educadora, esposa infalível e perfeita guardiã do lar.

As atividades domésticas, por sua vez, ainda hoje não são reconhecidas como trabalho, embora tenham fundamental importância para reprodução da força de trabalho, da ideologia dominante e da espécie. Atividades privadas que garantem as necessidades básicas da família, tais como: saúde, alimentação, higiene, educação e lazer.

Nas fábricas, seus salários sempre foram reduzidos no mínimo pela metade, sob a alegação do pouco tempo exercido e da sua “inferioridade natural” em face das atividades desempenhadas, reforçando assim, a identidade de colaboradora do provento familiar.

Do ponto de vista da exploração, o sistema patriarcal/capitalista, ao mesmo tempo que ampliou o leque das atividades femininas, tem limitado sua possibilidade de ascensão no espaço público, sobretudo em relação à sufocante dupla jornada de trabalho: ter que ser o sujeito da atividade pública sem perder de vista as suas obrigações domésticas de dona de casa, mãe e esposa como rezam nossas tradições. Segundo TOSI¹⁹

(...) O sistema baseado no patriarcalismo cria, mesmo sem intento deliberado, uma estrutura estratificada que se caracteriza por uma distribuição desigual das oportunidades tanto para aumentar a produtividade como a qualidade do trabalho de homens e mulheres (...)

Via de regra, podemos afirmar, à luz das experiências relatadas em diversas pesquisas desenvolvidas, que o papel de mãe, esposa e trabalhadora manteve-se por muito tempo sob quase total invisibilidade quanto à emancipação sócio-cultural da mulher.

¹⁹TOSI, Lúcia. Introdução e Apresentação. In: Mulher e Ciência. Maceió: Edufal, 1991.

Ou seja, os detentores desse sistema não somente reforçaram, como aprimoraram, a exploração da mulher, tanto no espaço público como no espaço privado, fortalecendo assim as estruturas das instituições mais tradicionais, a exemplo do modelo de família, como nos mostra SAFFIOTI²⁰:

No seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes. Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, cabe-lhes realizar todas as tarefas domésticas. Como, de acordo com o modelo, os afazeres domésticos são considerados 'coisas de mulher', o homem raramente se dispõe a colaborar para tornar menos dura a vida de sua companheira. Não raro, ainda se faz servir, julgando-se no direito de estrilar se o jantar não sai a seu gosto ou se sua mulher não chega a tempo, trazendo-lhe o seu chinelo.

Do exposto, cabe acrescentar também que, como sistema de exploração/dominação, o patriarcalismo, face irmã da sociedade moderna capitalista, manteve, e ainda mantém, como pano de fundo sua influência cultural, ideológica, política e econômica, pressupostos básicos das condições críticas elaboradas atualmente pelas mulheres na luta pela superação definitiva em todas as suas dimensões.

Conquistando gradativamente, no olhar público e privado, a visibilidade das suas mais diversas atividades, a mulher atingiu, através de suas crescentes atuações, seu direito de disputa na sociedade falocrática, evocando para si a posição de sujeito consciente, quebrando as amarras de poder que se constituíram ao longo da história humana, traduzido especificamente pelo sistema de dominação/exploração, patriarcalista/capitalista.

Integrando-se como agente coletivo da atualidade do espaço público e privado, a mulher começou a intensificar seu papel de conquista desde os anos 60 nas mais diversas formas de organizações, a exemplo da luta das Donas de Casa em Combate a Carestia, das Mães da Praça Celestial na Argentina etc. (o primeiro foi um movimento ocorrido no Brasil nos anos setenta, o segundo na Argentina nos anos oitenta), como também, através do seu engajamento ideológico na defesa da superação de todo e

²⁰SAFFIOTI, Heleieth I. B. Op. Cit. Pág. 50.

qualquer sistema de desigualdade social existente (os grupos feministas, tanto na Europa como na América do Norte nas últimas três décadas).

4. A Atuação Política das Mulheres: causando desconforto

Há exatamente três décadas as Ciências Sociais têm sistematicamente insistido no debate acerca da atuação do feminino na política. O ponto de partida foi a percepção do histórico contraste do poder que separa, até os tempos atuais, de forma radical, homens e mulheres no exercício das atividades institucionais mantidas sob a hegemonia da competitividade masculina.

A lentidão, o desinteresse e, por que não dizer, a ameaça à condição de mando masculino no espaço público impuseram, quase sempre, obstáculos à presença feminina nesse espaço de “meia cidadania”, construindo e delimitando, do ponto de vista cultural, os papéis a serem exercidos por homens e mulheres nesses e noutros terrenos. Sobre essa questão, nos informa SAFFIOTI²¹, de maneira oportuna, que:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da distribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo (a exemplo da questão do poder político). A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (...)

Um exemplo emblemático dessa realidade na América Latina é o próprio Brasil, onde o controle dos papéis sociais no terreno da política institucional se mantém quase que inalterado no que diz respeito à posição majoritária masculina. Não é à toa que, passados quase 65 anos do primeiro mandato feminino no país, da médica paulista Carlota Pereira de Queiroz, após a constituinte de 1932, que legalizou o voto feminino, pouco se ouve falar da presença de mulheres nesse espaço.

²¹ Idem. Pág. 9

De acordo com TABAK e TOSCANO²², Coube à PUC/RJ o caráter de pioneira científica na investigação do fenômeno “mulher e política”, em toda América Latina. Segundo as autoras, a universidade introduziu em seus programas, desde o início dos anos 80, o Núcleo de Estudo Sobre a Mulher (NEM), tratando como linha de pesquisa prioritária a questão da atuação política feminina. Um dos níveis mais explorados era exatamente o poder institucional, sobretudo acerca da inserção e atuação da mulher no executivo e no parlamento nesses países. O NEM também investiu em pesquisas que davam conta de questões comunitárias, buscando a visibilidade feminina nesses espaços de reivindicação social.

No que tange o espaço da política institucional, vista sobretudo pela ótica do binômio partido político/Estado, as Cientistas Sociais TABAK e TOSCANO²³, em análise da atuação das mulheres desde os anos trinta, lutaram contra o que elas compreendem como sendo: “histórico desinteresse” das brasileiras por essa questão.

Segundo a concepção particular de TABAK²⁴, é evidente que a posição feminina, de uma maneira geral, consolidou sua presença no campo do trabalho extraluar, bem como nos movimentos de insurgência popular resultantes das atividades do mundo privado e público, onde sua atuação trouxe à tona o resultado de grandes conquistas pela cidadania.

Porém, segundo a autora, um dado contraditório preocupante nesse processo, qual seja: o crescimento vertiginoso alcançado nesses espaços pelas mulheres, não se traduziu de forma alguma numa proporção semelhante nas esferas dos poderes legislativo, executivo e judiciário, responsáveis pela elaboração e execução das leis de uma sociedade, apresentadas como deveres e direitos para os dois sexos.

Para a autora, mesmo que alguns grupos feministas (a exemplo das anarquistas e até certo ponto as marxistas) tenham como utopia fundamental a superação definitiva dessas instituições, a exemplo dos partidos, bem como dos poderes executivo, legislativo e judiciário, a curto prazo, tem que se insistir na sua atuação como sujeito coletivo de inovação política, concomitantemente concretizando nesses terrenos de

²²TABAK, Fany e TOSCANO. Moema. Mulher e Política. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

²³ Idem. Pág. 28.

²⁴TABAK, Fany. Op. Cit. Pag. 47.

competitividade as mudanças que possam viabilizar a consolidação das suas próprias lutas reivindicatórias no cotidiano.

Essa preocupação foi tema especial da revista *Veja* no Brasil em setembro de 1994²⁵, onde foram esboçadas diversas opiniões de mulheres estudiosas sobre o assunto, entre elas a da cientista social AVELAR, autora do livro: *O Segundo Eleitorado*. Para ela: “mulher só vota em mulher quando aprova as qualidades da candidata, e não por identificá-la com as causas feministas”; a autora, também nesse sentido, aponta para o grande desafio que é “ter que desfazer a crença da apolitização e conservadorismo do voto feminino.” Foi comentado também oportunamente essa questão política da mulher no final do milênio, que a deputada americana PAT SCHROEDER, procurou reforçar o debate feminino em torno desse espaço e argumentou de forma crítica que:

Pelo fato de ter ficado alijada dos centros de decisão, a mulher de uma forma geral não é a responsável pela inflação, pela corrupção, pela violência, pelo preconceito e pela miséria. Limpar a sujeira dos outros tem sido sua tarefa há milênios, portanto está apta também a cuidar da nova agenda pública dos países - crianças e adolescentes, idosos, meio ambiente etc.

O impulso à participação das mulheres nas esferas institucionais teve um reforço fundamental em 1996, com a orientação do projeto da bancada de mulheres na câmara federal, impondo legalmente aos partidos uma cota mínima de 20% de representação feminina nas campanhas municipais para o legislativo. O resultado imediato dessa nova lei eleitoral, foi a elevação do número 1672 vereadoras eleitas em 1992, à cerca de 5000 atualmente²⁶.

Essa evidente realidade de exclusão política das mulheres, segundo SAFFIOT²⁷ não se restringe apenas aos poderes executivo, legislativo e judiciário, vai muito mais além, estendendo-se aos outros níveis institucionais reconhecidos pelo Estado, onde a presença da atuação da mulher ainda é muito ínfima. É o caso dos sindicatos, que mesmo reconhecidos como espaços de luta por justiça social, direitos etc; pouco

²⁵Revista *Veja*, número 1.084, setembro de 1994. Págs. 50 e 54.

²⁶ Lei número 9100 de 22 de setembro de 1995.

²⁷ SAFFIOTI, Heleieth I. B. Op. Cit. Pág. 48.

fizeram até hoje para incentivar a participação das trabalhadoras de diferentes categorias ocupacionais.

Ou seja, nos sindicatos as questões relacionadas aos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade, são quase sempre deixadas de lado, ora por preconceito, ora por desinteresse para com as suas especificidades, com as problemáticas advindas das particularidades sociais da mulher, consideradas como lutas minoritárias.

Ainda como regra, podemos perceber que a mulher exerce nos sindicatos o mínimo de atividades decisórias, postas muitas vezes aos limites das participações consideradas como secundárias, ou seja, exercendo mesmo funções próximas dos seus papéis mais tradicionais. Sobre a questão da atuação feminina nos sindicatos, FERREIRA e LIMA²⁸, ao analisarem a questão sindical na região Nordeste afirmam:

O sindicato ainda permanece como um espaço de atuação marcadamente masculino. As mulheres têm mais dificuldade em conciliar a atuação nas esferas pública e privada (...) as poucas mulheres que integram as instâncias de direção são geralmente solteiras, o que leva a supor uma restrição por parte mesmo da instituição e da própria família, principalmente do marido, no caso das casadas. No interior de uma cultura em que cabe à mãe ainda hoje a total responsabilidade de criação dos filhos, a disponibilidade para a atividade sindical é diretamente afetada(...)

Não obstante, a atuação política das mulheres teve nas últimas décadas uma grande expansão nos movimentos sociais: Clubes de Mães, Associações de Amigos de Bairro, Lutas Contra a Carestia etc.

Segundo SAFFIOTI²⁹ são movimentos de insurgência que travam suas lutas em torno de certas reivindicações específicas que esperam ver atendidas pelo poder municipal, estadual ou federal; ou ainda pelo empresário privado. Sobre a crescente participação das mulheres nos movimentos sociais assevera PINTO³⁰:

²⁸ FERREIRA, Brasília Carlos. e LIMA, Jacob Carlos. A Modernidade Inconclusa: a experiência operária no Nordeste. João Pessoa: MCS/UFPB, Cadernos de C. Sociais. n 5. 1995.

²⁹SAFFIOTI, Heleieth I. B. Op. Cit. Pág. 48

³⁰PINTO, Celi Regina R. Jardim. Op. Cit. Pág. 133

(...) A importância não só numérica, mas também em termos de liderança, de mulheres em movimentos sociais não transforma estas mulheres necessariamente em feministas, mas faz com que sua posição nas redes de poderes seja transformadora. Podem se apontar três situações que derivam desta inserção: a mulher deixando de atuar no interior da família e nas relações informais de vizinhança e amizade; a mulher passa a articular no interior dos movimentos, lutas diferenciadas em relação aos seus companheiros homens, e mulheres organizadas em torno de questões tradicionalmente femininas passam a questionar sua própria condição de mulher.

Na década de 60, na América Latina, as lutas das mulheres nesses níveis sociais mais localizados despontaram de forma muito espontânea, impingindo no espaço público características inovadoras da atuação política do feminino. Como mostram muito bem HEILBORN e ARRUDA³¹:

(...) O Brasil conheceu uma série de movimentos que envolvem mulheres já na década de 60. O mais conhecido é aquele que passou à história como Marcha da Família com Deus e pela Propriedade, liderado pelo Movimento de Arregimentação Feminina (MAF) que lutava então contra as chamadas reformas de base propugnadas pelo Governo Jango. O golpe de 31 de março introduz uma nova ordem jurídica no país que liquida com os direitos civis e ampara toda uma política de perseguição aos opositores do regime. Nesse contexto, e a exemplo do que se presenciaria mais tarde na Argentina, um grupo de mulheres passa a pedir contas do paradeiro de seus parentes - é o Movimento Feminino pela Anistia. Note-se que a partir da identidade de mães, apoiando-se portanto em uma determinada imagem do feminino, que as mulheres de classe média vão poder ousar desafiar o poder militar e através do apelo aos valores associados à maternidade, tão sacralizados na cultura brasileira, e latina por extensão, que as mulheres armam sua luta política(...)

Alguns estudiosos dos assuntos políticos na América Latina apontam como ponto fundamental para a nova dinâmica que acelerou a participação das mulheres nessas lutas localizadas já nos anos 80, a retomada da democracia, consolidada com

³¹HEILBORN, Maria Luíza. e ARRUDA, Angela. Legado Feminista e ONGs de Mulheres: notas preliminares. In: NEVES, Maria da Graça Ribeiro de. (org.) Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP; Madrid, Instituto de la Mujer, 1995.

grande expressão nessa década, culminando com a seqüência de quedas das forças autoritárias nesses países.

Mesmo baseados na privatização da economia estatal, na mercantilização da política e na redução do poder de funções do Estado, os governos eleitos pelo voto, a partir das experiências anteriores, puseram-se temerosos face aos avanços das reivindicações particulares desencadeadas por mulheres, principalmente daquelas que nunca se identificaram como feministas e sim como mães, esposas, donas de casa etc., mulheres que levaram ao espaço público a própria identidade tradicional como forma de contestação política às adversidades vividas nesses países.

Ao contrário da América Latina, a insurgência desses novos movimentos sociais nos países da Europa e América Central deu-se em um Estado que garantiu o bem estar social, caracterizado pela existência de um excedente econômico suficiente e de pleno crescimento da capacidade de emprego, o que permitiu o maior ingresso das mulheres ao mercado de trabalho, acompanhado de uma grande mobilidade social, contribuindo assim, para o desenvolvimento da liberação política na sociedade. Nesse contexto, as mulheres tiveram acesso a uma tecnologia e serviços que viabilizaram sua própria atuação³².

Do ponto de vista mais amplo, no que tange o papel feminino, sobretudo, no interior dos movimentos sociais, a atuação das mulheres na maioria das vezes transcende *stricto-senso* as demandas reivindicatórias ao Estado, haja vista que sua relação com o mesmo ocorre posteriormente a sua organização. Segundo PINTO³³, são movimentos caracterizados por uma radicalidade própria, à medida em que contém todas as práticas e constitui sujeitos a partir do reconhecimento e presença do seu corpo, marca irredutível de sua condição.

Portanto, dentro dessa nova perspectiva, pode-se interpretar a atuação das mulheres nos movimentos sociais, desde os anos 80, como uma forma distinta e inovadora do fazer política, questionando as contradições sociais, cobrando justiça,

³²SALINAS, Glória Ardaia. *Mujeres y Democracia: la busca de una identidad en el sistema político*. In: *Nueva Sociedad: cultura política y gobierno em los 90*, 134. Caracas: Texto, 1994.

³³PINTO, Céli R. Jardim. *Op. Cit.* pág. 132.

construindo no cotidiano de suas ações a cidadania almejada por muitos outros.

Segundo HEILBORN e ARRUDA³⁴:

É enorme a riqueza da cena política quando as mulheres, enquanto grupo, se fazem presentes. Em primeiro lugar, porque isso assinala uma inegável ampliação do espaço da cidadania, e mais, de uma cidadania que comporta a expressão de interesses nem sempre convergentes com os masculinos. Em segundo, porque, como a história tem demonstrado, as mulheres alargaram a própria esfera de participação e têm encabeçado uma série de movimentos sociais urbanos. Estes caracterizam-se pela demanda por bem de consumo coletivo que, no contexto urbano, são alvo de acirrada concorrência, tais como abastecimento de água, transporte, serviço de saúde e saneamento, e que em verdade não são reivindicações especificamente femininas. Em terceiro lugar, ocorre a produção de um discurso singular que, de algum modo, unifica essa participação feminina pela igualdade de direitos(...)

Uma novidade política particular que não se inscreve, segundo CALDEIRA³⁵, somente numa limitada decisão da mulher de filiação a um partido qualquer ou mesmo ao simples exercício das atividades legislativas, executivas e judiciárias, bem como a uma mera inserção trabalhista nas organizações sindicais. Para autora, o caráter mais peculiar dessa insurgência social à modernidade, que põe a mulher no centro das atividades cotidianas, diz respeito também ao modelo alternativo de política que tem se revelado nas diversas reivindicações e no conteúdo das novas representações gestadas na contemporaneidade:

(...) é na política que se constrói significantes. Mas para que seja possível entender essa afirmação é necessário conceber a política como uma relação de forças sem a mediação obrigatória de instituições e aparelhos ligados ao Estado(...) a lógica dos novos movimentos que acabou repercutindo no comportamento político e no enfrentamento com o Estado, passa pelos mais variados caminhos, em geral bastante privados, e tem um desenvolvimento que está longe de ser linear. É de maneira transversal e fluida que ele se propagou e foi tecendo uma nova imagem e uma nova prática. Não havia nada que

³⁴HEILBORN, Maria Luiza. e ARRUDA, Angela. Op. Cit. Pág. 18.

³⁵CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. Op. Cit. Pág. 134.

predisse esse caminho, como não há nada que possa adiantar acerca de sua durabilidade.

5. O Movimento Feminista: “mãos à obra para o novo mundo”.

Como reivindicação particular, o movimento feminista se inscreve também no quadro das grandes novidades políticas deste século, especialmente a partir dos anos 60, momento que culminou com a ascensão da crítica mais generalizada, pondo em xeque as concepções conservadoras de instituições como a Igreja, a família, as ciências e o Estado. Ação que, segundo HEILBORN e ARRUDA³⁶, se traduzia

(...) na ampliação de espaço na sociedade e pode ser designada por duas referências: o movimento de mulheres ou o feminismo. Distintas, as duas formulações são, contudo, faces de uma mesma moeda; tem em comum o fato de que é o sexo feminino que toma a cena política. A novidade está justamente aí, serem mulheres fazendo política já que tradicionalmente o feminino se aloja distante dessa arena (...)

Nessa conjuntura, o toque de fantasia que tomava conta do debate crítico, dava conta das lutas estudantis, do movimento hippie, da barricada dos desejos, da revolução sexual e, de uma forma geral, da possibilidade de supressão radical dos valores tradicionais cultivados historicamente. Bandeiras expressas de forma muito compatível com a famosa obra marcusiana: “É Proibido Proibir”.

Na década de 70, a concepção de que os tabus chegavam ao fim tomava conta de grande parte dos estudantes, intelectuais, artistas etc. A idéia do enfrentamento de novos e velhos valores passava a ser uma questão de princípio, em especial para as mulheres, que buscavam a todo custo sua “liberdade”.

Em meio às campanhas motivadas pela ONU nessa mesma época, acerca do preconceito sofrido pelo sexo, foram lançados diversos programas em defesa da

³⁶HEILBORN, Maria luiza. e ARRUDA, Angela. Op. Cit. Pág. 17

mulher, contra toda e qualquer discriminação marcada pela desigualdade de condições sociais, mobilizando as feministas em todos os países do mundo, principalmente na Europa e na América Latina.

O resultado dessas campanhas culminou também com a proclamação pela ONU, em 1975, do Ano Internacional da Mulher e posteriormente, em 1976, com o início do Decênio da Mulher. Esse incentivo singular na história dessa instituição reforçou o conteúdo das primeiras atuações políticas dos movimentos feministas, sintetizando-o em denúncias aos valores da cultura patriarcal/capitalista, que historicamente dividiu os espaços da casa e da rua, delimitando as atribuições dos papéis sociais a serem ocupados por homens e mulheres na sociedade.

Cabe observar, mais uma vez, que a industrialização capitalista assegurou uma revolução fundamental na separação dos mundos público e privado, haja vista que, além de modernizar e ampliar os espaços do trabalho, proporcionou no campo das inovações tecnológicas a inserção da criatividade, entre as quais a feminina, posta a partir daí à competitividade com as atividades masculinas, bem como a luta pelos direitos comuns em diversas ordens. É o que afirmam HEILBORN E ARRUDA³⁷:

(...) com essa inserção da mulher, principalmente nos países do Norte, se retoma uma problemática já esboçada nas primeiras décadas do séc. XX em torno, primeiro, das garantias ao trabalho feminino e depois, em relação ao direito de voto. Surge então um conjunto de idéias que articula esses temas anteriores a uma análise da discriminação da mulher na sociedade. Esse novo discurso, chamado de novo feminismo, que é extremamente variado e cheio de matizes, possui um denominador comum: o questionamento da divisão tradicional dos papéis sociais entre homens e mulheres (...)

No exercício das novas atividades, próprias do mundo considerado culturalmente como espaço da racionalidade, as mulheres desenvolveram o potencial acadêmico, na perspectiva de atender às demandas intelectuais de determinadas funções profissionais no espaço público.

Um exemplo paradoxal da apatia das mulheres com o mundo racional no Brasil foi a escritora norte riograndense Nísia Floresta, que há mais de um século antes de

³⁷HEILBORN, Maria Luiza. e ARRUDA, Angela. Op. Cit. Pág. 15.

todas essas mudanças do nosso tempo já havia publicado, em 1832, a obra revolucionária “Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens”. Nestes e noutros escritos, seu principal legado foi contribuir para desfazer os preconceitos e o mito da incapacidade intelectual feminina existentes na época e de demonstrar a importância da formação acadêmica no desempenho satisfatório das mulheres; ou seja, para ela, a inserção feminina nesse meio era uma forma eficaz de pleitear sua emancipação política.³⁸

Do ponto de vista científico, devemos também fazer uma ressalva ao surgimento da pílula anticoncepcional, fundamental para o fortalecimento da revolução sexual iniciada nos anos 60, pondo em evidência a importância da consciência política do direito da mulher sobre o seu corpo.

Essa novidade fomentou importantes campanhas feministas, principalmente na Europa, a exemplo da Marcha das Mulheres, na França, em 1979, que desfraldou a bandeira de protesto: “Um Filho, se Eu Quiser e Quando Quiser”. Segundo TOURAINE³⁹, a essência destes e doutros protestos pode ser resumida na:

(...) luta contra a imagem que o homem tem da mulher: aquela que dá à luz e educa os filhos, que agrada e nutre o homem, que lhe prega os botões e o consola, seduz e satisfaz. As amarras que as mulheres querem romper são tão fortes, estão de tal forma marcadas em suas personalidades e nas dos homens, que sua ação desponta como provocadora (...)

A crítica política desencadeada pelas feministas nessa década, além de contestar a segregação do espaço privado e público, separados como espaços da emoção e da razão, da reprodução e da produção, gerou, em segundo momento, a necessidade de diluir tal diferença, buscando, ao contrário, integrá-los, trazendo para a competitividade os sentimentos do prazer e da emoção e, em contrapartida, levando ao mundo privado a importância da racionalidade para seu planejamento e transformação. Assim, a partir dessa ótica, para elas, a decisão de se fazer um filho passa a ser pensada

³⁸DUARTE, Constância Lima. Nisia Floresta: vida e obra. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Literatura Brasileira. Vol. 1. São Paulo: 1991. Pág. 243 - 273.

³⁹TOURAINE, Alain. O Pós Socialismo. São Paulo: Brasiliense, 1988. Pág. 121.

como racional, da mesma forma que a atividade operária empreendida na fabricação de um carro pensada, como emotiva.

Nesse sentido, TOURAINE⁴⁰ afirma que as primeiras provocações feministas, nos anos 60/70, contra a ordem culturalmente estabelecida pelo mundo falocrático, incidiram mais de recusas do que de aceitações, mais de separação do que de participação, sintetizando assim, as duas diretrizes norteadoras da atuação política feminista nesse momento: a primeira, reivindicando a liberdade e igualdade entre mulheres e homens; a segunda, incitando-as contra um sistema que caracterizou a mulher como dominada e o homem como dominador.

Foi com essa proposta de denúncia inovadora, radicalizando a crítica face às díspares posições dos papéis sexuais na sociedade, que elas, na década de 70, não só escandalizaram os meios institucionais machistas e conservadores, como também confundiram de forma polêmica todos os segmentos sociais femininos, até mesmo aqueles que se consideravam mais organizados politicamente. É precisa a interpretação de STUART⁴¹ ao analisar a particularidade do movimento feminista em relação a outros movimentos de mulheres:

A feminista é aquela mulher que não denuncia apenas a pobreza das trabalhadoras do seu sexo. Não é também aquela militante política que protesta contra a carga brutal de trabalho. A feminista vai mais longe e mais fundo. Ela denuncia e atua sobre a discriminação mais íntima, mais arcaica, mais dolorida e mais ameaçadora. Fala da tirania na relação homem-mulher. Protesta contra a mais velha das dominações, aquela que se faz sobre o estreito território do corpo (...) escandaliza porque quer abolir uma lei muito antiga: a do comando do homem sobre a sexualidade da mulher. Diante dessa pretensão, desse desafio, não são só os homens que recuam, assustados e galhofeiros. A maioria das mulheres também se sente acuada e se defende com a frase: sou feminina não sou feminista.

Portanto, além de contribuir para o surgimento de organizações de mulheres nessas duas décadas, o feminismo proporcionou uma criteriosa e polêmica revisão dos

⁴⁰Idem. pág. 122.

⁴¹STUART, Heloneida. *Mulher, a Quem Pertence Teu Corpo?*. Petrópolis: Vozes, 1993.

padrões morais tidos como absolutos. Quanto a essa questão assevera HEILBORN e ARRUDA⁴²:

O feminismo comprometido com todo esse ideário leva mais longe ainda a premissa de que o pessoal e o privado são significativos e politicamente relevantes. Dessa maneira, as relações na família, no casal e no lar são submetidas a um exame rigoroso no sentido de desmistificar a ideologia da intimidade e da maternidade. Na verdade, o feminismo investiu contra a separação entre o domínio público e privado, propondo, senão uma demolição total das fronteiras entre essas esferas, um embaralhamento dos signos que as qualificam. Na sua agenda de lutas políticas, os temas ligados à sexualidade e aos direitos reprodutivos ocupam coerentemente um lugar de destaque.

Cabe lembrar que, na realidade brasileira, o feminismo nasceu colado a uma conjuntura autoritária que se estendia em toda América Latina. Assim, os primeiros movimentos de mulheres no país foram vistos como subversão aos padrões morais em curso.

Em consonância aos debates feministas na Europa e na América, as feministas criaram, em 75, o CMB (Centro da Mulher Brasileira), instituição que permitiu ampliar no espaço público as questões políticas direcionadas à mulher na sociedade, entre as quais: a luta por melhores salários, empregos, família, corpo, prazer etc..

Diretamente solidárias com as lutas pela retomada da democracia, as feministas brasileiras, no princípio das suas organizações nos anos 70, enfrentaram grandes impasses na articulação de suas propostas com as dos movimentos de esquerda atuantes na época. Questões defendidas como específicas por elas eram postas em segundo plano e consideradas como divisionistas da unidade de confronto com o regime militar.

Esse debate em torno de uma agenda de prioridades políticas provocou divergências de posições nos projetos da esquerda com os dos movimentos das minorias, em especial, com as lutas feministas. Segundo SAFFIOTI⁴³:

⁴²HEILBORN, Maria luiza. e ARRUDA, Angela. Op. Cit. Pág. 16

⁴³HELEIETH, Saffioti. Op. Cit. Pág. 89.

Estes grupos políticos não hesitavam em rotular de lutas menores, secundárias, e até de desvios ideológicos (...) alegavam que a luta de classes e o combate ao regime era uma luta maior porque beneficiava a um número maior de pessoas (...) lutar contra o patriarcalismo era lutar contra uma coisa que só atingia as mulheres (...)

Todavia, a polêmica resultante desses impasses não impediu, nas décadas de 70/80, a decisiva instauração do debate sobre a mulher no Brasil, fato que, segundo MURARO⁴⁴, fez recuar os excessos machistas presentes nos espaços público e privado em nossa sociedade.

Assim, o movimento feminista brasileiro, a exemplo do que estava ocorrendo em países da América e Europa, conseguiu expressar no espaço público, a crítica às questões contraditórias de nossa sociedade, entre elas: a discriminação sexual, passada em silêncio histórico na nossa cultura.

6. O Estudo de Gênero: uma novidade na novidade.

Após o despontar das primeiras lutas feministas, começa a se organizar em vários países da Europa e da América grupos de estudos sobre mulher, com a perspectiva prioritária de investigar e aprofundar teoricamente as disparidades colocadas pelos papéis sexuais masculinos e femininos.

Essa reflexão teve início na década de 60, aprofundou-se nos anos 70 e se deu principalmente pela necessidade do olhar feminista para si mesmo. Afirma SAFFIOTI⁴⁵ que esses estudos são muito recentes, devido ao número muito pequeno de estudiosos, em sua maioria absoluta mulheres, dedicados nesse momento à temática feminina, sendo a principal questão de enfoque, as injustiças sociais vividas pelas diferenças dos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade.

⁴⁴MURARO, Rose Marie. Os Seis Meses em que Fui Homem. 4a. edição, Rio de Janeiro: Rosas do Tempo, 1991. Pág. 106.

⁴⁵HELEIETH, Saffioti. Op. Cit. Pág. 92

Era também o momento de refletir criticamente o sentido da atuação feminista, que mergulhadas no ativismo político dos projetos emancipatórios, muitas vezes perdiam de vista o alvo do próprio confronto, tornando-se em alguns momentos reféns das suas próprias práticas.

Levantando as mais diversas bandeiras, sintetizadas pela luta da igualdade nas relações de gênero, chegaram em muitos momentos a provocar graves distorções em seus projetos emancipatórios, tornando a defesa do feminino embotada de preconceito e antipatia. Segundo SAFFIOTI⁴⁶

Rigorosamente não existia nesse momento, como ainda não existe hoje, um só feminismo, pois já havia diferentes bandeiras levantadas (...) Tais distinções decorriam do enfoque político dado por cada grupo (...) Embora a tendência majoritária seja ainda hoje a de respeitar os homens, que são considerados frutos da educação que receberam, e de lutar pela conscientização de homens e mulheres sobre a necessidade de se criarem condições nas quais ambas as categorias de sexo possam receber igual tratamento (...) a palavra feminismo ainda tem hoje uma conotação negativa, pejorativa (...) por isso, em geral as feministas temem autodenominar-se (...)

A percepção crítica fundamental nesse momento girava em torno da idéia que se constituiu acerca do espaço público, a partir da ótica de que esse era o espaço a ser alcançado como conquista última no processo de disputa dos diferentes sexos. Porém, não demoraram e as reflexões críticas se colocaram opostas a essa perspectiva, haja vista que a integração em massa das mulheres no campo do trabalho serviu também como experiência para se perceber que esse mundo tão almejado estava cada vez mais distante dos seus anseios de mulher. Ou seja, o espaço tão idealizado como o da liberdade, continuava a ser construído de recusas, divisão, insatisfação, competitividade, prisão e castração da felicidade de homens e mulheres.

Para MURARO⁴⁷, o mundo no qual as mulheres buscavam sua inserção era masculinizado e sem qualquer espaço para o feminino, pois, este caminhava em sentido inverso e a inserção nesse espaço representava sua prisão nas instituições falocráticas,

⁴⁶Idem. Pág 93.

⁴⁷MURARO, Rose Marie. Op. Cit. pág. 18.

fato que as obrigava a abdicarem de sua especificidade de mulher para se tornarem o próprio homem.

O ponto de partida para essas reflexões foi a própria definição conceitual do gênero, tendo como base as pesquisas desenvolvidas pela Antropologia, que serviram para minimizar ainda mais a dimensão biológica em face da questão sócio-cultural. Segundo HEILBORN⁴⁸, a partir dessa compreensão pode-se afirmar:

Gênero é um conceito das ciências sociais que se refere à construção social do sexo. Significa dizer que a palavra sexo designa agora no jargão da análise sociológica, somente a caracterização anatomofisiológica dos seres humanos e a atividade propriamente dita. O conceito de gênero existe, portanto, para distinguir a dimensão biológica da social. O raciocínio que apoia essa distinção baseia-se na idéia de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é realizada pela cultura(...)

Esses estudos vieram convergir com outras críticas teóricas desenvolvidas nesse momento, em particular a questão da pós-industrialização e sua oposição às meta-narrativas modernas, debates que colocaram no alvo da crítica a atuação feminista, face ao princípio conceitual que concebia a mulher como essência universal, consequentemente tomando o homem como oposto natural da dominação⁴⁹.

A redefinição desse debate passava assim para uma ordem de interpretação crítica. O ponto de partida foi entender que as feministas não eram responsáveis pela revelação de uma nova verdade histórica, mas por uma explicação parcial de uma realidade dinâmica que envolvia homens e mulheres. A partir daí começou a se perceber nas relações de gênero uma relação de poder, exercida em diversos espaços sociais, como família, trabalho, amor, enfim, todos os espaços da vida pública e privada.

Essa nova concepção se impôs como reflexão às feministas, que começaram a pensar nas contradições entre os sexos a partir de uma análise das relações dos

⁴⁸HEILBORN, Maria Luíza. Gênero: uma breve introdução. In: NEVES, Maria da Graça Ribeiro de. (org.) Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP; Madrid, Instituto de la Mujer, 1995.

⁴⁹SORJ, Bila. O Feminismo na Encruzilhada da Modernidade e Pós-Modernidade. In: Questão de Gênero. São Paulo: Brasiliense, 1992.

gêneros, com uma visão nova do fazer ciência, buscando assim, saltar fora da lógica de todo e qualquer modelo de interpretação gestado na modernidade. Sobre esta questão, assevera MURARO⁵⁰:

(...) criar uma epistemologia a partir da mulher nova e do homem novo que se encontre na relação, e na solidão. Todas as ciências de hoje (...) são ciências de confrontação, de oposição e não de integração e conciliação (...), são jogos de força e não de atração.

O desafio fundamental dessa prática científica inovadora foi desvendar as explicações biológicas do ser mulher e homem. Ou seja, fazendo entender que as identidades macho e fêmea fazem parte de um condicionamento cultural que acontece desde o momento da descoberta da gestação da vida. Dessa forma, a questão sexual à luz, da teoria de Gênero, passou a ser tomada numa concepção anti-essencialista, fato que possibilitou criticamente romper com as noções de inferioridade natural, historicamente identificadas com as condições físicas e intelectuais da mulher. E mais, demonstrar que o argumento biológico só foi utilizado a fim de mostrar a ausência de fundamentação científica da ideologia da 'inferioridade' feminina, bem como, explicar definitivamente que os fenômenos orgânicos também fazem parte de uma elaboração sócio-cultural. Quanto a essa questão assevera BELOTTI⁵¹

A cultura a qual pertencemos, como qualquer outra cultura, serve-se de todos os meios à sua disposição para obter dos indivíduos dos dois sexos o comportamento mais conforme os valores que lhe interesse conservar e transmitir (...) arrebanhar a cadeia de condicionamento que se vai transmitindo quase que intacta de uma geração para outra não é tarefa simples, mas existem momentos históricos em que tais operações podem resultar mais fáceis que noutros. Como hoje, quando todos os valores da sociedade estão em crise e entre estes o mito da natural superioridade masculina (...) haja vista, que tendo consciência de que o sexo não é determinado de uma vez por todas, e para sempre, pelos caracteres sexuais anatômicos típicos; que a identidade sexual deve ser adquirida pela criança através da cultura (...) deve-se então começar a mudança desde os primeiros anos de

⁵⁰MURARO, Rose Marie. Op. Cit. pág. 261.

⁵¹ BELOTTI, Elena Gianini. O Descondicionamento da Mulher: do nascimento à adolescência. Petrópolis: Vozes, 1975.

infância, eliminando todas as diferenças de valores de posições superiores e inferiores entre os filhos (...)

Situando-se nesse mesmo campo, SAFFIOTI⁵², em suas análises das relações de gênero, insiste na importância de se explorar no estudo dos gêneros a referência da política e do poder, fundamentada na simbiose do patriarcalismo/capitalismo. Segundo a autora, uma questão é fundamental: o sexo não se explica no plano biológico, ao contrário, ele sofre alterações históricas e sociais, que só podem ser negligenciadas quando naturalizamos os processos históricos. Para ela, devemos atentar para o processo de naturalização do elemento dominação/exploração entre homens e mulheres, cuja intensidade sofre variações em cada sociedade.

É nesta direção política da conquista e imposição que a identidade de gênero dominante e dominado se constrói e, através das relações de poder, estende-se nos diversos espaços sociais. É assim que SAFFIOTI⁵³, apoiando-se até mesmo em novas referências, como FOUCAULT, afirma que o poder está constantemente presente nas tramas relacionais dos gêneros. Segundo a autora :

(...) concepções de gênero, organicamente construídas, interrelacionam-se dialeticamente, dando assim, ensejo à superação das contradições nelas contidas, através da prática política. Esta constitui uma razão nuclear para não se fugir do conceito de poder, quando analisar as relações de gênero(...)

Portanto, foram contribuições como essas e tantas outras, trazidas ao debate da mulher, nos anos 70, pelos estudos de gênero, que ampliaram os horizontes políticos das atuações feministas pois, somente a partir do fundamento instigante dessa nova crítica que começaram a refletir teoricamente sobre o que representava a transformação radical de uma complexa cultura, legitimadora de um poder que em suas relações aprisiona homens e mulheres.

⁵²SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: *Questão de Gênero*. São Paulo: Brasiliense, 1992. Pág. 191-193.

⁵³SAFFIOTI, Heleieth I. B. Op. Cit. pág. 193.

CAPÍTULO SEGUNDO

DA VIDA PARA POLÍTICA: histórias e realidade.

1. Um Retrato Histórico da Cidade⁵⁴.

O município de Nova Palmeira localiza-se na Mesorregião do Sertão paraibano, em uma área de 201 quilômetros quadrados, limita-se ao norte pelo município de Picuí; ao sul, pelo de Pedra Lavrada; ao leste, pelos de Picuí, Pedra Lavrada e Cuité; e ao oeste, pelo Estado do Rio Grande do Norte.

O povoado teve início em 1880, época em que Francisco Bezerra de Medeiros, conhecido como Chico Caçote, adquiriu uma propriedade e trouxe toda sua família para implantar a fazenda Jerimum, no local onde está edificada a cidade.

Nessa mesma época, vieram também, acompanhados de seus parentes, os senhores Pedro Antônio dos Santos, José Bezerra de Medeiros e Manoel Clementino de Mendonça.

No terreno doado pelo pioneiro Francisco Bezerra de Medeiros, foi construída, em 1918, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Guia, escolhida como Padroeira da Povoação.

Dos habitantes que originaram a comunidade, além dos seus pioneiros, destacam-se os cidadãos: Manoel Belarmino de Macedo, Tomás Martins de Medeiros e José Amaro Dantas, por estarem relacionados entre os primeiros habitantes a constituírem grandes famílias.

Já nos anos 50, o nome Jerimum foi mudado para Nova Palmeira por sugestão do senhor Manoel de Souza Lima, então prefeito de Picuí, município a que pertencia o povoado.

Para dar significado cultural ao novo nome da comunidade, o prefeito levou a Nova Palmeira duas mudas da árvore, plantando-as em lugar de destaque.

Com seu paulatino progresso econômico fundado na pequena rede comercial, na agricultura de subsistência, na pecuária e sobretudo no minério, o povoado conseguiu elevar-se politicamente à categoria de distrito, em 1961, e posteriormente à de município, pela lei estadual de número 3.102, de 14 de outubro de 1963, desmembrando-se simultaneamente do município de Pedra Lavrada a quem seu território pertencia geograficamente.

⁵⁴Informação adquirida através dos estudos do IBGE e das pesquisas desenvolvidas pela vereadora e poeta popular Marizinha.

Do ponto de vista educacional, desde os primórdios da comunidade que as mulheres tiveram uma evidente predominância sobre os homens, alfabetizando, durante décadas, gerações de alunos, em sua maioria do sexo feminino.

As primeiras educadoras da cidade foram, Nisa de Juvino, Josefa Emília Bezerra, Josefa Eunice, Dona Nevinha, Marli Moura Bezerra e Benedita Cordeiro, formadoras de toda a população que frequentou a escola e desenvolveu o conhecimento.

Os frutos desse interesse educacional, refletem ainda hoje um contraste com a realidade social de miséria do município, onde o Censo de 91 revelou um dado surpreendente, qual seja: em Nova Palmeira, ao contrário dos demais municípios da região, 50,3 % de sua população acima dos 5 anos de idade encontram-se alfabetizada, o que representa cerca de 2.931 habitantes, sendo 738 na zona urbana e 737 na zona rural, em sua maioria mulheres.

Parte significativa dessa geração de mulheres enveredou para o campo artístico, intelectual e político, a exemplo da deputada estadual do RN Fátima Bezerra e da renomada poetiza Zila Mamede, autora de diversas obras de repercussão literária, entre elas “Rosa de Pedra” (1953).

Em vista das poucas oportunidades de trabalho criadas anualmente, como nos informa o Censo de 91, a remuneração média da população não chega atualmente a ultrapassar o número dos 32,00 reais mensais, o que provocou um crescimento vertiginoso nas condições de miserabilidade da região do Curimataú.

De acordo com essa realidade, em Nova Palmeira, cerca de 2.045 habitantes vivem em condições de total indigência, o que correspondem a 75 % de toda a população da cidade.

Mediante o impacto dessa conjuntura em que a miserabilidade se impõe cotidianamente, ao longo de sua história, o município vivenciou grandes eventos políticos e sociais, expressos, em sua maioria, nas reivindicações das demandas populares ao Estado.

Porém, nesse cenário de organização do poder político, as mulheres tiveram uma contribuição histórica decisiva, haja vista a sua participação em todos os espaços sociais da cidade.

Portanto, na trajetória política de Nova Palmeira, a visibilidade histórica das mulheres sempre teve destaque especial nos mais diversos níveis de engajamento social, ou seja em Partidos Políticos, e, mais recentemente, nas Organizações Sindicais, Associações Populares, ONGs, Pastorais, Grupos Catequistas, Agentes de Saúde etc.

2. De Casa para Rua, da Rua para Casa: breves anotações acerca do nível de convivência dos moradores de Nova Palmeira -PB.

O estilo de vida das pessoas em Nova Palmeira retrata, ainda hoje, um cenário cotidiano caracterizado pela origem da vida rural; afinal, sua condição urbana é bastante recente, passou ao nível de distrito rural em 1961 e emancipou-se como município em 1963.

É uma pequena cidade, caracterizada pela pobreza, com precárias condições comerciais, onde predominam, ainda hoje, o trabalho na agricultura e a extração do minério, em contraste com as poucas atividades criadas pelos serviços públicos do Estado e do município, que exigem o mínimo de qualificação educacional para leitura e a escrita; habilidades desenvolvidas com sucesso principalmente pelas mulheres.

As ruas são pouco arborizadas, sem muita vida urbana, restritos meios de transportes e precários sistemas de comunicação, dando o tom sombrio de maior isolamento da cidade.

Desde a entrada da cidade, já se avista discretamente a Prefeitura e a Câmara Municipal; mais adiante, duas pequenas escolas e uma pracinha defronte a Igreja. Praticamente esses são os únicos espaços de convivência urbana e de lazer para os moradores.

Esse é o retrato de um urbanismo precário, intensificado pelo descaso dos poderes públicos com as questões do nível de emprego e renda, saúde, saneamento básico e educação.

Esse retrato de negligência social foi recentemente divulgado pelo Mapa da Fome do IPEA, revelando Nova Palmeira como o quadro mais alarmante de miserabilidade da região do Curimataú e um dos mais pobres do Estado da Paraíba.

Ou seja, 75% dos seus habitantes, algo em torno de 2.045 moradores do campo e da cidade, vivem em situação de grave indigência. O mapa aponta, também, como principais agravantes desse quadro: as péssimas condições de saúde, a falta de alimentação básica, o subemprego e o baixo rendimento familiar.

Do ponto de vista da saúde, as condições são as piores possíveis. Existe um pequeno posto assistencial para toda a população, faltam médicos e odontólogos, ambulâncias e medicamentos básicos para serem distribuídos com a população carente. É o que nos informam a seguir:

Quando adoecer alguma pessoa aqui a gente tem que recorrer à prefeitura pra tirar a pessoa pra Picuí ou pra Campina Grande, se for adversário dele, aí a coisa tá complicada, que bate a porta na cara ...a gente vê isso aqui todo dia, se contar ninguém acredita, pensa que é exagero né?...mas a saúde aqui é um caso de polícia ... pra completar teve um desvio de mais de 500 mil reais que veio do ministério, essas verbas do governo federal que é destinada às cidades mais pobres do Brasil ... Abriu o chão e fechou e ninguém teve mais notícia... é um absurdo mesmo, só vendo pra poder acreditar... (informante 1)

Quando é no desespero mesmo o jeito que tem é bater na casa do prefeito... num tem jeito mesmo né?...a minoria eles dão assistência e a maioria do povo vive aí, um rebanho sem pastar né? Aqui, se adoecer uma pessoa que não for da família deles, como se diz, só falta morrer à mingua...como a gente sabe que a prefeitura tem que fazer isso, vai e pede a ele...Dr. Railton ajuda muita gente em Campina...é um braço da gente lá, se num tivesse ele, eu acho que a coisa tava desmantelada de vez ... (informante 5)

Quanto à questão alimentícia, a prefeitura não repassa com regularidade os investimentos federais destinados à compra e distribuição das cestas básicas. É o caso da merenda escolar, que teve os recursos cortados por falta de lisura em sua comprovação ao Tribunal de Contas.

Nas épocas de seca, a saída para o desemprego são as Frentes de Emergência do Estado, que não passam de manobras paliativas de controle temporário da miséria. Sem atender ao real quadro de exigência das demandas sociais, essas frentes são transformadas em objeto de manipulação política, sob a administração direta dos aliados governistas em benefício eleitoral.

Porém, essa convivência com a miserabilidade social retrata um empobrecimento histórico da comunidade, que advém dos tempos mais remotos de sua formação e acentuou-se com a “insensibilidade” dos poderes públicos nas esferas federais, estaduais e municipais, e sua ótica administrativa de descaso político aos problemas sociais há mais de uma década, como expõe os informantes seguintes:

Aqui em Nova Palmeira, já virou moda o poder deixar de lado as coisas que devem ser feitas em prol do povo...desde o governo de Bento Coelho, em 70 e pouco...até antes mesmo né? que as coisas são desse mesmo jeito, agora, se alguém for falar alguma coisa é porque é bagunceiro, é comunista. Ninguém toma iniciativa de nada...só a gente que tenta fazer alguma coisa pra ver se ameniza o problema...no CENEP a gente distribui merenda, dá curso, aula, coisas que eram pra ser feitas pela prefeitura, e o Estado é quem recebe dinheiro pra fazer...(informante 2)

Eu morei aqui, até os 9 anos de idade...faz trinta e poucos anos que eu saí daqui, embora eu venha religiosamente aqui ...do que eu me lembro até esse tempo...tenho ainda gravado aqui na minha memória... é ... lembro... um...a imagem que vem sempre desse tempo é a de uma cidadezinha muito pobre, com apenas uma rua e com meia dúzia de casas, sem eletricidade. O comércio era restrito a uma pequena mercearia...Uma cidade totalmente isolada...porque as estradas eram poucas e ruins. A informação era muito precária, as pessoas não tinham conhecimento de nada, era muito raro alguém ter um rádio em casa ... televisão, nem existia ainda ... Hoje eu tenho uma avaliação muito negativa quanto ao futuro dessa cidade, quando a gente olha e vê que o povo continua extremamente pobre e desenformado das coisas dá um desânimo muito grande...Eu costumo dizer que no passado as coisas davam errado por falta de competência ou ingenuidade de quem governava, né?, mas hoje não, hoje o que a gente vê é que quem tá no poder faz questão de errar em benefício próprio, sem se preocupar com a cidade...(informante 21)

Nesse contexto, a vida cotidiana da população é muito árdua e, quase exclusivamente, dedicada à labuta. Em outras palavras, de sol a sol, o cotidiano, podemos dizer, resume-se à luta pela sobrevivência. E isso a despeito do gênero e da idade. Vida e trabalho é uma coisa só, realidades compostas na mesma moeda social.

É comum em Nova Palmeira, a exploração das atividades infantis, sobretudo na agricultura e no minério, únicos espaços rentários de sobrevivência coletiva. A exploração porém, tem origem na própria família, à medida em que todos os seus membros, indiscriminadamente, são integrados ao trabalho.

Nesse sentido, as crianças, principalmente na zona rural, desde muito cedo, são educadas no trabalho, para o trabalho. Tão logo adquirem condições de andar e falar, elas já começam a realizar pequenas tarefas que são distribuídas pela família.

Dessa maneira, as pessoas compartilham desde cedo as obrigações cotidianas e, além do mais, incorporam o trabalho como atividade de valor primordial. Um informante relata em sua fala um pouco dessa realidade:

...eu acho que já nasci pegando no pesado (rindo)... todo mundo lá em casa foi pro cabo da enxada ainda gurizinho, acho que com 5, 6, anos mais ou menos, só eu e outro que sabia ler uma coisinha e assinar o nome... porque a gente fez até o primeiro ano...já o resto, nem isso sabe... tanto é que mora tudo no sítio, trabalhando na roça...é vida de pobe mesmo, né?... tem que pegar mesmo no pesado, se não morre de fome...se tiver medo de pegar no pesado ele tá lascado...(informante 11)

Trabalham em ocupações manuais, rotineiras, porque, em geral, não possuem qualificação profissional (quebrando pedras no minério ou cuidando do gado e da roça). No lar, as mesmas atividades manuais se repetem (cozinha, limpeza, conserto de maquinaria e equipamentos da casa, além das responsabilidades com as crianças mais novas). Não há, no geral, “férias” ou cortes de cenários na rotina dessas famílias.

No entanto, a fadiga e o desgaste do trabalho, acumulam-se na monotonia do próprio viver, na rotina de um cotidiano sem novidades. Um modo de viver familiar empobrecido e estressante. É o que expressa o informante seguinte:

Na associação, nossa proposta era principalmente o esporte e o lazer. A gente pensava em dar alguma motivação aos jovens da cidade (...) eu não sei se você já deu pra ver, mas aqui é um cemitério (...) a animação é zero (...) falta tudo, a gente só mora aqui porque gosta mesmo da cidade, porque se não (...) eu nem sei dizer (...)
(informante 14)

Todavia, problemas e conflitos, criados nessa rotina, não impedem a manutenção e solidez dos laços de solidariedade conterrânea e parental dos moradores da comunidade. Principalmente na zona rural, onde apesar do isolamento espacial das pequenas e médias propriedades, as pessoas valorizam as tradições da camaradagem e o compadrio:

Eu nasci e me criei aqui no sítio, minha vida foi todinha aqui nas Porteiras e Passage (comunidade rurais vizinhas)...todo mundo mora arredó, é familia, amigo, cumpade...é um povo humilde, muito humilde... todo mundo se ajeita como pode, um dá a mão ao outro e vai levando a vida né? com as graças do nosso bom Deus...Aqui a gente faz reunião da associação, faz celebração da igreja, faz festa... é um povo humilde mas muito animado ... (informante 5)

Na zona urbana, percebe-se ainda hoje que não existe uma distância física entre as casas. No passado, essa aproximação de espaços era vivenciada pelos estreitos vínculos de relacionamentos entre familiares e amigos. Uma porta aberta para outra e destas para a rua.

Os vizinhos não faziam cerimônia para adentrar nos espaços privados. Pela porta da frente ou pelo portão do quintal, eles passavam cotidianamente. Todas as pessoas se conheciam, sendo assim, convivia-se com a ajuda mútua do amigo e do parente, num processo de profunda sociabilidade privada e pública.

O corriqueiro bate papo do fim de tarde, as estórias de vida contadas pelos mais velhos, as brigas, as lamúrias, o namorico na calçada, as brincadeiras da molecagem, a pinga do botequim, o futebol da frente de casa, a refeição compartilhada etc. Traços de uma originalidade marcante na representação da convivência dos moradores de ontem e de hoje, em Nova Palmeira. Sobre essa questão, afirma SARTI⁵⁵:

Essa tradição mantém-se, assim, no plano simbólico, como uma referência fundamental da existência. Pensam seu lugar no mundo a partir de uma lógica de reciprocidade, em que o que conta decisivamente é a solidariedade dos laços de parentesco e de vizinhança com os quais viabilizam a sobrevivência cotidiana(...)Seus projetos são formulados de acordo com a tradição, caracterizada pela

⁵⁵ SARTI, Cynthia. Op. Cit. Pág. 47.

preexistência de hábitos e padrões que moldam os comportamentos e, conseqüentemente, pela precedência do todo sobre as partes(...)

O recorte desse retrato provinciano guarda na atualidade traços de uma originalidade presente na memória de alguns informantes, apesar das inevitáveis alterações na convivência pública e privada.

As novidades advindas “do lugar grande” começaram com a chegada do rádio nos anos 60 e se aceleraram com a novidade musical do toca-disco, mais adiante da televisão e outras tantas produções tecnológicas que se tornaram comuns em qualquer espaço social existente no nosso país. Essa realidade é retratada por nosso informante seguinte:

*...a realidade daqui é como a de outras pequenas cidades de mesmo porte...cidades que se desenvolveram...com todo atraso, tinha uma coisa muito interessante...que...como aqui era bem dizer uma zona rural...todo mundo vivia em família ...todo mundo se conhecia na cidade, entrava na casa de um, almoçava na casa de outro e era assim...nesse tempo, as pessoas mais velhas se encontravam muito pra conversar, contar aquelas histórias dos tempos passado....tinha as novenas que as mulheres saíam pra fazer nas casa...Eu me lembro que pra namorar era muito engraçado, como a cidade só tinha uma rua, poucas casas, sem energia, novidade não existia, a rotina era uma só, né? Então o jeito era ficar na porta da casa até umas 9 horas e depois ir embora...era, digamos assim, um espaço muito original...Eu me lembro também ... é ...que quando alguém ia embora da cidade, que era muito difícil de acontecer... e voltava, era aquela novidade toda, todo mundo querendo saber como era as coisas da cidade grande. E hoje, isso tudo mudou muito, Nova Palmeira, apesar de continuar muito pobre, já tem a televisão a cores, o video cassete, estrada asfaltada, tem um ônibus diariamente pra Campina Grande...é...quer dizer, uma cidade que cresceu em vários aspectos, menos no social, porque a miséria do povo tá pior do que antigamente(...)
(informante 21)*

Em momentos ímpares durante o ano, essa rotina de dedicação árdua e exclusiva à labuta é quebrada na cidade, com os festejos de tradições profanas e religiosas, como: Natal, Festa de Padroeira, Festas Juninas, Semana Santa etc.

Como antigamente, preservam-se ainda hoje, em Nova Palmeira, as tradições dos folguedos, dos bailes, das missas, procissões etc. Eventos que se traduzem principalmente na história da fé e de alegria profanas.

Nessas datas específicas, as pessoas enfeitam a cidade para receber os visitantes, em sua maioria, parentes e amigos de outros lugares e ex-moradores, que oportunamente comparecem nesses momentos.

As calçadas são pintadas de branco; a Igreja, a Prefeitura, as escolas e as ruas são enfeitadas de forma típica. Colocam-se balões, bandeirinhas e lâmpadas espalhadas por toda a cidade.

Entre a Praça e a Igreja, em algumas festividades, como em homenagem a Padroeira da cidade, é construído um grande pavilhão de madeira e palha, que serve de espaço de acomodação para os que querem dançar e beber ao som de uma banda musical.

Da igreja à pracinha, e destas ao local da festa as pessoas circulam; homens e mulheres, ora rezando na igreja, ora bebendo nas barraquinhas, crianças debruçando-se nas brincadeiras trazidas pelos pequenos parques de diversões de outras cidades. Enfim, todos procuram quebrar a rotina da vida da cidade. É o que demonstra nossos informantes:

Todo ano, a gente quando pode, faz uma animação de São João aqui mesmo no sítio...quando num pode fazer aqui, é que a gente faz uma forcinha pra levar todo mundo pra Nova Palmeira...só o meu esposo que num gosta muito dessas coisa e tem também as filha casada, né? que tem de cuidar dos menino, agora o resto não, os meus meninos mesmo, os soltero se dana pra lá, vão beber nos forró e só volta o dia raiando...já eu, sempre gostei mais de ir pra Igreja nessas época, ajudar o pessoal nas celebração...(informante 5)

...naquele tempo, na época de S. João, que aqui tinha umas festinhas muito boas, ele saiu do canto dele e me chamou pra dançar com ele e eu fui, a gente dançou acho que quase uma hora sem parar, aí eu disse a ele: Luís, vamos parar um pouquinho porque eu tô muito cansada, ele parou, né?...saiu andando e quando chegou lá na frente olhou pra mim e riu, depois veio conversar comigo e disse que tava gostando de mim já fazia tempo e me pediu em namoro...(Informante 20)

...Todo ano eu procuro vir na cidade, sempre, principalmente no tempo das festas que eu aproveito pra trazer os meus filhos...porque eu resido em João Pessoa né? eu venho pra cá ... é aquela coisa boa, se junta todo mundo, faz aquela festa toda... e é um momento bom porque reúne toda a família né?... Esse ano mesmo quando Fátima Bezerra ganhou pra deputada em Natal, veio pra cá, acho que foi na véspera de Natal...é, foi. Eu sei que a gente fez aquela festa toda, fazia acho que uns 5 anos que ninguém se encontrava ...(informante 16)

Sem essas fases de alteração, o roteiro de vida das pessoas em Nova Palmeira segue seu curso “normal”, descrito como relação “da casa para rua, da rua para casa”, uma “obediência” ao cotidiano na ida e volta dos moradores nesses espaços.

Nesse contexto, é de fundamental importância para os moradores frequentarem dois espaços de convivência externa à casa: a escola e a Igreja; amparos de alegria, estudo e fé para homens e mulheres.

Em vista da própria ausência de um espaço de lazer, específico da cidade, as pessoas procuram motivar seu tempo através de missas ou comemorações religiosas, de festinhas e de brincadeiras na escola.

Na igreja, as mulheres reúnem-se e formam grupos de pastorais; estuda-se a Bíblia, fazem preparações para casamento, batismo, crisma e primeira comunhão, além das festividades esporádicas e das previstas no calendário religioso.

Minha vida passa pela Igreja(...) tudo que eu fiz até hoje teve uma ligação religiosa... (informante 2)

Desde novinha que eu gostava das coisa da Igreja...minha mãe me levou pra uma missão a primeira vez quando eu tinha 4 anos, foi no tempo que frei Damião veio pra Nova Palmeira... Eu posso tá ocupada como tiver em casa, mas se tiver algum negócio pra resolver na Igreja eu saio correndo e faço isso com muita alegria...(informante 5)

Na Igreja, a gente procura organizar as coisas bem direitinho, dá curso bíblico, faz celebração, organiza missa, faz preparação de batismo...a vida da gente é muito feliz lá dentro da Igreja porque a gente sempre sente aquela força que vem do Senhor...(informante 17)

...A igreja foi assim...uma grande motivação em toda minha vida...mas logo quando eu comecei na igreja era mais esses trabalhos assim, de catequese, de grupos de catecismo, batismo, né? Era nossa linha de trabalho, só

depois de 85, 86, parece, é que a gente foi despertando mais para as questões... sociais ... (informante 8)

Na Igreja, organizam-se também as mobilizações políticas a partir dos conselhos municipais, dos sindicatos, das associações e das pastorais. Ou seja, além de ser um espaço da fé religiosa, é um cenário privilegiado para se debater os problemas sociais e políticos do cotidiano na comunidade; motivando as reflexões em torno da realidade vivenciada. É o que nos informa a fala seguinte:

A gente não vai lá só pra rezar, lá a gente tem muita coisa importante que desenvolve sempre... debate, forma grupo para os conselhos... faz uma coisa mais crítica. É bom por isso, né? Porque você ver as coisas acontecendo e ficar de braços cruzados é muita falta de consciência ... (informante 17)

Enquanto na Igreja, a pregação e a fé motivam a vida religiosa e política das pessoas, na escola, passa-se a infância marcada pela alegria e pela tristeza, pelo medo da autoridade da professora e da descoberta das primeiras palavras, das estorinhas, das brigas, das paquerinhas e namoricos, coisas muito presentes na memória dos que vivenciaram esse espaço em épocas mais longínquas, principalmente as mulheres, haja vista o maior índice de alfabetização corresponder as mulheres na cidade (CENSO 1991). É o que expressa a nossa informante seguinte:

A escolinha era toda alegre, no dia 7 de setembro a gente comemorava com quebra-panelas... bem enfeitado, todo mundo enfeitado... fazia poesia, brincadeira de roda... era animada mesmo a nossa escolinha aqui no sítio... (informante 5)

No caso das mulheres, o estudo além de representar importância na família, como extensão da aprendizagem fora de casa, “forma de conhecer as coisas”, era e ainda é também oportunidade de se desprender das atividades rotineiras: lavar, passar, cozinhar, costurar, cuidar dos filhos ou dos irmãos mais jovens:

Fazia as coisa de casa de manhã e de tarde era na escola aprendendo a ler e escrever... era bom porque só fazia aquilo de tarde... (informante 5)

Assim, algumas mulheres até se sacrificam para ter no estudo essa oportunidade, seja quando solteiras ou como casadas:

Já depois que as minhas filhas cresceram, eu resolvi terminar os meus estudos, tinha mais de 40 anos...fui estudar em Picuí, saía todo dia pra lá, porque aqui, nesse tempo, não tinha o segundo grau, né...voltava mais de meia noite pra casa, mas terminei...meu sonho era fazer faculdade, mas ficou muito difícil conseguir isso hoje...(informante 4)

...eu sempre ia pra escola, sempre gostei muito de estudar, nunca gostei de ficar só em casa...eu sempre fiz de tudo pra estudar e meus pais nunca fizeram questão disso...por isso, mesmo com todo sacrifício eu nunca perdi um ano na escola e graças a Deus estou muito satisfeita com isso...porque se eu tivesse ficado só em casa como muita gente, hoje eu vivia feito uma abestalhada no mundo...(informante 3)

As condições do cotidiano, aqui descritas e relatadas nas falas dos nossos informantes, querem fundamentar o nosso olhar para a realidade específica de Nova Palmeira.

Sobretudo, porque se trata do universo onde se passam as histórias e a vida cotidiana dos nossos informantes.

Portanto, do espaço privado da casa ao mundo da rua, essa realidade é que retrata o cotidiano dos moradores dessa pequena comunidade, composta por uma dispare condição de vida social, cultural, política e econômica.

3. A Família: uma realidade em destaque em Nova Palmeira

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas no conjunto familiar estão relacionadas principalmente à perda do sentido da tradição. Segundo SARTI⁵⁶, Vivemos numa sociedade onde as questões tradicionais estão sendo abandonadas como em nenhuma outra época da nossa história.

Para a autora, questões como o amor, o casamento, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis predeterminados pela família, na prática passam a ser

concebidas como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire, importância social.

Todavia, mesmo sofrendo tais alterações cruciais em sua histórica composição tradicional, sobretudo em sua formação hierárquica: sexual, etária, trabalho etc., a família mantém ainda hoje, em diversas sociedades, a exemplo das pequenas comunidades brasileiras, o perfil da autoridade, do poder e da emotividade, marcadas por laços de tradições patriarcais que se reproduzem nos níveis de sociabilidade. Sobre essa questão assevera SARTI⁵⁷:

Seus projetos são formulados de acordo com a tradição, caracterizada pela preexistência de hábitos e padrões que moldam os comportamentos e, conseqüentemente pela precedência do todo sobre as partes(...)

O processo de convivência se constitui como grupo nuclear de predominância hierárquica: marido, esposa e filhos, de acordo com o padrão de hegemonia do masculino, ditando regras de poder que vão desde as relações de trabalho ao plano da afetividade.

Na prática, essa realidade significa direitos e deveres desiguais nas relações dos gêneros da sociedade, a começar pela família, mesmo que se reconheça uma certa flexibilidade nessa estrutura tradicional, sobretudo face às condições atuais de crescente inserção da mulher no espaço público. De acordo com ROMANELLI⁵⁸:

É nesse processo constantemente repostos de convivência doméstica que a família se constitui efetivamente como grupo, tanto na prática quanto na representação de seus integrantes. Como grupo organizado para assegurar a manutenção de todos, pais e filhos podem pensar a família como coletividade cuja coesão deve ser mantida para a consecução de objetivos comuns. Na convivência grupal, avaliam-se possibilidades do presente e pensa-se o futuro, definindo-se meios para se enfrentar as dificuldades cotidianas e para se tentar a melhoria nas condições de vida. Nesse processo, os componentes do grupo doméstico,

⁵⁶Família e Individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.) A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995.

⁵⁷ Idem. Pág. 47.

⁵⁸ ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e Poder na Família. In: CARVALHO, Maria Brant de. (ORG.) A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995.

em especial marido e esposa, organizam um projeto coletivo cuja finalidade é assegurar, através da produção de rendimentos e de valores de uso, a manutenção do grupo como um todo e procurar promover sua mobilidade social, sobretudo, a dos filhos.

No caso específico de Nova Palmeira, pequena comunidade de características eminentemente tradicionais, percebemos através do relato das falas dos nossos informantes no decorrer da nossa pesquisa, o papel de preponderância que ocupa a relação familiar no conjunto social mais amplo.

Nesse contexto, ressaltando suas peculiaridades culturais, a família também aparece como instituição de sociabilidade primária, capaz de modelar e até inibir a ação cotidiana dos seus componentes, definindo assim, através das suas posições hierárquicas de poder o caminho a ser seguido pelos seus descendentes.

Cabe reforçar que, como em toda sociedade, a família não é o único canal dessa socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável por essa tarefa.

Nesse sentido, na família se interiorizam os aspectos ideológicos dominantes da sociedade, como projeta ainda, em outros grupos, os modelos de relações criados e recriados dentro do próprio grupo⁵⁹.

No caso específico de Nova Palmeira, por se tratar de uma pequena cidade, praticamente todas as pessoas se conhecem, tem de algum modo, certo grau de parentesco e de convivência familiar.

Ou seja, uma particularidade, marcada pela identificação parental dos indivíduos na comunidade, o que na prática cotidiana traduz-se numa manutenção histórica dos laços de afinidades e de conflitos nas relações de convivência internas e externas dos grupos familiares.

Assim, a família retrata, nesse contexto, sempre uma imagem representada a partir das referências do grupo: “ele é parente de...”, “o filho de ...”, “o irmão da ...”. Formas de situar nos espaços sociais os papéis tanto da individualidade como da coletividade parental.

⁵⁹SAFFIOTI, Heleieth. Op. Cit. Pág. 56

Dessa forma, para se compreender essas representações, faz-se necessário uma breve análise a partir das falas acerca da vida familiar de alguns dos nossos informantes.

Essa tarefa significa reviver, na memória dos nossos informantes, os fragmentos de sua vida no interior do grupo familiar; histórias, boas e ruins, suas derrotas e conquistas, seus sonhos, suas decepções.

Momentos que começam no interior da família, revelando-se em fatos da história de vida. Como nos relatam os informantes seguintes:

A minha família teve uma história muito feliz...nós tivemos uma liberdade de fazer as coisas mais do que na maioria das famílias da cidade. Meu pai, apesar de vir de um tempo distante do nosso, sempre acatou muitas idéias dos filhos, principalmente das mulheres, que é quem estudava na família...faziam todo tipo de atividade, as mulheres eram o xodó dele, eram as que davam mais orgulho a ele...(informante 19)

...desde o dia que a minha família chegou nessa cidade...já faz muito tempo, eu tinha dez anos...que a gente vive nesse sacrificio financeiro, as coisas aqui é muito difícil pra gente, a cidade é muito pobre, sem oportunidade nenhuma pra alguém vencer por aqui. Desde o tempo que eu era menina, logo quando vim pra cá...eu sinceramente até hoje nunca vi progresso nenhum, era...era não, ainda é uma cidade pequena, bastante pequena e...e ainda continua pequena, sem saída, sem oportunidade, sem nada, nada mesmo... (informante 20)

Os laços de identificação familiar são cristalizados na vida dos seus componentes, a partir das representações construídas no processo de socialização dentro e fora de casa.

Por isso, a ocorrência da perda ou do afastamento do indivíduo com o grupo familiar, quebra, de certo modo, sua identidade de mediação com a própria sociedade.

Um corte na convivência familiar representa para os indivíduos a “infelicidade”, a “tristeza”, o “vazio”, como relatam os nossos informantes que vivenciaram essa realidade:

Eu tive uma vida muito feliz até os 14 anos de idade, porque quando eu completei 14 anos meu pai morreu...no dia do meu aniversário, 23 de fevereiro...no dia 15 de agosto do mesmo ano, morreu a minha mãe...já pensou,

você ver sua família acabar duma hora pra outra...foi como a vida ter se acabado com poucos dias...foi como um caminho claro que você vai indo e de repente escureceu...depois disso é que eu fui ver que tinha que começar tudo de novo...só era 3 irmã, 2 já tava casada, e só sobrou eu na vida ... tive que ir morar na casa dos outro...e naquele tempo eu fui morar na casa dum tio meu em Cuité...foi muito triste pra mim esse tempo...(informante5)

...pra mim uma pessoa que não tem é...não tem uma família pra se apoiar na vida é muito infeliz...eu mesma falo muito das coisa, vivo reclamando da vida, mas quando penso que tenho meu cantinho, meus parentes do meu lado, a minha família... eu até me conformo com as coisas difícil da vida...(informante 20)

...meu maior sofrimento foi me afastar da minha família quando era ainda adolescente...na época que sai daqui pra estudar fora... eu me lembro que eu sofri muito... eu não sei ainda hoje como eu aguentei de tanta saudade de casa... (informante 21)

Como espaço de sociabilidade primária, a família representa a principal fonte de aprendizagem de vida para os seus componentes, expressa no argumento de que: “educação vem de casa, não se aprende na rua”.

Na verdade, essa aprendizagem, em regra, reforça a formação diferenciada dos gêneros no processo de socialização dentro e fora do grupo familiar.

Essa formação porém, tem sofrido significativas alterações, mediante as novas circunstâncias vividas por gerações seguintes, tais como: novo mercado de trabalho para homens e mulheres, possibilidades de consumo, acesso aos sistemas de saúde e educacional, à informatização e à ação da mídia.

Mesmo diante dessas transformações, preservam-se questões mais específicas nas aprendizagens dos grupos, como em Nova Palmeira, onde a referência familiar ainda se traduz na manutenção de valores fundamentais, tais como: honra, honestidade, vergonha, respeito etc. Como expressam os informantes seguintes:

...venho de uma família muito simples, mas muito honesta, sem dívida nenhuma, muito honesta. E eu segui as regras dessa família pobre desde cedo e logo na infância aprendi a respeitar os mais velhos e pobres como eu, coisas que me ajudaram muito a crescer. Digo que cresci porque hoje eu

posso dizer que sou uma pessoa consciente do mundo que eu vivo, mesmo tendo tido uma infância difícil, porque a gente que vive no interior tem uma infância muito difícil, mas foram coisas que nunca mudaram a minha vida, nem a minha cabeça, meu jeito de pensar né?...vida de pobre é difícil em todo canto(rindo)...(informante 15)

A gente era educada sabendo que não devia mexer nas coisas dos outros, que não podia viver enfiado na casa dos outros, que não devia dizer nenhum palavrão, que devia respeitar sempre os mais velhos...(informante 20)

...Meus pais faleceram depois de lutar a vida inteira no campo...meu pai trabalhava o dia inteiro na agricultura e a minha mãe também ajudava na agricultura, cultivando a terra e cuidando da casa. Hoje são falecidos e nos deixaram grandes saudades...foram assim...é...um grande exemplo de vida pra mim e meus irmãos...porque mesmo sendo pessoas muito pobres tiveram a honra de educar todos os filhos...(informante 13)

...minha mãe foi professora aqui em Nova Palmeira durante 25 anos, foi a primeira professora da cidade e sempre se empenhou com muito orgulho em mostrar para todos os ensinamentos das coisas boas, das coisas certas, do que é direito né?...transmito hoje do mesmo jeito todos esses mesmos ensinamentos de bondade e respeito aos meus filhos...Eu hoje vejo que assim, tudo que aprendi eu procuro ensinar melhor ainda...a gente pensa que passa, mas não, são as coisas que vêm desde dos nossos pais, passa para os filhos, os netos...(informante 16)

Nesse processo, de acordo com as regras tradicionais da família, sempre coube à mãe, entre diversas atividades domésticas, a responsabilidade inicial pela educação dos filhos.

A lição de vida que é transmitida dos pais para os filhos, apoia-se nas desigualdades culturais das relações de gênero. Ou seja, às mulheres da casa cabem especialmente os ensinamentos da vida doméstica, aos homens, por sua vez, o exemplo da vida paterna como guia do comportamento privado e público.

E nesse cenário, cabe ao personagem paterno o conhecimento geral das coisas no espaço familiar, decidindo e dando a palavra final⁶⁰. Essas representações estão presentes também nas falas de nossas informantes:

...lá em casa a gente tinha uma educação muito caseira, quando ia pra algum canto, sempre avisava, e quando passava do horário, mamãe já saía pra ver o que aconteceu, pra saber porque não tinha chegado na hora certa e era assim o tempo todo com a gente... não tinha muita aquela liberdade que as moças de hoje têm...já, os homens, sempre foram mais solto na buraqueira...da bebedeira, das farras, essas coisas né? coisa de homem mesmo...é difícil você encontrar um homem que não goste dessas coisas, se não viver assim o povo começa a falar que é uma coisa, que é outra...e presa, presa mesmo, só as mulheres, as mulheres nunca tiveram muita liberdade pra fazer as coisa...pelo menos lá em casa era assim que a gente aprendia as coisa...sempre o homem foi mais livre...as moças direita não podia sair assim atoa pelo mundo, têm sempre...têm sempre uma satisfação a dar aos outros, principalmente aos pais, né? e os homens é...como diz a história ...é mais banda voou, se mete no mundo, desaparece e tá tudo em ordem... (informante 20)

O pai ensina ao filho a importância social de “ser macho”, a mãe por sua vez, é a única autorizada a discutir as intimidades do corpo com as filhas, educando-as para o namoro e, conseqüentemente, para o casamento no momento oportuno.

Com base nas afirmações tradicionais, as mães transmitem para as filhas, como lição de vida, idéias como: “moça direita é que tem vez”, “a mulher tem que ser uma boa dona de casa e uma boa mãe”, etc.

Nessas lições de casa, o casamento ainda é uma perspectiva importante a ser alcançada na vida da mulher, por isso, a virgindade é valorizada, simbolizando a “honra” da própria família. Questão presente na fala da nossa informante seguinte:

...quando eu casei, como foi tudo muito rápido, ficou aquela interrogação no povo da cidade: será que tá grávida?...até em casa mesmo foi aquela coisa toda...até porque eu era muito nova...e olhe que lá em casa meu pai era muito moderno pra aquele tempo...tive uma filha só e depois de 7 anos de casamento a gente viu que não dava mais certo nossa vida de casados e a gente resolveu se

⁶⁰ STUART, Heloneida. Op. Cit. Pág. 39

separar...hoje eu sou amiga dele, ele casou de novo...eu vivo bem e ele também...(informante 18)

Quanto às questões sexuais das mulheres na família, as mães, sobretudo outrora, tinham diálogo distante com as filhas, até porque o sexo, culturalmente pertence ao terreno privado da procriação, referir-se a ele de forma diferente poderia ser interpretado como uma coisa imoral, um “desrespeito”, algo que causaria vergonha e constrangimento. Vejamos essa questão nas falas das informantes ao comentar a educação dada pelas mães em Nova Palmeira:

Pra nós 5, quem falava mais de negócio de namoro era mamãe, mas falava as coisa assim por alto, ela não dizia as coisas mesmo de mulher como era, só dizia que era pra fazer as coisas certa pra não contrariar nosso pai... agora faltava aqueles conselhos que a gente dá hoje às filhas, dizendo que é pra ter muito cuidado com os namoros...mas não, era tudo calado, aquele respeito todo, ninguém se abria, com vergonha, tanto é que quando casava a gente era inocente demais e tinha medo de tudo...No tempo do namoro, Ave Maria, tinha que ser tudo no claro, sentado na sala, na frente deles, ninguém podia fazer nada mesmo...(informante 20)

...José num foi o meu primeiro namorado, aliás, quando eu vim namorar com ele eu já tinha namorado com o irmão dele (rindo)...foi aí depois...acho que deve ter sido o segundo paquera...Naquele tempo num era como hoje, a gente tinha um certo receio de namorar 'muito'...porque os pais ensinava a gente a num namorar muito por aí, porque a moça namoradeira não prestava e...num tinha confiança...botava isso na cabeça da gente...a gente namorava com quem gostava, mas também era um namoro...diferente desses do tempo de hoje...hoje nem bem se conhece, namora aqui, namora pra acolá, quando da fé tá todo mundo agarrado sem saber nem quem danado é direito...hoje é muito extravagante ...nos outro tempo da gente as mãe que dizia as coisa às filha, o pai não, que era mais envergonhado nos canto, a mãe é que explicava alguma coisa...hoje em dia dá até medo, as pessoa não pensa mais em casamento, se junta feito bicho como se Deus não valesse de nada mais na vida...(informante 5)

Dessa forma, essa educação iniciada na casa reproduz valores e tradições que ainda hoje dão o sustentáculo da hierarquia familiar, tidas como fundamentais para manutenção do poder patriarcal na sociedade como um todo⁶¹.

Todavia, em face das questões atuais, torna-se inevitável sua ressignificação, exigindo lentas mutações no comportamento dos pais para com os filhos, principalmente em relação ao novo papel feminino na sociedade contemporânea. Sobre essa questão, afirma SARTI⁶²:

(...) Os sujeitos não estão mais subsumidos no todo. Com isso, a divisão sexual das funções, o exercício da autoridade e todas as questões dos direitos e deveres na família, antes predeterminadas, hoje são objetos de constantes negociações, sendo passíveis de serem revistas à luz destas negociações (...) no caso do feminino se propõe novas formas de divisão do trabalho doméstico e de cooperação financeira, questionando a autoridade masculina e dos pais(...)

Diante das reflexões da autora, cabe lembrar que o conhecimento adquirido na vida, em parte significativa, continua a ser transmitido como lição dos pais para os filhos, mesmo sendo inevitável conter as novas representações sociais que passam a se constituir no interior da família como reflexos da própria sociedade. É o que nos revela uma passagem seguinte na fala da nossa informante:

Digo sempre a cada uma pra andar na linha com as coisas certas e pra não avançar o sinal antes do tempo, que elas pode se arrepender um dia...eu procuro educar as meninas de uma forma bem diferente da que eu fui educada, porque a maneira que eu fui criada...tá certo que minha mãe sempre foi uma grande mãe, mas os tempos mudaram, né? e se a gente não mudar, fica muito difícil, hoje, num mundo perdido como está...é por isso que eu procuro dar uma educação muito diferente para as minhas filhas. Hoje eu dou muita liberdade a elas, mas sempre dizendo como deve fazer as coisa...Como eu sempre gostei de ler quando ensinava, e via muita coisa perigosa no mundo: assalto, aborto, gravidez, coisas com drogas, esses perigos todos... e...sempre procurei abrir os olhos delas, pra essas coisa toda não acontecer com elas, tanto é que dou muita liberdade a elas porque tenho muita confiança,

⁶¹SAFFIOTI, Heleieth. Op. Cit. 65.

⁶²SARTI, Cinthya A. Op. Cit. Pág. 43.

principalmente na mais velha, que já é maior de idade, porque a outra só tem 13 anos ainda e só anda acompanhada da gente...(informante 20)

De acordo com SAFFIOTI⁶³, essa educação que é transmitida através de gerações, mesmo sofrendo alterações no curso das tradições, mantém-se ainda hoje apoiada na tríade hierárquica, obedecendo aos papéis tradicionais: pai, mãe e filhos, cabendo na maioria das vezes às mulheres um posicionamento cultural de inferioridade no espaço doméstico.

Em Nova Palmeira, evidenciamos, na história de vida familiar dos nossos informantes, uma particularidade nesse processo de formação pais/filhos; sobretudo, nas posições de alargamento das atividades femininas dentro e fora do espaço doméstico.

Quanto a essa questão, é fundamental nos determos à formação acadêmica, tida em Nova Palmeira, como uma extensão dos ensinamentos do lar, principalmente em relação ao feminino. Essa particularidade se expressa nas falas seguintes:

...eu tinha uma vontade grande de estudar, mas naquela época...era tão difícil os estudo aqui em Nova Palmeira...só tinha a escola da rua e uma particular aqui no sítio mesmo...a gente pagava 500 réis...nós sempre...o pessoal daquele tempo era criado assim: as menina estudava mais que os menino, porque os menino tinha que ajudar os pais na roça...as menina vivia ajudando a mãe em casa, a gente trabalhava também na roça, mas num era aquela coisa pesada, de limpar mato, né? Eu me lembro que meu pai dizia: eu num vou botar mulher pra limpar mato, eu num tenho fé em mulher limpando mato, mulher no cabo da enxada...a gente só apanhava uma vez ou outra o algodão, mas era só na safra do mês de junho...por causa disso, como só tinha mulher em casa, meu pai num deixava ninguém ir pra roça...a gente ajudava em casa de manhã e de tarde ia pra escola...(informante 5)

...papai sempre fez com que nenhum filho deixasse de estudar e como quem tomava as rédeas dos estudos eram as mulheres, fomos nós mesmas as primeiras a vencer na vida dentro da família e dar muito orgulho a ele, enquanto que os homens acabaram ficando por aqui mesmo, desenvolveram poucos estudos e só terminaram o

⁶³ SAFFIOTI, Heleieth I. B. Op. Cit. Pág. 13.

primário...e as mulheres seguiram em frente, nós batalhamos e vencemos...(informante 19)

...lá na minha casa mesmo, somos 9 filhos, 5 mulheres e 4 homens, das mulheres, 3 concluíram um curso de nível superior e dos 4 homens apenas eu. Outro exemplo é na casa de Fátima Bezerra, são 3 mulheres, duas com curso superior e uma com o segundo grau completo e os homens, sequer conseguiram terminar o primário. Lá em Lourival da simuca também, dos 21 filhos, todas as mulheres estudaram de alguma forma e os homens, de forma geral, no máximo concluíram o primário...são coisas como essa que chamam atenção da gente pra tradição das mulheres daqui estudarem mais que os homens...(informante 21)

Porém, essa tradição que põe a educação como extensão da aprendizagem doméstica da mulher em Nova Palmeira reflete significativamente em sua singularidade, o próprio quadro de crescimento da formação acadêmica feminina no Brasil.

Haja vista que, na década de setenta, a formação acadêmica foi a turbina fundamental do trabalho extra-lar, provocando mudanças substanciais na condição de provento e da hierarquia familiar.

Segundo CARVALHO⁶⁴, atualmente, no Brasil, algo em torno de 39% de mulheres exercem posições no trabalho extra-lar, principalmente no âmbito intelectual, com destaque para as áreas de educação e saúde.

Devemos ressaltar um fato em evidência nesse debate, qual seja: no momento em que a sociedade vive uma crise econômica, de crescente interdependência causada pela globalização da economia, os conseqüentes ajustes econômicos nos últimos dez anos, em nosso país, vêm impondo um acelerado empobrecimento à família brasileira nas pequenas e grandes cidades.

Segundo o Mapa da Fome e, mais recentemente, o Mapa da Criança, elaborados pelo IPEA em 1993, existem 32 milhões de pessoas e 9 milhões de famílias com renda mensal que não lhes possibilitam sequer a satisfação das necessidades básicas.

⁶⁴CARVALHO, Maria do C. Brant de. A Priorização da Família na Agenda da Política Social. In: CARVALHO, Maria do C. Brant de. (Org.). A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995.

Essa realidade tem contribuído para a mudança no comando da família. O papel do chefe do grupo familiar, função até então exclusivamente masculina, passa, no Nordeste, em grandes percentuais, às mulheres.

De acordo com o último Censo cerca de 19,5%, delas assumem a posição de provedora, impondo, alterações na estrutura hierárquica da família. Segundo ROMANELLI⁶⁵, essa questão revela:

Uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redundará em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho (...) por sua vez, essa crescente inclusão feminina do domínio público das atividades profissionais foi revestida de significado simbólico positivo, conferindo-se à trabalhadora e produtora de rendimentos um novo lugar nas representações sobre as mulheres. O acréscimo de novos atributos à condição feminina contribuiu para a introdução de formas alternativas de relações entre homens e mulheres, dentro e fora da família.

Em Nova Palmeira, essa realidade particular, do alargamento das atividades femininas na sociedade, resulta da própria história das mulheres dentro e fora do conjunto familiar.

Nesse sentido, a formação educacional é o elemento básico da trajetória pública das mulheres na cidade, como relatam as reflexões seguintes nas falas dos nossos informantes:

...Uma hipótese que é muito possível de ser comprovada é, se um dia você fizer uma pesquisa, vai chegar à conclusão que a maioria das pessoas de formação aqui em Nova Palmeira são mulheres, acho que umas 70% em relação a uma minoria masculina que pouco sabe ler e escrever...(informante 21)

Desde da minha mãe, minhas tias, eu e minhas irmãs, sobrinhas, todas nós sempre estivemos de alguma maneira engajadas nas causas sociais, exercendo muitas funções públicas tanto daqui como de outros lugares. Pra você ter idéia, hoje eu sou deputada em Natal e a minha irmã é vice prefeita daqui...acho que é a influência das gerações mais velhas nas gerações mais novas, reproduzindo essa história de luta, de força...pra quem já conhece a cidade, pode até perguntar: por que nessa cidade os homens são mais

⁶⁵ ROMANELLI, Geraldo. Op. Cit. Pág. 77.

acomodados...acomodados em relação aos estudos, por exemplo, coisa do tipo que quando o homem atinge uma maturidade ele se prepara logo para o trabalho e para o casamento, cortando, logo cedo as possibilidades de ter uma vida um pouquinho diferente da que eles tiveram e tem ainda hoje, é o caso dos meus irmãos que praticamente ficaram aqui, reduziram seu mundo à sobrevivência nessa rotina... (informante 19)

Por isso, desde a emancipação do município eram as únicas pessoas da cidade com habilidades específicas que exigiam principalmente o domínio da leitura e da escrita no trato das atividades das burocracias cotidianas das instituições que se instalaram na cidade, tais como: escola, correio, postos telefônicos, prefeitura, câmara de vereadores, FUNRURAL, STR, comércio etc. Vejamos essa questão na fala da informante seguinte:

No tempo que eu comecei no FUNRURAL daqui é...eu fui indicada pra tomar conta das coisa porque eu sabia como cuidar das coisa das aposentadoria rural...eu sabia como ir pra Cuité, como encaminhar as pessoa, resolver essas coisa, né? Foi assim que eu aposentei muita gente pobre da cidade... se fosse pelo salário, eu tinha deixado logo, mas era mais pelo amor ao que eu fazia, porque o salário era uma mixaria... (informante 4)

...desde a infância eu fui criada no comércio, quer dizer, na agricultura e no comércio. E sempre batalhando, lutando pelo homem do campo, antes mesmo de ingressar na vida política eu já trabalhava nisso, né?...meu pai e depois o meu marido, eles me dava pra tomar conta porque eu tinha mais condições...(informante 9)

Com ou sem o “apoio” da própria família, as mulheres aos poucos foram ocupando esses espaços na sociedade, ampliando assim, o leque das suas atividades cotidianas para além dos horizontes domésticos, em vista de atender às novas demandas públicas da comunidade. Essa questão se expressa na reflexão exposta na fala do informante seguinte:

...até um tempo atrás, nenhum homem tinha condição nenhuma de assumir qualquer função que não fosse no ramo da agricultura, eles só sabiam fazer isso mesmo, nenhum se atrevia a qualquer outra coisa porque não sabia sequer fazer uma conta de somar e assinar o nome...(informante 21)

O controle de determinadas atividades públicas, em Nova Palmeira, proporcionou-lhe, simultaneamente, a abertura de novos espaços sociais.

Dessa forma, as mulheres passaram a ser percebidas pela estrutura do poder local, e em especial, pela própria família, como personagens de destaque no processo de articulação e de atuação política eleitoral. Vejamos a fala seguinte da nossa informante:

...eu trabalhei com o FUNRURAL e era uma maneira de muita gente entrar num trabalho desse pra entrar na política né? mas eu nunca, nunca assim,...nunca pensei...mas meu marido viu que era até bom pra mim...ele já tinha mais experiência, né?...(Informante 4)

Atingindo múltiplas formas de participação no terreno da política institucional, grande parte do contingente feminino em Nova Palmeira lançou-se nas disputas eleitorais, muitas vezes sob a orientação familiar.

Pela própria tradição local, a maioria dessas mulheres passaram a ostentar a bandeira da representatividade da família, em especial dos seus componentes masculinos: o pai, o marido, o irmão etc.. Em regra, personagens que se afastaram indiretamente desses espaços.

Segundo TABAK⁶⁶, essa postura política da mulher tornou-se comum desde a conquista do voto nos anos 30 e da ascensão feminina no mercado de trabalho. Porém, tem raízes muito fortes no Nordeste, devido a importância do grupo familiar e dos seus principais componentes hierárquicos, pai, mãe e filhos.

Portanto, à luz da orientação e do controle masculino da família, muitas delas reproduziam e ainda reproduzem nesses espaços públicos as decisões políticas tomadas de acordo com a hierarquia do poder doméstico. Vejamos na fala seguinte da nossa informante essa questão:

Quando eu fui a presidente dessa casa nunca faltei a uma sessão, sempre procurei dar tudo por ela...com eu era a primeira vereadora da cidade, tinha que mostrar serviço...pra num ficar aquele tititi danado: 'tá lá, mas num sabe nem abrir a boca'...eu tinha de mostrar que tinha capacidade de fazer as coisa como meu marido fazia aqui, né? Como ele me dizia muito como era as coisa daqui, eu fui logo me entrosando e até que deu certo... (informante9)

⁶⁶TABAK, Fany. Op. Cit. Pág. 72.

Mesmo procurando desvincular sua postura institucional dos laços familiares, essas mulheres fazem referência ao terreno político trazendo sempre à tona a figura paterna da família. Como expressam nas falas nossas informantes:

...meu esposo também é daqui, ele foi vereador aqui três vezes e outra vez foi vice-prefeito, fez quatro gestão...Meu esposo era político, ele às vezes pedia a mim pra pedir o voto...era político mas eu nunca forcei ninguém a votar nele... Ai minha família é...eles botou, assim, na minha cabeça, que eu tinha de ser política, que ele (o marido) ia sair...e eu entrei quase assim... sem querer... é porque eu não tinha intenção de entrar na política não...na vida pública...mas entrei. Ai pronto, eu entrei e ganhei, né?...(informante 4)

...Pra dizer a verdade eu nunca fui muito política mesmo não, meu marido, falecido há um ano, é que gostava, foi vice-prefeito daqui, foi um grande líder local, mas eu... eu gostava muito de ajudar as pessoas, pessoas que me procurava pra ajudar. Ai foi quando surgiu essa idéia de eu me candidatar, de eu ser escolhida pra ser vice-prefeita de Lula né? Mas eu trabalhava assim, não era pensando em política, não, porque...esse negócio de você trabalhar só visando uma posição dentro da política, eu não gosto. Eu gosto de trabalhar, ajudar as pessoas, sem pensar em mim, né? Gosto de ajudar as pessoas, mas sem tirar proveito...meu marido me ajudou muito, mas não foi ele que disse você quer ser candidata? e nem mesmo fez qualquer proposta, até por que ele estava meio descrente com essa história de política, por isso, eu digo que foi o hospital mesmo. Por que na época que Zé de Souza era prefeito e eu trabalhava lá, eu sempre levava as pessoas, todo o pessoal, toda vida me procurou... é...pedir pra levar pra Campina, pra marcar, pra fazer consulta, exame, pra cirurgia, esses negócio. Ai, foi daí que partiu essa idéia, a idéia de eu me candidatar...(informante 6)

...eu já venho de famílias políticas, né?...o meu pai já era político no município de Nova Palmeira, depois eu me casei com o meu esposo sendo político também...não, meu pai era político de Pedra Lavrada e meu esposo é que era de Nova Palmeira e depois ele abandonou a política, não quis mais, foi quando o pessoal começou me pedir pra eu continuar no lugar dele, foi ai que eu ingressei na vida política e, graças a Deus, eu tenho me dado muito bem...no primeiro mandato foi eu e meu irmão vizinhos de ponta, do PMDB e do PFL e foi os dois eleitos, e, graças a Deus, foi

tudo bem, hoje ele também abandonou a política pra me apoiar e eu continuo...(informante 9)

No processo eleitoral e no exercício dessas funções institucionais, o apoio recebido pelos familiares tem um valor fundamental, o contrário, pode representar decadência, desunião, fracasso e desestímulo para a participação, até mesmo dos que conseguiram atingir uma relativa independência do grupo doméstico nesse espaço. É o que expressa a fala seguinte:

*(...) No início todo mundo da minha família me criticava muito(...)eu sofria muito com aquilo(...) você não ter nem o apoio dos seus parentes é muito ruim(...) eu fui eleita sem precisar deles (...) hoje em dia, não, minha família já tá quase que totalmente em peso unida e votando no PT(...) isso é muito bom pra gente (...) como a repressão vai aumentando, né? as perseguições (...)eles ficam assim, querendo me apoiar, percebem que eu estou certa(...) que a gente faz um trabalho sério(...)minha família hoje tá votando no PT, na última eleição foi quase que todo mundo (...) eu fico muito feliz em ver todo mundo da minha família empenhado na minha candidatura de vereadora (...)
(informante 1)*

Em Nova Palmeira, o empenho de determinadas famílias nas últimas campanhas em prol de algumas candidatas teve importância decisiva, sobretudo, na transferência dos votos do marido ou do pai, resultando em vitórias de mulheres que chegaram a ser maioria no exercício de cargos eletivos nessas instituições. Vejamos como elas afirmaram esse posicionamento:

...todo mundo lá em casa me apoiou, minhas filhas, o meu marido, minhas irmãs, minha mãe...todos me ajudaram muito a chegar até aqui...por sinal, eu tenho uma filha que me ajuda muito, é o meu braço direito...(informante 4)

...meus filhos são compreensivos, eles nunca fizeram nenhuma dificuldade. E o meu marido quando era vivo até incentivava muito...Quanto a isso, não posso reclamar...sempre minha família foi a minha força maior, me apoiando, me ajudando totalmente na época da campanha...(informante 6)

...eu comecei fazendo a minha campanha política andando na mota com o meu marido e no dia a dia, saía com ele palestrando com o povo, dando a minha confiança a eles e recebendo a deles também...ele trabalhou o tempo todo comigo e hoje ainda me ajuda muito (informante 7)

...todos me davam a maior força, o maior apoio possível para que se continuasse assim, continuasse dando assistência... todos os meus familiares me apoiam e me dão

a maior a força, inclusive meu marido, meus filhos, minha mãe, já que meu pai é falecido, é... todos eles me apoiam e me dão a maior força política...(informante 9)

Se por um lado, a família pode representar essa unidade de apoio à presença das mulheres nesses e noutros espaços políticos, por outro, pode significar um obstáculo, dificultando de diversas formas a sua atuação. Nas falas seguintes dos informantes percebemos como essa realidade é relatada:

...de início foi um pouco difícil deles aceitarem. Enquanto eu participava do sindicato não havia nenhuma barreira, mas aí depois que eu comecei participar do partido, eu enfrentei, assim, um pouco de obstáculos...isso porque na época que a gente começou, a gente era só um grupo de jovens. Nós começamos a participar de um grupo de teatro popular e, como a gente falava da realidade, assim, do município, das coisas que aconteciam na Câmara e das questões que também envolviam a cidade, algumas mães tiraram os filhos do teatro, porque a gente começava a falar isso, algumas pessoas que eram ligadas ao poder ficaram com medo e tiraram os filhos...lá em casa todo mundo foi contra no início eu entrar no PT, me meter em política...mesmo com dificuldades, hoje eu sou a presidente do partido e eles não reclamam mais como antigamente...(informante 3)

Tem mulher que num participa muito das coisa porque o marido bota questão, fica com ameaça, né? A gente tem muito disso aqui no sindicato, eu conheço um bocado delas que tinha o maior gosto de ajudar aqui, mas quando sai uma horinha o marido já fica no pé feito um danado pra mandar ir pra casa...Lá em casa foi mais no começo, José ficava assim...mei desconfiado com essas luta nossa, aí depois ele viu que era assim mesmo e até me ajuda muito quando pode...(informante5)

...meu marido foi um engenheiro muito engajado desde cedo nos movimentos estudantis da nossa época. Foi com ele que aprendi a me envolver mais com as questões políticas, que comecei a fazer oposição sistemática ao regime militar. Nessa época votamos nulo e branco por muitas vezes. Em 78 e 79 Geraldo começou a discutir com o processo de abertura a criação de um novo partido. Vinham os rumores de S. Paulo de que estava sendo criado em 80 o Partido dos Trabalhadores e pouco tempo depois confirmada a sigla, fundamos o PT...Já estávamos morando em João Pessoa a dois anos, eu tinha terminado

em 75 o curso superior e tinha ido fazer Especialização, depois o Mestrado e entrado na Universidade como professora. Em 80, quando participamos da inscrição do Partido, voltamos para Nova Palmeira e começamos com a Nega Lourdes, Tedinha, Marizinha e outras três a discutir a organização política oposicionista na cidade. No começo, todos nos viam como comunistas e bagunceiros, mas caminhamos e hoje estamos aí...hoje eu sou candidata a vice-prefeita do PT e devo grande parte da minha formação e do meu apoio ao meu marido, sem ele eu não sei se teria força pra enfrentar essa batalha que está só começando... (informante 16)

...o meu esposo, que não aceitava que eu participasse do sindicato, nem dos movimento da Igreja, porque é uma pessoa sem conhecimentos...ele não aceita ainda, fica reclamando que eu tenho que tá em casa e não no sindicato, essas besteiras...é uma falta de compreensão muito grande (informante 10)

Todavia, mesmo tendo, na maioria das vezes, a família como pano de fundo nas decisões políticas fundamentais, o posicionamento público das mulheres pode, em alguns momentos, representar discordâncias cruciais, principalmente com a figura paterna, a exemplo das falas seguintes:

Eu sempre acompanhei o meu marido...mesmo no tempo que a gente tava fora da política, a gente decidia e pronto, votava no mesmo candidato...ficava sempre do lado dele...mas teve um dia que ele se danou pra ficar contra o que eu pensava e terminou muito ruim, porque eu fiquei mesmo contra ele, e votei contra as proposta do prefeito que era do lado dele... (informante 7)

...meu esposo era associado no PMDB e quando eu comecei a descrer do PMDB, que passei para o PT, aí ele num queria, num dava muita crença, né? Tá certo, num fazia muita zoada, né? porque a gente se conversou e eu disse: bem, a vista você num dá muito valor ao Partido do Trabalhador você fique na sua, no seu mesmo e eu continuo no lado que eu queira e fui tirando meus filhos tudinho, tudinho, tudinho...Eu tenho 12 filhos que me apoia, graças a Deus, e também me acompanha...Aí fui tirando cada um, cada dia eu tirava um e aí ele se viu só...o prefeito atual foi lá em casa convidar ele pra ser vereador por parte dele, né? Aí isso me custou muito, porque eu chamei, eu disse: homem, pelo amor de Deus, você num vá ser vereador da parte desses homem, porque

esses homem não tem dignidade: 'não, mas eu vou, não sei o que', eu disse: pois então vá, agora que eu vou trabalhar a seu favor, eu num vou não, nem eu nem seus filho e não fui não...foi em 88. Eu sei que eles ficaram toda noite lá em casa incentivando ele e eu aperriada, aperreada porque eu não queria seguir o regime deles e ele dizia: 'seu for ser vereador eu tenho consciência que sigo só minha consciência'. Eu dizia: mas num dá certo, num dá certo e eu num ajudo você e num ajudei, não. Aí foi quando ele viu os meninos, eu comecei a dizer aos meninos também que não dava certo, aí até que a família tirou ele, graças a Deus. E hoje ele apoia o PT e tá por dentro e vai ajudar os candidato da gente hoje...(informante 5)

...se tudo que o marido falar a gente aceitar, fica ruim...eu fui muito discriminada por ele mesmo...mas tinha que participar das coisa, se não ia ficar em casa só pra ser adorada por ele...(informante 10)

Assim, conflitos dessa natureza, podem comprometer decisivamente a autoridade masculina no interior da família, abalando os esteios de sua legitimidade de poder.

De acordo com ROMANELLI⁶⁷ a participação das mulheres em novas esferas sociais, inevitavelmente provoca mudanças conflitivas na família, à medida que provocam:

Redução da autoridade do chefe de família e abre espaço para o questionamento, tanto de sua autoridade quanto do exercício de seu poder no interior de uma estrutura familiar que, lentamente deixa de ser hiererquizada(...)Atualmente tal autoridade não é absoluta e total, já que essa pode ser questionada, criticada e mesmo em alguns casos, negada e rejeitada, como muito mais vigor que foi no passado (...)

Em linhas gerais, podemos afirmar que esse modelo familiar de Nova Palmeira, mesmo mantendo historicamente os seus atributos de uma estrutura hierárquica, possibilita o alargamento das atividades das mulheres dentro e fora do espaço doméstico.

Nesse sentido, as formas de sociabilidade entre gêneros passam a ser mais equilibradas, sem que isso elimine as relações e a dominância masculina na família.

⁶⁷ ROMANELLI, Geraldo. Op. Cit. Pág - 86

Portanto, reflete de certo modo, em sua trajetória, alterações no comportamento dos grupos familiares, em especial, nas relações de gênero dentro e fora do espaço doméstico.

Finalizando, podemos dizer, em face dos elementos aqui analisados, que esse modelo familiar vivenciado em Nova Palmeira não pode ser visto a partir de conclusões estanques ou totalizantes. O conteúdo transmitido pelos seus agentes sociais podem ser transformados ou repetidos, bem como confrontados como uma dialética de composição e recomposição de um pensamento que passa cotidianamente pela história de vida de cada geração.

4. Contando Histórias: outras notas acerca da trajetória de vida de alguns moradores de Nova Palmeira.

De uma forma sintética, homens e mulheres contam suas histórias de vida, a partir das representações sociais que são construídas coletivamente, compartilhadas e vivenciadas no universo cotidiano.

Dentro desse mesmo universo cultural, segundo SENA⁶⁸, estão presentes os elementos simbólicos que permitem a cada pessoa representar a “realidade” a partir da sua própria história de vida, organizada sob regras fundamentais de relacionamento.

Mesmo havendo traços singulares nessa trajetória de vida de cada indivíduo, família ou grupo, o que traz à tona experiências diversas, o ponto de partida é marcado por um mesmo contexto de convivência sócio-cultural: a vida urbana e rural dos moradores de Nova Palmeira. Como nos mostram as falas seguintes:

Eu sou daqui das Portera, nasci e me criei aqui...a minha casa era aqui pertinho dessa, essa que eu moro hoje era da minha sogra...e a dos meus pais era ali perto também...tudo no mesmo sítio... era uma família só...Foi aqui que minha vida toda eu vivi, eu quero morrer aqui também...(informante 5)

⁶⁸SENA, C. S. “Durkheim e o Estudo das Representações”. In: Anuário Antropológico - 82. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC/Tempo Brasileiro, 1984.

Eu sou natural daqui de Nova Palmeira, nasci no dia 19 de maio de 1955 e permaneci na cidade até os anos 70. Aqui em Nova Palmeira, eu fui sempre muito feliz. Mesmo com as adversidades financeiras, nossa família além de grande, era pobre, quase todo mundo da zona rural, a própria cidade era muito rural, só existia naquele tempo umas duas ruazinhas, meia dúzia de casinhas e só...(informante 19)

Eu nasci aqui mesmo, mas morei pouco tempo na cidade...só até os 9 anos de idade que eu fiquei aqui, porque eu tive que ir embora pra Catolé do Rocha estudar...Mas tudo começou aqui, guardo ainda lembranças muito boas, coisas que ninguém esquece com facilidade...(informante 21)

...Sou daqui, sempre vivi aqui, só sai pra estudar na faculdade, mas mesmo nesse tempo eu nunca deixei de tá aqui direto...tenho família, amigos, as pessoas que eu sempre convivi, acho que é por isso que eu tenho esse apego todo à cidade...gosto daqui apesar de tudo de ruim que acontece com todo mundo...(informante 1)

A infância é a referência inicial dessa trajetória, nela se juntam alegrias, tristezas e sonhos. A vida, que começa “no lugar onde nasceu”, tem um significado simbólico preponderante, “coisas que ninguém esquece”.

Assim, essa socialização primária, segundo VITALE⁶⁹, é entendida como interiorização da realidade a partir da relação entre a criança e os seus múltiplos significados de convivência com o mundo.

Para autora, o mundo, interiorizado na infância, tem o significado da socialização primária, assim, é mantido fortemente na consciência, e, no decorrer da vida, prepara os indivíduos para a chamada socialização secundária, facilitando as adaptações aos novos papéis que devem assumir na sociedade.

Esse percurso inicial da vida é marcado por situações, encontros e acontecimentos que se tornam fonte de transmissão e de transformação da “realidade” que foi interiorizada como processo primário.

⁶⁹VITALE, Maria A. Faller. Socialização e Família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do C. Brant de. (Org.) A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995.

São as brincadeiras, as histórias, os amiguinhos de ontem e de hoje, a família etc.. Enfim, todo um recorte de vida que, mesmo sofrendo alterações com o passar do tempo, continua presente na memória. Vejamos essas questões nas falas seguintes dos nossos informantes:

...nossa infância foi marcada nesse espaço. Corria de canto a canto...sempre fui muito sapeca...vivia na molecagem, toda molecagem que você possa imaginar. Mesmo com todas as dificuldades, todo mundo era muito feliz, e como nossa família era muito unida, muito harmônica, havia muito amor entre a gente, muito carinho, coisa que ajuda a uma criança crescer feliz...por isso, eu tenho muita saudade quando me lembro ainda hoje...(informante 19)

A minha infância foi muito bonita, eu fui a última...fui a caçula da casa...ai eu era mimada demais em casa...sempre brincava demais, gostava de brincar de tudo que toda menina gosta: de roda, de casinha...era aquela coisa muito pura...sem maldade, juntava todo mundo que morava aqui no arredô: os primo, as irmã, os amiguinho, era aquela folia toda. Foi tudo muito feliz até completar meus 14 anos, que foi o tempo que meus pais morreram e eu tive que ir morar na casa do meu tio lá em Cuité...(informante 5)

...a nossa traquinagem de menino era correr nesse mundo a dentro, fugir de casa, se enfiar nos canto, nos sitio...a gente inventava o que fazer numa cidade que não tinha atrativo nenhum...como a cidade era pequena demais, se desse um passo mais longo você já desaparecia...isso que eu tenho muito claro em minhas lembranças até os 9 anos, quer dizer, até 19 de janeiro de 1960 quando fui embora de uma vez da cidade...De uma maneira geral eu não tenho lembranças ruins dessa fase da minha vida, tinha é claro, as dificuldades de ordem financeiras que atingia todo mundo daquela época aqui em Nova Palmeira, mas eram problemas que você quando criança não absorve muito, às vezes passa ao largo da nossa realidade infantil, até porque o mundo das brincadeiras que a gente criava era muito mais forte, eu mesmo como criança fugi muito dessa realidade, embora no meu caso tive que trabalhar logo cedo: butava água em casa, vendia laranja na feira, vendia jogo do bicho...(informante 21)

Lá em casa a gente sempre teve muita liberdade...quando todo mundo era ainda pequeno, papai já deixava fazer as coisa...eu é que era mais danadinha da família, fazia confusão, armava traquinagem, sempre fui muito avoada...tinha uma certa liderança, né?...eu me lembro que uma vez eu juntei as meninas e a gente foi lá no jogo de sinuca e aproveitando que não tinha mais ninguém, levamos as bolas pra brincar...e levamos pra casa...e eu quem guardei. Eu sei, que quando foi no outro dia era a notícia correndo na cidade que tinham roubado as bolas da sinuca...eu sei que, quando eu fui pra escola encontraram essas bolas no meu quarto e foi aquela briga toda...quando eu vi o fusuê todo, fugi de casa e só voltei na noitinha, quando já tava todo mundo doido me procurando...me escondi na casa de uma mulher que tava com tuberculose e ninguém me procurava lá, com medo de passar até na porta...(informante 18)

Nesse caminho inicial, a escola é um espaço privilegiado das representações constitutivas da infância. A formação educacional confunde-se com a vida cotidiana, haja vista que as pessoas têm nesse cenário de socialização a oportunidade de conviver coletivamente com a mesma realidade.

Como um dos poucos espaços de socialização pública, sobretudo no passado, onde a concentração coletiva na cidade era mais restrita, a escola era “praticamente o único” lugar privilegiado para se aprender as primeiras palavras, e com elas descobrir os novos caminhos da vida e do saber. Como demonstra nossos informantes seguintes:

Tudo que eu estudei na vida foi até o quarto ano...aprendi a cartilha, vi matemática...foi daí que eu pude, mais tarde, estudar a Bíblia...eu fiz uma parte dos estudos quando já tava casada...eu conseguia deitar as criança de noite e saía pra estudar...eu era louca pra aprender mesmo...até hoje eu estudo, em casa, na Igreja, eu nunca mais abandonei as leitura...eu tenho por devoção...eu posso trabalhar o dia todinho, mas de noite eu só durmo se eu ler qualquer coisa...foi com a leitura da Bíblia que eu vi que nossa história tem muito a ver com a de Jesus Cristo...(informante 5)

A escola é um retrato presente, tanto do ponto de vista do espaço, como dos seus atores, das suas histórias. Como expressa o saudosismo do poema *A Primeira Professora*, da informante a seguir:

A professora sozinha pra escola vinha. A mesma rua, os mesmos passos, mesmo caminho. De repente alunos a seguem: um, dois, três...E lá se vão: a professora, os alunos de bolsa na mão. A sala única, a classe única, a 'mestra' única, lição a tomar - quem sabe? Venha dar! Geografia, História, Ciência...Cada matéria uma lição. Quanto trabalho, quanta paciência! E a "mestra" única, da classe única, que ensinava no povoado, deixou a terra, deixou a escola, mas o seu nome na nossa vida ficou marcado(...) (informante 2)

Em geral, há um sentimento marcante desse cenário nas lembranças das pessoas que o vivenciaram, sobretudo nas mulheres, principais frequentadoras desse espaço público. Como nos mostram as falas:

Eu tinha uma vontade grande de estudar...fui com 9 anos começar a fazer o primeiro ano...gostava tanto da escola que ainda hoje eu tenho o retrato dela na minha cabeça...lá, eu fiz quase a metade assim do quarto ano, mas num cheguei a terminar...aprendi a ler direito, tinha que escrever direitinho, se esforçava pra não errar as coisa, se errasse tinha que fazer aquele nome uma dez vez até acertar, até ficar na lembrança...mas era também muito animada, a gente se reunia, aprendia fazer drama...brincava muito...no recreio, toda brincadeira que você possa imaginar. Tinha também as poesia, era o que a gente mais treinava na escola, a professora mandava que fizesse mesmo, a gente tirava ponto com as poesia...Era isso, né?... (informante 5)

Nessa época, o que era bom é que se estudava com muita curtição, estudava vivendo esse mundo que era a sala de aula, especialmente a escola. E uma coisa que marca muito nesse tempo...é que a escola, me lembro muito bem, não era só um espaço de formação preliminar...era na verdade um dos poucos espaços onde a gente podia se sentir à vontade para brincar, fazer amizade, um...espaço onde se podia viver mesmo como criança, onde podia curtir à beça a infância...na escola, tinha todo espaço propício a uma criança: a vida se dividia nas horas de estudar que era o mais difícil e a hora das brincadeiras do recreio, que a gente levava o tempo de correr, de pular corda, de esconder as coisas, tudo isso. Tudo era brincadeira mesmo, na escola todo mundo brincava de tudo isso, eu costumo dizer que quem viveu a escola dessa época foi muito feliz. E muito estudiosa que eu era,

brincava, brincava, brincava, mas na hora de dar conta das coisas da escola fazia tudo certinho...(informante 19)

Naquele tempo, na escola, os professores eram bem mais rígidos do que hoje em dia, naquela época o aluno não tinha vez, só ele...só o professor quem dava a palavra final, quem decidia tudo, era o que ele queria e pronto, tava tudo acabado, a professora não dava a vez a ninguém, era o que era, elas tinha assim um jeito de muito mandona...mas era assim mesmo, né? A gente aprendeu, assim mesmo, a gostar de estudar...(informante 20)

A maior lembrança que eu tenho...(pensando)...é da escola, até por que era praticamente o único espaço de convivência social existente. A escola dessa época foi uma parte muito importante da minha vida até aos 9 anos de idade em Nova Palmeira...Nessa época, grande parte da minha infância girava principalmente em torno daquelas horinhas sagradas que a gente passava por lá...embora todo mundo saiba que é comum pra criança nessa fase detestar a escola. No caso da nossa escola, ir pra lá significava vivenciar duas coisas: o estudo, que era a coisa chata, e o lazer, porque boa parte do tempo era dedicada às brincadeiras, como a gente era criado feito batata na beira do rio a rotina era uma coisa sem muita alteração: acordava e ia pra escola como uma obrigação, porque se não fosse, era umas palmadas na certa, e depois da escola, pé na rua pra brincar o resto do dia com a molecagem. Particularmente, esse cotidiano da escola pra rua, ainda é algo muito presente na minha memória...A infância era algo de total espontaneidade, não é como hoje, que a tecnologia tomou conta de todo espaço, naquele tempo até pra brincar a gente é quem sonhava e fazia os brinquedos e nele tava depositada toda uma fantasia gostosa...hoje quando bate a nostalgia desse tempo eu tento traduzir tudo pra meus filhos, mas eles não conseguem entender, já nasceram no mundo dos video-games, dos vídeos-cassetes, da informática de uma maneira geral. Eles dão risadas com essas histórias, pra eles é uma coisa boba, sem sentido, né?...(informante 21)

Toda aprendizagem adquirida na escola serve como elemento de transmissão de conhecimento para as gerações seguintes: crianças, adolescentes, adultos, mulheres e homens. “Se aprende pra ensinar o b a bá depois”.

Nesse contexto, o destaque feminino no desempenho da função de educadora, ainda hoje, em Nova Palmeira, é preponderante. As mulheres, em sua maioria mães e

esposas, são professoras dentro e fora de casa, educando seus filhos e os filhos dos outros. Como relatam as informantes seguintes:

...eu só tinha 14 anos quando fui morar em Cuité...quando cheguei lá, já fui ensinar a 21 alunos a cartilha do ABC, naquela época era a carta do ABC...Nenhum sabia do A...eu ensinava 21 de dia e 16 de noite...os adulto eu ensinava pra aprender a votar...pra aprender o nome de Zé Américo...era de 49 pra 50...(informante 5)

Eu comecei a ensinar muito cedo, me aposentei como professora, né? Aqui a gente começa cedo na profissão, mas como o salário é pouco a gente vai se desestimulando com o que faz...eu tenho certeza que isso só é assim, aqui em Nova Palmeira...(informante 20)

...minha profissão de educadora vem da minha família, sempre a gente teve uma vocação pelo ensino...eu formei muitas gerações de alunos que hoje estão crescendo e desenvolvendo sempre muito mais...(informante 2)

Na escola, como professora, eu tô já faz muito tempo, só me afastei mais por conta da política, né?...mais eu comecei muito nova dando aula aqui em Nova Palmeira...depois que eu me formei me efetivei na profissão, foi quando voltei par cá e fiquei aqui até hoje...(informante 1)

Há, igualmente, nesse processo da infância escolar, o mundo da rua, espaço onde as crianças, em especial as do sexo masculino, passam parte de sua vida em volta com as brincadeiras, isso, antes de assumirem as condições “necessárias” para o desempenho do trabalho adulto, algo que em regra, na cidade, acontece de forma prematura para ambos os sexos. Como nos informam as falas a seguir:

Imagine o cara morar aqui nos anos 60, hoje ainda é muito pequeno, imagine aí há mais de 30 anos atrás?...é como eu disse, só tinha uma rua, umas casinhas ali em cima...para a criança era se meter na rua depois da escola, brincar até anoitecer: jogar bola, brigar...inventar o que você na verdade não tinha em casa...nesse tempo não tinha esses atrativos tecnológicos que prendem mais as crianças em casa, né?...(informante 21)

...eu vivi no sítio, mas naquele tempo era quase a mesma coisa da rua...a gente brincava muito...isso aqui era muito animado...tinha os vizinho, esses que ainda tão por aqui mesmo, outros foro embora, outros morrerem...fazia uma

folia danada, quando tinha uma oportunidade de juntar tudo, era um Deus nos acuda...cada casa tinha bem uns dez, aí era menino pra danado, saía de casa e ia pra rua fazer bagunça até a hora de ir embora pra casa...(informante 5)

É importante destacar que, no caso de Nova Palmeira, apesar da pouca extensão territorial do espaço público urbano e dos poucos atrativos sociais da cidade, da infância à adolescência e desta ao mundo adulto, as pessoas retratam com grande valoração o cotidiano das estórias de vida que se passa fora de casa.

O mundo das brincadeiras, das farras, das brigas, dos namoros na porta, na calçada etc.; tudo está presente nesse micro espaço urbano, de ontem e de hoje. Vejamos nas falas a seguir:

Naquele tempo era engraçado, se juntava as meninas daqui de uma casa e de outra e a gente saía pra andar de noite na rua...coisa de adolescente, né?...era muito bom, ficava de um lado pra o outro...todo mundo se conhecia, quem quisesse namorar tinha que se declarar mesmo ao rapaz...era uma falta danada de homem (rindo)...o bom de quem tinha namorado é que podia sair, quem não tivesse...só se fosse num dia de festa, mas tinha de ter alguém de lado e quem namorava não, mesmo que o pai reclamasse muito, tinha pelo menos um motivo pra sair de casa...(informante 18)

Tenho muitas saudades, tanto da infância como da adolescência, principalmente das questões amorosas, que na maioria eram platônicas, namorar pra gente ainda era uma coisa muito estranha, tem uma menina aqui da cidade, a Nivaldete, que eu até tenho vontade de perguntar pra ela se a gente namorou...se ela foi mesmo a minha namorada, ela morava de frente a minha casa e o namoro se resumia naquela coisa de ficar um olhando pra o outro, ali já era tudo...(rindo)...(informante 21)

Lá em casa a democracia tomava conta, todo mundo tinha o direito de sair de casa, havia muita confiança na gente...saía pra festa, pra farra, pra namorar...e logo lá em casa, que as mulheres eram danadas mesmo, cada uma que se aproveitasse da bondade de papai...tinha uma irmã que, se desse corda, ela ia longe, namorava pra danado...era pé na rua...só aprontando...(informante 19)

As dificuldades financeiras, somadas aos problemas sociais de rotina na cidade, tais como: falta de emprego, saúde, educação precária, moradia etc., contribuem decisivamente com o afastamento de algumas pessoas, “que têm que ganhar o mundo pra viver um dia melhor”.

Porém, esse desligamento forçado, impõe um afastamento radical das pessoas com as suas origens, deixando para trás partes importantes da constituição da sua própria vida, como a família, os amigos etc.

O ritual da despedida, comumente é marcado pela aventura de sair de casa pela primeira vez. Todavia, a apreensão da partida é compartilhada pela dor dos que vão, muitas vezes para sempre, e também pelo sofrimento dos que ficam curtindo a saudade.

Sair de casa e começar uma “nova vida” não é uma tarefa fácil, em especial tratando-se de uma pequena cidade, que pouco teve contato com o mundo exterior a sua realidade de vida. Nesse sentido, os depoimentos a seguir dos nossos informantes são ilustrativos sobre essa questão:

...quando fiz meus 10 anos e tive que ir morar em Catolé e tudo teve que mudar na minha vida. Lá, minha vida se resumia aos estudos, era uma cidade maior, muito diferente daqui, onde tive que refazer todo um novo círculo de convivência, foi um corte na minha vida, né?...lá eu tive que começar tudo de novo, como eu ainda fui pra lá muito criança, a experiência de sair de casa significou uma ruptura muito forte, você morar num pequeno povoado camponês como era Nova Palmeira e de repente ter que morar numa cidade bem mais desenvolvida como Catolé do Rocha, com rede de esgoto, calçamentos, escolas, energia elétrica, tudo isso que aqui em Nova Palmeira na época ninguém via nem falar...eu mudei pra estudar fora porque aqui só existia o primário e meu tio, como soube disso, pedi ao meu pai pra me levar pra Catolé com ele...lá, eu tive que começar tudo de novo...Lá, era tudo muito diferente, né?, começava pela casa do meu tio, tinha água encanada, energia elétrica, toda no mosaico...tinha fogão a gás, geladeira...tudo de uma típica classe média daquele tempo, uma classe média bem estabelecida...(informante21)

A minha sogra, a mãe de José, foi a minha primeira catequista...eu aprendi com ela a ler a Bíblia...depois de uns 6 anos de casada ela foi embora e deixou nós aqui. Ela foi embora pro Brejo...por causa dessas seca...como ela

tinha uma grande família, muito numerosa mesmo, 17 filhos, ela se retirou pra lá, de lá já foro pro Rio de Janeiro e a gente nunca mais se viu...(informante 5)

...morar em Natal foi muito difícil, ainda nos anos 70...eu era ainda adolescente...sair de uma cidade com duas ruas, onde a gente vivia um cotidiano de lentidão, para se deparar com aquele mundo de cidade que era Natal. Natal, já naquela época era uma cidade muito elevada do ponto de vista geográfico e populacional...você tinha que refazer todas as redes de amizades, as relações de intimidade...só aí já era um grande desafio, mas um desafio que, com perseverança, com firmeza, humildade, fui vencendo, me inserindo aos poucos nesse novo contexto...(informante 19)

A pobreza generalizada da população, a precária rede de transporte que dificultava o acesso entre Nova Palmeira e outras cidades, o sistema lento de informações, entre outras questões sociais, afastavam ainda mais as pessoas que saíam das que ficavam. Um corte radical nos laços de convivência. É o que relatam os nossos informantes nas falas seguintes:

Minha sogra morreu sem a gente se ver mais... ela veio aqui só uma vez e ficou de nós ir lá...a gente se preparamo pra ir lá, já tava cevando um touro pra vender, só pra viaje, aí recebemo a notiça muitos dias depois por conta que ela tinha morrido...foi muito duro pra gente...você num ter a oportunidade nem de se despedir de quem você gosta... (informante 5)

Quando eu morava em Catolé, uma das coisas que mais me incomodava...que me fazia sofrer, era a dificuldade que eu tinha pra se deslocar de lá para aqui, passava quase dois dias pra chegar, por isso eu demorava muito voltar à cidade...só podia vir nas férias, uma ou duas vezes no ano...(Informante 21)

...o acesso à cidade era uma contramão muito grande pra cá. Pra se ter uma idéia, chegar em Natal saindo daqui, significava pegar uns três ônibus, uma parte da viagem era de mistro(caminhão de feirante) até Nova Floresta, de lá ia de kombi pra Jaçanã até tomar o ônibus para Natal. Esse era um deslocamento cruel...(rindo)...ficava difícil o contato, as coisas aconteciam e você não tinha notícia da sua cidade...(informante 19)

O retorno é marcado pela emoção, partes de uma vida deixada no tempo, vivida apenas na imaginação das pessoas. É o que expressa Zila Mamede⁷⁰, nos anos 50, em seu poema “Visita (À CASA MATERNA)” ao voltar a Nova Palmeira:

Aqui te visito sem fala, sem pranto: com este silêncio nosso e teu nome malpintado no chão que moras, terra pobre que pediste raso pedaço de cidade: ausência de vozes, de rostos e janelas(...) Essa algaroba da pousada vizinha, sabes, deixa sobras de sombras na tua face desfeita (...) Regresso incompletada ao casarão sem sentido: quase tudo permanece igual, mas de um mesmo substancialmente diverso: a rua domingueira, a grama expandida, o cajueiro e as velhas paredes de úmidos fantasmas nas tuas febres. O quarto sumido no passado, teu lugar à mesa, o preguinho do roupão sem conteúdo. Teu retrato de azul, o rádio, a sala e o espaço todo em que não estás.

Para finalizar, é importante ressaltar que, mesmo tendo como referência fundamental a vida comum iniciada em Nova Palmeira, os rumos tomados na trajetória individual de cada um desses agentes sociais, dão-se a partir de uma relativa diversidade de acontecimentos.

Entre os fatores mais importantes no decorrer dessa trajetória individual que diferencia as histórias de vida dos nossos agentes sociais, estão: a influência familiar, a formação educacional, a vida recomeçada fora da cidade e as questões de ordem econômica.

Portanto, cabe também compreender nesse processo a representação de vida a partir dessa diversidade de papéis sociais, haja vista os diferentes rumos tomados nas histórias de vida dos nossos informantes.

Nesse sentido, as falas seguintes de alguns desses agentes sociais retratam de forma ilustrativa essa realidade:

Quando eu decidi voltar pra cá foi com intuito de desenvolver um trabalho na cidade...eu sou historiadora. Fiz História em Campina Grande...eu vi que eu tinha que ajudar de alguma maneira a sociedade...o melhor era começar pela realidade da minha cidade...por isso, eu me formei, moro aqui hoje, dou as minhas contribuições na associação das mulheres e se um dia eu tiver uma oportunidade de sair pra fazer outro curso, um mestrado,

⁷⁰MAMEDE, Zila. Navegos: (poesia reunida, 1953-1978). Belo Horizonte: Vega S.A, 1978.

uma coisa assim, eu vou...eu tenho certeza que a minha vida não parou, né?...(informante 18)

...Eu tô com 61 anos...morei a vida toda aqui...aprendi muito com a vida...hoje eu vejo que a gente mim pode sonhar mais...já tô com mais de um meio da minha idade, mas eu vejo que ainda tem tempo de ilusão, não pra mim, que a vida bem dizer já passou...Eu espero pelo ano 2000. Pra mim, se Deus quiser, é uma nova etapa, com novas coisa, porque até aqui o que a gente tá vendo é roubo, morte, injustiça, isso tudo, né?...eu ainda tenho na minha mente que eu vou ver um mundo mais sadio, um mundo sem violência, sem injustiça, que o trabalhador possa ter vez...a gente vai lutando com essa ilusão porque se eu num realizar, por certo que meus filho realiza...Deus há de ajudar que eles possa vencer na vida, que eles tenha uma vida melhor do que a que eu tive, porque a minha vida foi muito sofrida até hoje, onde eu vivo...eu luto muito pra mostrar isso pra eles, pra eles sair daqui, e vencer a vida noutro canto de mais futuro...(informante 5)

...eu acho que já nasci pegano no pesado (rindo)...todo mundo lá em casa foi pro cabo da enxada ainda gurizinho, acho que com 5, 6 anos mais ou menos, só eu e outro que sabia ler uma coisinha e assinar o nome...porque a gente fez até o primeiro ano...já o resto nem isso sabe...tanto é que mora tudo no sitio, trabalhando na roça...é vida de pobe mesmo, né?...tem que pegar mesmo no pesado, senão morre de fome...se tiver medo de pegar no pesado ele tá lascado...(informante 11)

Eu e Geraldo saímos muito cedo de Nova Palmeira pra estudar...eu sou Cientista Social e ele é Engenheiro, ensinamos na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, mas sempre estamos aqui na cidade...grande parte da nossa família mora aqui, por isso que nós somos muito ligados a essa vida daqui...moramos fora há mais de 30 anos e nunca perdemos esse vínculo com essa realidade...dando sempre uma contribuição, pra ver se um dia, Nova Palmeira vai mudar...(informante 15)

Eu nasci e me criei aqui em Nova Palmeira...nunca sai daqui pra morar noutro canto...eu acho que o mais importante é você amar a sua cidade...meus estudos eu fiz aqui mesmo, eu não fiz vestibular, fiquei aqui...eu não me arrependo de ter ficado aqui. Eu sei que às vezes quando a gente vai pra outro lugar tem chance de vencer mais do que aqui, mas eu sou conformada com a minha vida, com

as coisas que eu faço aqui em Nova Palmeira...(informante 17)

Quando eu fui embora de Nova Palmeira, eu nunca imaginei que um dia eu pudesse voltar como deputada...hoje eu fico pensando como minha vida mudou, em termos de responsabilidade. No começo eu era uma estudante, uma professora, uma pessoa que tinha uma vida muito comum, hoje não, a minha responsabilidade é muito grande, eu sou a única representante do meu partido no Rio Grande do Norte, fui quase eleita prefeita da capital naquele Estado...essa é a minha vida que começou desde do dia que saí daqui...Desde cedo, quando eu cheguei em Natal, me casei com essas coisas todas, abri mão da minha vida pessoal pra me doar a tudo que é luta em nome das causas coletivas. Eu saio de casa logo cedo e só volto pra casa à noite, quando já tenho debatido, participado de alguma reunião, de alguma coisa junto ao povo; é a minha razão de viver no cotidiano, uma razão que me move é...de uma forma muito forte...minha tristeza é não ter tempo nenhum de me dedicar a essa terra que eu tanto amo ainda hoje, que é Nova Palmeira, de me dedicar com mais tempo às minhas raízes...(informante 19)

A nossa vinda pra cá foi por causa de mamãe que tinha raízes aqui, ela era da cidade e como todo mundo da família dela morava aqui, ela tinha sempre aquele sonho de voltar pra cá e ficou e ficou, até que papai resolveu trazer todo mundo pra morar aqui, até hoje...eu só não sou mais feliz porque moro ainda aqui nesse fim de mundo (se referindo a N. Palmeira). É um lugar muito triste, muito pobre, sem perspectiva nenhuma de alguém viver feliz, eu sinceramente tenho muito medo do futuro das minhas filhas nessa cidade...(informante 20)

CAPÍTULO TERCEIRO

**POLÍTICA COMO VIDA: o cotidiano das atuações
políticas em Nova Palmeira.**

1. O Papel da Igreja na Formação dos Agentes Sociais.

Nas últimas duas décadas, a representação católica na região do Curimataú foi sedimentada por uma espécie de cartilha da “politização da fé”. Esse perfil crítico, por sua vez, partindo da própria Igreja, através das orientações desenvolvidas nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), fomentou no cenário político de algumas dessas cidades, a perspectiva declarada do confronto de diversos setores sociais, incluindo os próprios padres, face a determinadas instituições reconhecidas como escudo de preservação da “ordem” local, a exemplo da Prefeitura, Câmara de Vereadores e seus Partidos de sustentação.

Em Nova Palmeira, especificamente, desde meados dos anos 80, esse posicionamento teve influência decisiva na dinâmica de parcialidade assumida pela Igreja católica nos processos de disputa do poder local, na medida em que, como aliada incondicional de determinados grupos de oposição, abriu suas portas para a organização e o fortalecimento público desses diversos setores sociais.

Nesse contexto, sua principal característica foi a transcendência de diversas práticas ritualísticas de espiritualização, do debate indissociável do político-religioso, com base nos questionamentos da vida cotidiana a partir de temáticas concretas, tais como, a fome e o desemprego na comunidade. Acerca desses novos pressupostos defendidos pela Igreja assevera GRZYBOWKY⁷¹:

O papel da ‘igreja popular’, inspirado na teologia da libertação, pode ser definido como uma combinação de evangelização com educação política do ‘povo’ em vista de sua organização e participação para a construção de uma nova sociedade. A educação popular, entendida como conscientização para a ação libertadora, é um traço característico da ação da igreja hoje(...)

Com base nesses novos princípios de evangelização já desenvolvidos no Brasil e demais países da América Latina, denominados de “Teologia da Libertação”, os padres que estiveram nos últimos anos na cidade empenharam-se sistematicamente na introdução dessa nova metodologia cristã, visando a atingir, num curto espaço de

⁷¹GRZYBOWSKY, Cândido. Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo.

In: Revista: Temas Rurais. Vol. 2, n 4. Recife: Recane, 1989.

tempo uma parcela considerável de fiéis na cidade. O limiar dessas organizações sociais sob a orientação da Igreja são sintetizadas nesse relato seguinte do nosso informante:

...meu irmão, o padre Aparecido, veio primeiro, tinha acabado de se ordenar...quando ele chegou aqui ele viu aquela coisa meia parada, todo mundo é...sem muita motivação sabe...ai começou se reunir com as pessoas que já tinha um trabalho na cidade...é...a Nega Lourdes, Marizinha, Mocinha, Da Luz, Tedinha e foi passando as coisas nova, formando mais grupos até que a coisa foi melhorando...foi nessa época que eu cheguei também pra ajudar ele, acho que foi em 87...é, foi em 87, a gente se uniu e foi formando outros grupos, associações comunitárias, né? Eu sei que a coisa foi caminhando devagar...veio as eleições do sindicato e a gente formou uma oposição ao presidente, que queria tirar as mulheres...ganhamos essa eleição, depois fundamos outros sindicatos...o SIMPUC, depois foi o CENEP que é uma ONG e o PT em 92 quando Nega Lourdes foi eleita vereadora...De lá pra cá já faz muito tempo...Aparecido hoje tá em Soledade, ele foi pra lá em 93, vem aqui mais pra fazer as celebrações, as missas e...e nós ficamos por aqui mesmo continuando esse trabalho...Quem começou tudo, mesmo, acho que foi ele na Igreja...depois veio o Pociano ajudar...o Lourival...cada um foi dando sua contribuição junto à Igreja...(informante 13)

Agregando diversos setores da população carente da comunidade, a Igreja foi transformada num espaço político privilegiado, como canal de expressão, capaz de debater e reivindicar do Estado as demandas das políticas sociais.

Assim, canalizando esse setores, a partir do peso da sua identidade institucional, a Igreja passou a influir, posteriormente, na definição das políticas sociais defendidas pelos grupos nas reivindicações ao Estado, reforçando e conseguindo verbas com outras organizações nacionais e internacionais para manutenção dos trabalhos desenvolvidos na cidade. Como relata a informante seguinte em sua fala:

Tudo a gente aqui trabalhava combinando...sentava todo mundo pra elaborar os projeto e fazer as coisa...Ninguém decidia sozinho...quando foi pra fundar o CENEP, a gente aqui na Igreja deu o primeiro passo pra conseguir um financiador...hoje a gente recebe pouco, mas dá pra tocar os trabalho de educação popular...(informante 13)

A metodologia de trabalho, expressa na Teologia da Libertação, através dos padres Lourenço, Lorival, Aparecido, Pociano e demais seminaristas que passaram pela cidade, motivou as organizações populares através de cursos de formação política/religiosa de leigos e demais fiéis dedicados ao catolicismo. Essas mudanças ocorridas no cotidiano das atividades da Igreja são relatadas pelas nossas informantes como algo profundamente vivenciado:

...A Igreja foi assim,...uma grande motivação em toda minha vida ...mas logo quando eu comecei na Igreja era mais esses trabalhos assim, de catequese, de grupos de catecismo, batismo, essas coisas, né? Era nossa linha de trabalho, só depois de 85, 86, parece, é que a gente foi despertando mais para as questões sociais..(informante8)

...descobri na catequese o sentido da esperança em Deus pra lutar para uma vida melhor, pra mim e meus semelhantes...Já na adolescência, em 87, mais ou menos em 87 mesmo, que eu me engajei mais...em todos os movimentos de Igreja, entrei ainda adolescente e não saí mais, quero continuar até muito tempo pela frente...foi na Igreja que eu adquiri consciência de que eu devia lutar por uma vida melhor...(informante 17)

...foi na Igreja que a gente teve um avanço, porque o padre italiano que passou aqui 5 anos, que era padre Lourenço, ele era uma figura muito bacana...ele trabalhava muito pelo trabalhador rural e incentivava que a gente se organizasse, que era a melhor forma de nós conseguir alguma coisa. Então ele ajudou muito, ele...ele ia lá pra casa de mês em mês fazer reuniões com a gente, o Evangelho no Campo. Então esse Evangelho entrava em muitos trabalhos popular, muitas lutas popular e ajudou muito. E ainda hoje a Igreja continua nos ajudando..(informante 5)

As atividades de rotina mais tradicionais desenvolvidas pela Igreja Católica, como cursos de batismo, de crismas, de casamentos e a própria celebração dominical, foram mantidas, mas sua representação simbólica foi paulatinamente alterada com a introdução de uma mensagem divina articulada com a vida cotidiana das pessoas da comunidade:

Depois que padre Lourenço veio pra cá a gente começou mudar as coisas, eu me afeiçoei mais nos estudos da Bíblia, fazendo curso junto com ele...nesses cursos a gente viu que a história de Jesus Cristo tinha muito da nossa

realidade, parecia muito com a história da gente...Hoje eu sou catequista da Igreja. Preparo as crianças pra fazer a Primeira Comunhão, preparando também pra vida, porque a gente sabe que Bíblia e vida é a mesma coisa, né? Quando você tá preparando pra entender a Bíblia você tá preparando pra entender a vida como ela é, mostrar que Jesus foi perseguido do jeito dos pobe também...e que a fome é uma coisa do patrão e não de Deus, que Deus tá é do lado da pobreza e não dos poderoso...A gente mostra também que religião num é só rezar!... antigamente a gente pensava isso, que religião era só a gente rezar de joelho, orar e pronto...a religião é aquela que a gente na verdade se doa ao irmão, luta pela justiça, luta pela vida dos outros...é assim que eu mostro que a gente tá servindo a Deus. Porque não foi essa a luta dele, né?... (informante 5)

Ampliando essa metodologia “voltada à questão local” foram criadas algumas pastorais visando a formação politico-religiosa de diversos grupos sociais, tais como, a mulher, o menor e o trabalhador rural; na luta em defesa dos mais importantes direitos: de aposentadoria da mulher, da sindicalização rural e urbana, pelo estatuto da criança. Enfim, pela defesa dos direitos humanos, como informa a seguir:

...Eu fui uma das pessoa que acompanhou desde o começo os movimentos das pastorais, sempre tive uma ligação com a Igreja Progressista...o meu amigo mais importante da Igreja da libertação é Frei Betto, que sempre me deu muita força pra continuar na luta e envolver outras pessoas, com muita fé e consciência...dou cursos e coordeno pastorais, faço também celebrações e ajudo nos trabalhos sociais de educação popular do CENEP... (informante 2)

A gente tinha um movimento chamado religião e vida, fazia assembléia e falava muito das coisa errada da cidade (...) nesse grupo a gente discutia a fome, a aposentadoria da mulher, a pobreza(...) Depois rezava e saia em grupo pra trabalhar na comunidade (...) (informante 5)

Tendo como base o conteúdo político da religiosidade, a Igreja ramificou sua atuação influenciando diretamente na formação de importantes espaços na sociedade, a exemplo do CENEP (Centro de Educação Popular), que é uma ONG, do SIMPUC (Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais), de outras associações comunitárias no campo, bem como da conquista eleitoral do S.T.R (Sindicato dos Trabalhadores

Rurais) e até mesmo na construção de um Partido de oposição de esquerda (PT). Para GRZYBOWSKY⁷²:

O basismo dá vigor à Igreja a nível dos grupos e CEBs, mas lhe tira eficácia política e gera enormes tensões na medida em que o trabalho se amplia, as lutas dos movimentos se expandem e novos desafios são colocados, sobretudo em termos de representação, alianças e negociação(...) é o momento que a instituição tem dificuldade de controlar o resultado da sua própria organização(...)

Colando suas principais atividades de âmbito religioso nas problemáticas mais gerais da sociedade, a Igreja fomentou uma solidariedade absoluta, principalmente com os grupos de organização popular identificados com a sua metodologia. Essa questão pode ser vista de acordo com GRZYBOWSKY⁷³, da seguinte maneira:

Os organismos da Igreja fazem educação política atendendo aos apelos da religiosidade popular e usando a religião como elemento político. A simbiose foi produzida teoricamente pela Teologia da Libertação e se exprime numa metodologia de leitura da realidade, através de categorias bíblico-religiosas e sociológicas, e numa prática política religiosizada. Nos movimentos sociais onde a igreja se faz presente, produz-se uma ambígua identidade político-religiosa, cujas conseqüências no desenvolvimento das lutas e, sobretudo na articulação política, não podem ser desprezadas. A religiosização de categorias políticas se exprime no uso político de símbolos cristãos, como a cruz nos acampamentos, e na realização de atos religiosos com fins políticos, como missas, romarias da terra, etc. E tem um conteúdo particular: a solidariedade político-religiosa.

Esse fato se expressa com relevante evidência nas falas dos informantes, que se dedicam de uma maneira indissociável às atividades identificadas com a Igreja e outras instituições ou movimentos de cunho social:

...minha vida aqui em Nova Palmeira é de dedicação aos movimentos populares, a Igreja e aos grupos de liturgia comunitária, trabalho também com os grupos de alfabetização de adultos e milito no Partido dos Trabalhadores...Por isso que eu digo que temos, não só na Igreja mas em todos os movimentos, a mesma coragem de lutar contra a injustiça e a opressão, de falar a verdade sem medo do que os poderosos pensem ou digam,

⁷²GRZYBOWSKY, Cândido. Op. Cit. Pág. 68.

⁷³Idem. Pág. 69.

organizamos muito as coisas de forma clara...por isso, tem gente que fica sempre dizendo: 'você é do PT ou é da Igreja?...'...Às vezes, com certa irritação, procurando provocar, né?...a verdade é que nós estamos na luta...quando a gente vai fazer uma missa é claro que a gente tem que dizer a verdade, a Igreja tem um compromisso com a verdade, tem que mostrar as coisas certas como fez Jesus, mostrar que Jesus morreu porque queria a igualdade...queria o bem de todos...e a gente procura conscientizar o povo dessas coisas na missa mesmo, nas pastorais, nos cursos que a gente trabalha...No ano passado, aqui vizinho, em Pedra Lavrada, foi a maior confusão, que o prefeito e os vereadores fizeram com o coitado de Aparecido, quiseram até atirar nele, teve revolver, teve tudo, só por que ele queria na procissão da cidade colocar no lado da padroeira um retrato de Chico Mendes e outro de Margarida Alves, pra falar da violência do campo. Eu sei que foi uma confusão danada, foi parar em Campina, na policia, esse negócio...(informante 17)

Nesse processo de alteração metodológica nas atividades da Igreja, as mulheres de Nova Palmeira tiveram uma participação decisiva, haja vista que fazia parte da formação feminina os princípios da religiosidade. Assim, a Igreja era o espaço público de maior permissão à sua frequência e mesmo de obrigação como mãe, esposa e dona de casa, como nos relata a informante seguinte:

...as mulheres são mais católicas, principalmente em cidades pequenas como a gente vê aqui, que a gente não vê um homem indo à igreja, é muito difícil, né?...é a gente que sempre vai mesmo à Igreja e assiste as missas...lá em casa todo domingo a gente saía pra assistir às missa, quando tinha, as vezes, e as celebrações...(informante 7)

A exemplo das pequenas cidades, em Nova Palmeira, a prática comum de “ir para Igreja sempre foi coisa de mulher”, assim, foram elas as primeiras a vivenciarem a politização religiosa.

Essa realidade, segundo COVRE⁷⁴, demonstra inicialmente um contingente de mulheres tradicionais, em sua maioria mães que, discretamente sensibilizadas com as suas próprias questões familiares, abrem-se para a percepção social da fome, da miséria, da carestia, inserindo-se dessa forma numa nova sociabilidade, que sob o amparo ideológico da ala clerical da Teologia da Libertação, tornam-se agentes críticos, em defesa da cidadania. Para a autora, via de regra, acontece da seguinte forma:

(...) mulheres simples que vão para Igreja discutir o Evangelho e, através dele, descobrem-se como sujeitos de direitos, rompem relativamente com sua submissão e, via Igreja, abrem um espaço de liberdade para si mesmas e de luta social em geral(...) vincula-se, a partir daí como agente nessa luta do cotidiano na perspectiva de alcançar uma cidadania nova(...)

A partir da formação das pastorais e do evangelho no campo, as mulheres, através da Igreja, estenderam sua esfera de participação a diversos setores sociais da cidade: S.T.R, ONGs, Conselhos de Políticas Públicas, PT etc., onde se estabeleceram no exercício de determinadas atividades reconhecidas como de exclusividade masculina. Esse fato esteve bastante presente nas falas das nossas informantes ao criticarem o preconceito masculino em relação à Igreja:

...Quando é na política partidária os homens até que participam mais, né? Agora, já na Igreja é muito menos, né? já nos trabalhos, nos movimentos populares, a gente vê uma minoria de homens. E na Igreja é uma minoria também, na Igreja nem tem. Nos trabalhos mesmo da Igreja, não tem nem um homem participando...Eu acho que isso se deve ao machismo, ao preconceito que é grande, né? Acho que se deve a isso, eles pensam que é uma coisa de mulher, por isso, é uma desonra pra eles...(informante8)

...nós só temos quase mulheres na Igreja, são poucos homens...não existe um homem sequer presidindo celebrações em Nova Palmeira, somos só nós mulheres...na verdade, quando se trata da Igreja, quem sustenta todas as responsabilidades é a gente, porque realmente é muito

⁷⁴ COVRE, Maria de Lourdes Manzini. A Família, O "Feminino", a Cidadania e a Subjetividade. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant. de. (Org.). A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995.

difícil você encontrar um homem participando dessas coisas...(informante 17)

...existe uma certa barreira pra homens participarem de grupo de crisma, de grupo de batismo, dessas coisas. Então quem participa mais é as mulheres, então as mulheres que estão lá, tocando o barco, organizando os movimentos. Os homens não participam, é mais pelo preconceito, né? de participar de Igreja, porque sempre quem tá participando é mulher...(informante 3)

As mulheres reconhecem nesse espaço de participação política orquestrado pela Igreja uma mudança concreta na forma de representar a realidade, dentro e fora da família, a partir de um tipo sociabilidade que se apoia na utopia das transformações mais amplas:

Eu acho que a igreja católica foi o meu primeiro passo pra eu ser consciente das coisa. Eu me lembro que quando eu comecei mesmo, no começo, eu era assim meia abestada do juízo, tanto fazia as coisa, só depois desses trabalho aqui como catequista, dos curso de leitura da Bíblia é que eu despertei mais pra as coisa do mundo...hoje a gente luta por uma sociedade mais justa, que foi o mesmo que Jesus Cristo lutou...(informante 5)

...foi na Igreja que eu me formei para a vida, na Igreja que eu comecei enxergar melhor a vida lá fora. De lutar pelos nossos direitos...Foi através da convivência com pessoas aqui dentro que eu cresci, dos grupos de estudo de reflexão da vida, dos grupos de orientação social...Eu acho que nós mulheres de Nova Palmeira temos hoje, não só na Igreja, mas também nos sindicatos, nos movimentos todos, a coragem de lutar contra a injustiça e a opressão, de falar a verdade sem ter medo do que os outros digam, organizamos muito as coisas de forma clara...(informante 17)

...o dia a dia, a convivência com os problemas que surge na vida da gente...Foi através das pessoas que a gente vê e acha que não pode mais ficar calado, que tem de participar, né?...na Igreja, eu comecei a falar dos problemas de todos e aprendi a lutar com mais coragem...(informante 8)

Portanto, como instância de formação crítica da realidade em Nova Palmeira, a Igreja, em termos gerais, é um espaço de socialização política que viabiliza no

aprendizado prático de religiosidade, a união, a organização, e a participação, principalmente das mulheres.

No seu interior, elabora-se uma identidade social pautada na cidadania, ou seja dos direitos e das reivindicações mais amplas da sociedade. Finalmente, é um espaço de construção de novas representações sociais e culturais.

2. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais: uma particularidade dessa história da atuação das mulheres.

Do ponto de vista das organizações oposicionistas de âmbito popular, desde a última década, tem-se constituído paulatinamente uma nova frente de disputa pelo poder local em Nova Palmeira. O STR, o SIMPUC, o CENEP, a Igreja, os Conselhos Municipais e as Associações Comunitárias, são, nessa conjuntura, alguns desses espaços privilegiados de formação política, o que tem demonstrado que, a cada momento, vem ampliando suas fronteiras, seus raios de influência e ação no confronto direto e personificado, com as forças tradicionais do Estado no município.

Nesse processo de constante formação, surgiram atores e atrizes sociais no cenário político de Nova Palmeira, sobretudo em espaços como a Igreja e o S.T.R, que há mais de uma década têm sistematicamente investido na ampliação das esferas de âmbito popular.

Nesse contexto, a participação feminina, ancorada na própria historicidade das tradições da figura ativa da mulher na comunidade, tem se alargado, correspondendo a uma expressiva fatia da motivação em todas as lutas sociais do município, em especial, do campo, onde recentemente se deu a progressiva luta pela sindicalização da mulher na perspectiva de conquista de sua identidade como trabalhadora.

O fenômeno da participação política das mulheres nas instâncias sindicais, em especial no campo, apesar do seu crescimento recente, tem uma história que antecede a

essa peculiar realidade ocorrida nos anos 80 com o advento da lei da aposentadoria da mulher trabalhadora. Segundo GRZYBOWSKY⁷⁵:

Seria errôneo, porém, entender que a presença de mulheres nas lutas sociais no campo, no Brasil, seja recente. As lutas no campo já produziram mulheres líderes do porte de Elizabete Teixeira (das Ligas Camponesas), Margarida Maria Alves (Presidente do Sindicato de Alagoa Grande PB, assassinada em 1983), Maria Oneide Costa Lima (líder dos posseiros em São Geraldo, na conflagrada região do Araguaia - TO). Em todas as lutas as mulheres se fazem presentes e empurram os próprios maridos(...)

Em Nova Palmeira, em vista da preponderância de sua realidade basicamente rural, torna-se impossível dissociar as lutas desencadeadas pelas mulheres da cidade das lutas do campo, nas últimas décadas.

Na verdade, as comunidades rurais e urbanas convivem dioturnamente com os mesmos problemas sociais relacionados à saúde, ao desemprego, à fome, à moradia, à agricultura etc.

Essa questão contribuiu decisivamente para a formação conjunta das reivindicações do campo e da cidade, tendo no limiar das organizações, a participação direta de setores urbanos, tais como estudantes, militantes partidários de oposição local e lideranças religiosas. Essa situação é refletida no depoimento dessa informante:

Eu sou aqui da cidade mesmo, só morei no sítio até os 10 anos de idade...quando eu e meu irmão começamos a estudar na cidade os meus pais se mudaram logo pra cá...quando foi em 89, na campanha de Lula, a gente tinha um grupo que fazia parte do Grêmio Estudantil, é...a gente fazia teatro de rua...aí Marizinha e Nega Lourdes me chamaram pra participar das lutas...me associei depois no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e hoje sou a vice presidente...mas eu comecei aqui na Igreja e no teatro, e no CENEP também, só depois foi que eu fui pra o Sindicato ajudar as mulheres fazer oposição ao antigo presidente...naquela questão que a gente se uniu pra sindicalizar as mulheres da zona rural...(informante 3)

Mesmo que a mulher tenha tido uma participação política importante, desde as ligas camponesas dos anos 60, em Pernambuco e na Paraíba, cabe ressaltar que o maior ímpeto dessa trajetória de massificação feminina nas lutas sindicais do campo, a

⁷⁵ GRZYBOWSKY, Cândido. Op. Cit. Pág. 47

exemplo de Nova Palmeira, ocorreu mesmo no final da década de 80, especialmente em 1988, com a promulgação da nova Constituição Brasileira. Neste momento, as reivindicações estão centradas no reconhecimento social e legal da sua identidade de trabalhadora rural, o que implica a necessidade de obtenção do direito à sindicalização, e conseqüentemente seu espaço como trabalhadora junto ao Estado, em especial à previdência social.

Essa questão se traduz principalmente na conquista da extensão do direito à aposentadoria rural por idade, outrora de exclusivo reconhecimento do trabalho masculino, ou seja, dos tradicionais provedores, “os chefes de família”.

A luta pelo reconhecimento dessas garantias deu ênfase ao aspecto organizacional na reivindicação de uma identidade própria para o trabalho da mulher no campo, momento em que começaram a perceber que “os documentos dos homens não serviam mais” para elas e que ser trabalhadora rural significava lutar também por uma cidadania. Sobre essa questão assevera CARNEIRO e TEIXEIRA⁷⁶:

Nesse contexto, a cidadania é entendida, genericamente, como o conjunto de direitos que são normalmente concedidos ao homem mas não às mulheres. Neste sentido a organização é um caminho para colocar a mulher 'lado a lado do homem' (...)

Todavia, o esforço das lutas femininas nesse momento de crescente sindicalização rural e de luta pelo reconhecimento de uma identidade própria, a de trabalhadora ativa, a exemplo do que ocorreu em Nova Palmeira, desde os anos 80, posta na conquista de uma cidadania pela igualdade de direitos dos trabalhadores, homens e mulheres, segundo CARNEIRO E TEIXEIRA⁷⁷:

(...) não implica, necessariamente, em igualdade nas relações sociais de gênero. A formulação de reivindicações específicas passa pela construção de uma idéia de direitos coletivos e, sobretudo, pelo reconhecimento desses direitos pelo grupo, que orienta as mulheres para uma prática política voltada, primordialmente, contra o Estado (...) A luta pela igualdade de direitos advindos de uma legislação mais justa (...) concentra os esforços na denúncia contra a inoperância do Estado(...)

⁷⁶CARNEIRO, Maria José. e TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Mulher Rural nos Discursos dos Mediadores. In: Estudos: sociedade e agricultura. Rio de Janeiro: CPDA, 1995.

⁷⁷ CARNEIRO, Maria José. e TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Op. Cit. Pág. 50

Assim, segundo as autoras⁷⁸, a primazia à luta pelo reconhecimento particular dessa identidade de trabalhadora rural, no processo de sindicalização ocorrido nesse momento, põe em segundo plano o questionamento acerca das contradições sociais que tem origem nas relações de gênero. Para elas:

Nesse sentido, a singularidade das relações entre os gêneros na sociedade em que a mulher se encontra é uma questão totalmente secundarizada, não se faz referência à ruptura com hierarquização dos gêneros na sociedade(...)

Essa questão encontra-se presente também em Nova Palmeira, a partir das modificações constitucionais no sistema previdenciário, provocando, em curto espaço de tempo, uma mobilização crescente das mulheres na defesa do reconhecimento específico da identidade de trabalhadora rural nas instâncias do S.T.R., com a perspectiva de viabilizar essa “nova” identidade perante as instituições burocráticas do Estado, a exemplo do INSS.

Nessa conjuntura, a Igreja assumiu, politicamente, junto às trabalhadoras rurais em Nova Palmeira, a tarefa de articulação, em vista da conquista sindical, apoiando e reivindicando também, junto aos grupos de oposição, o direito da mulher associar-se ao S.T.R. e ser reconhecida como trabalhadora.

A luta ampliou-se sobretudo nas pastorais do campo, haja vista a maioria das integrantes viverem na zona rural e através das atividades religiosas mantinham-se sempre informadas dos seus novos direitos.

Diante de uma diretoria autoritária, que, ameaçada pela oposição impunha o veto ao direito de sindicalização das mulheres, a Igreja, junto a algumas lideranças populares articulou um trabalho de unidade política visando à conquista do S.T.R. nas instâncias judiciárias da região.

Apoiando-se nas questões legais em vigor, o padre Aparecido, junto com a representante comunitária Nega Lourdes, confrontaram-se na justiça com a diretoria do Sindicato, apontando juridicamente suas atitudes anticonstitucionais, no que diz respeito ao direito da mulher associar-se na instituição como trabalhadora, o que consequentemente levou a uma decisão judicial favorável à oposição, marcando novas

⁷⁸Idem. Pág. 50.

eleições (agora com a presença da mulher associada) e destituindo dos respectivos cargos o grupo situacionista:

No começo, quando a gente foi informada dessas lei nova dos aposento rural, procuramo logo o presidente...ele quase bateu na minha cara e disse que mulher num precisava pisar lá pra se associar, porque só bastava o marido e pronto...foi quando a gente foi pra justiça...e quando ele soube (o presidente anterior do S.T.R) que o juiz tinha mandado tirar ele de lá e fazer as eleições com todas as mulher, ele fechou as porta e sacudiu fora as chave do sindicato e num pisou mais lá de jeito nenhum...(informante 5)

Por toda a sua importância nessa luta como aliada da oposição sindical, a Igreja sempre foi referenciada com muito significado nos relatos das informantes que vivenciaram esse processo de conquista, atribuindo ao desempenho dos padres da região, em especial ao padre Aparecido, a vitória final, com a expressiva sindicalização da mulher. Vejamos como sindicalistas revelaram a história dessa luta junto à Igreja em suas falas:

Desde o começo que o sindicato teve o apoio do Padre Aparecido, ele sempre deu muita força à gente pra continuar lutando...foi depois dessa conscientização das mulheres rurais que a gente venceu as eleições no sindicato...(informante 1)

...na época que eu entrei pra trabalhar no sindicato, a gente ainda não tinha...o pessoal que, que tava lá, ainda não era o pessoal da diretoria mesmo, de hoje, na época a gente teve uns problemas lá com o sindicato e o presidente antigo teve que se afastar, porque ele não quis que uma outra chapa concorresse nas eleições...ele tinha medo de perder e na época, também, ele não queria que as mulheres se associasse ao sindicato rural, né? e as mulheres entraram na justiça e ganharam a causa...ele achava que...as mulheres não eram agricultoras, que a mulher trabalhava só na cozinha, só era doméstica, e não aceitava que as mulheres fosse vista como agricultoras de forma alguma, ele dizia sempre: elas eram domésticas, então não tinha direito a se associar no sindicato ...porque se o marido já era sócio tava bom demais...Ai a Igreja ficou do nosso lado e a gente se sentiu mais corajosa e foi brigar até na justiça...depois fizemos as eleições e ganhamos...(informante 3)

...chegou o ano de 89 e decidi mesmo vim pra cá e vim, né? foi quando fui convidado a participar de reunião na Igreja e como eles já tinha um trabalho bom, eu decidi entrar na luta de vez. Nesse tempo é...é...já tinha o pessoal da Igreja e dos movimento que lutava contra o presidente do sindicato, era as mulher da parte de Nega Lourdes e do padre, elas dizia que o presidente não atuava em nada, não estava atuando bem, e a questão maior é que ele não deixava as mulher se associar pra ter direito das aposentadoria e lutar pela presidência do sindicato. Foi aí que as mulher começou a lutar e fazer reunião e acharo que eu devia ser o novo presidente do sindicato. Eu não queria, mas elas queria de todo jeito e insisti bastante, e terminei sendo mesmo o candidato, elas foro pra justiça e ganharo a causa, fizeram uma comissão provisória e organizaram uma eleição que eu ganhei com apenas dois votos de maioria e hoje já faz mais de 6 anos, tá entrando pra 7 anos que eu sou presidente, fui reeleito agora numa nova diretoria e tô trabalhando...(informante 11)

Através da Igreja, as mulheres de Nova Palmeira se informavam das lutas femininas em outros municípios, em especial no Brejo paraibano, pólo de maior concentração das oposições sindicais na Paraíba.

O movimento de oposição sindical em Nova Palmeira, já articulado com os grupos de mulheres do Brejo paraibano, recebeu todas as orientações jurídicas necessárias, e com o apoio das CEBs e CENTRU/CUT intensificou suas estratégias de disputa no processo eleitoral seguinte. É o que nos relata essa informante:

...mas o primeiro movimento que a gente participou mesmo não foi o sindicato dos trabalhadores rurais, porque o sindicato daqui era aliado com a prefeitura, aí a gente queria se sindicalizar e eles não aceitava...eles dizia que a mulher não precisava...ser aposentada no sindicato, bastava os home. E aí foi chegando a história dos aposento, a gente sempre saía pra reunir...em Lagoa Seca, Sapé, que lá o sindicato era muito bom, o sindicato dos trabalhadores, e a gente ia tomar experiência com eles e de lá a gente trazia a noticia que era preciso a mulher se sindicalizar, se não, não tinha direito a nada mais pra frente. Aí com essa conversa a gente saiu (risos)...pelos sítios, né? falando com comade fulana, comade sicrana, né? e reunindo para explicar que se nós não se...não tomasse chegada ao sindicato pra tirar a carteira do sindicato, não ia ter direito mais adiante no aposento. Aí, isso deu muita bronca, foi muita briga, muita revolta e...Aí a gente começou nesse tempo já... desde o meu começo

dessas entrada nessa luta que a...que a primeira reunião de organização que a gente fez das mulheres foi em Sapé, agora o ano...eu não sei...porque com o tempo as coisa passa despercebida, né?...Eu sei é que essa luta a gente deve muito a Nega Lourdes e o padre Aparecido que todo tempo com a gente, toda reunião importante levava a gente nos sindicato e nas igreja de outras cidade, que já tava por dentro da coisa, né?...(informante5)

O resultado político de todo esse processo foi confirmado com a vitória apertada da oposição por apenas 2 votos de maioria, tendo à frente da nova direção o agricultor Antônio Pereira, atualmente presidente do S.T.R, acompanhado de um contingente considerável de mulheres do campo que haviam-se associado, como Dona Mocinha e Edilândia, que assumiram, de imediato, importantes funções na tesouraria e na secretaria geral da instituição.

Assim, desde o primeiro momento dessa nova gestão sindical, as funções desempenhadas pelas mulheres, segundo os próprios informantes, foram e têm sido de relevante destaque, sobretudo no espaço da organização e na rigorosa manutenção das atividades políticas, que permitiram paulatinamente o crescimento dos trabalhos de base, o que resultou em aumento significativo de novos associados.

À frente da direção do S.T.R, o grupo de mulheres recuperou a importância da instituição, que até então só servia de amparos assistencialistas do antigo FUNRURAL, criado pela ditadura no final dos anos 60.

Num curto espaço de tempo, grande parte das agricultoras procuraram a instituição para legalizar sua identidade social de trabalhadora, mesmo visando, antes de tudo, à questão da aposentadoria aos 55 anos de idade, o que triplicou em menos de dois anos o número de associados da instituição.

No caso das mulheres, a sua crescente presença superou as expectativas da direção do S.T.R, influenciando posteriormente a participação mais ampla da família, a exemplo dos próprios maridos, que começaram a despertar o interesse pelas reuniões promovidas pela instituição na cidade e no campo, o que possibilitou à direção ampliar, através dos discursos, a politização do papel do sindicalizado:

... quando a gente já tava já com o sindicato na mão. o povo foi se chegando devagazinho, vinha um. se associava, depois vinha outro, trazia mais gente da familia...todo mundo interessado no aposento, né? Ai, foi quando a gente se reuniu e viu que devia aproveitar na reunião pra mostrar a esse povo que sindicato

num era só pra bater carteira de quem precisava se aposentar...foi aí que quando a gente começou fazer de novo reunião, foi trazendo gente da Igreja, de associação...muita gente de fora pra conscientizar o povo que o sindicato era uma coisa muito importante...que tinha que todo mundo se unir pra derrotar os poderosos e não ficar só de braço cruzado esperando o dia de se aposentar...que a mulher trabalhadora era aquela que lutava pelos seu direito e do semelhante (informante 5)

Nessa conjuntura é que se inscreve uma nova identidade social, no momento em que as mulheres do campo começavam despertar para o fato de que “os documentos dos homens não servia mais para elas”, haja vista o reconhecimento da sua própria condição de trabalho e, conseqüentemente, dos seus direitos.

Essa questão, segundo CARNEIRO e TEIXEIRA⁷⁹, não altera fundamentalmente as tradições culturais da divisão de tarefas de trabalho nas relações de gênero, nem tampouco provoca fissuras radicais na representação social da figura paterna de provedor e chefe de família, realidade relativamente incompatível face às mudanças ocorridas atualmente nos grupos familiares. Para as autoras, esse momento converge com a crescente sindicalização da mulher do campo:

reflete apenas uma única face de sua identidade - a de trabalhadora. A questão da 'cidadania' e dos 'direitos' fica, assim, atrelada à necessidade do reconhecimento da mulher como agricultora. Esta ênfase se justifica pelo fato de que grande parte da população rural feminina está inserida em formas de organizações familiares que conjugam funções reprodutivas e produtivas, onde a inserção da produção é entendida como um prolongamento das atividades domésticas.

As autoras, ainda, caracterizam as lutas em torno da construção e conquista dessa identidade de trabalhadora como algo que começa e termina na afirmação legal de uma “igualdade” face o processo de produção social. Nesse sentido, não se aprofunda o questionamento crítico à dupla exploração da força de trabalho feminina no campo, o que tem como pano de fundo uma divisão sexual das atividades

⁷⁹ CARNEIRO, Maria José. e TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Op. Cit. Pág. 50.

construídas culturalmente sob o amparo do patriarcalismo. Nesse sentido, CARNEIRO e TEIXEIRA⁸⁰ afirmam que:

(...) o esforço em reconhecer a mulher como parte da população ativa não explica, e muito menos elimina, por si só, as discriminações a que estão submetidas em decorrência de uma ideologia que se sustenta na desigualdade e na hierarquia entre os gêneros (...) Relações essas informadas por um sistema de valores que não lhes é exclusivo, mas é produzido pela sociedade e reproduzido nas relações familiares.

Todavia, em Nova Palmeira, a afirmação dessa nova identidade ganhou espaço fundamental no campo da administração da instituição, onde, devido a uma atuação mais presente, as mulheres começaram a exercer, junto aos associados o poder de liderança. É o que revelou a fala de um informante masculino, o presidente em exercício do S.T.R.:

...aqui no sindicato tem sido assim, são elas que comandam mesmo e organizam tudo pra beneficiar a todos os trabalhadores, quase nunca tivemos discussões, sempre a gente conversa e chega a um acordo...depois dessa nova direção os trabalhadores tem se engajado mais...as vezes elas tem um ideal melhor...aprendi muito com dona Mocinha, com Edilândia, com as meninas daqui, por isso, eu não tenho nada a reclamar só a agradecer a elas...(informante 12)

À frente da organização geral do sindicato, as mulheres têm desenvolvido diversas atividades, tais como: palestras, cursos profissionalizantes como corte e costura, atos de apoios aos movimentos populares, entre outros.

Esse perfil feminino no centro da organização do S.T.R. alterou sua visibilidade política no conjunto da sociedade, ampliando no espaço público a identidade da mulher trabalhadora/mulher sindicalizada, como nos mostra a informante a seguir:

(...) no sindicato dos trabalhadores rurais, as mulheres, devido ao seu grande engajamento, fizeram um sindicato de mulher(...) são elas que mais estão à frente de tudo, a prova é que tem sua maioria mulher (...) Conseguiu assegurar o direito de associação de todas as mulheres do sítio se associar pra ter direito à aposentadoria. Isso foi

⁸⁰ CARNEIRO, Maria José. e TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Op. Cit. Pag. 56

um peso grande pra organização das base(...)(informante16)

Mantendo o permanente trabalho de organização e extensão das suas bases, a nova diretoria do S.T.R. continuou defendendo políticas conjuntas com a Igreja e com os movimentos populares, na defesa dos direitos dos associados, a exemplo, da luta conjunta para amenizar as árduas funções das mulheres nas frentes de emergência do Estado, da garantia de cestas básicas para as famílias carentes na época da seca, do salário para gestante e das reivindicações mais gerais pela melhoria das condições de saúde, agricultura, trabalho etc. As informantes seguintes relataram em suas falas a dimensão de algumas dessas conquistas:

Nos juntamos com o pessoal mulheres do Sindicato, da Igreja, dos movimentos e do PT...e a questão maior da luta era fazer parte da frente produtiva...a gente procurou...fazer com que as mulheres não trabalhassem mais no sol nem no pesado, como os homens, e conseguimos, foi uma luta muito grande porque eles não queria aceitar (os representantes da prefeitura). Tinha mulher dentro da comissão e muitos representantes de entidades que era contra as mulheres trabalharem no sol e no pesado. E a gente lutou muito e conseguimos que a mulher durante o período todinho da seca, da frente produtiva trabalhasse na sombra com mais tranquilidade...(informante1)

...a maior conquista do sindicato foi garantir à mulher gestante o direito a um salário mínimo, só precisa ela trazer os documentos direitinho que ela vai receber um salário mínimo dos 3 meses até 9 meses...por causa disso, muita mulher tem vindo aqui se associar, a gente já tem feito muitas fichas...antes, ninguém sabia nem disso, só depois que a gente do sindicato junto com padre tomamo informação disso, que começamos a avisar e muito gente tomou de conhecimento e veio atrás desse direito...(informante 5)

O fruto da integração dessas e de outras políticas, em sua maioria assistencialistas, garantiu, no pleito eleitoral seguinte do S.T.R, a reeleição do grupo atual, outrora conquistada com grande margem de insegurança.

No novo mandato, as mulheres que já participavam da direção, como Dona Mocinha e Edilândia, conquistaram, através do trabalho de base pela sindicalização,

espaços de grande relevância e visibilidade política no S.T.R. Assumiram a tesouraria, a secretaria geral e a vice presidência da instituição, superando restritas atividades subalternas, tais como a de recepcionista, faxineira etc., à medida em que passaram a ocupar majoritariamente 7 dos 12 cargos.

Uma ressalva importante nesse processo, segundo CAPPELLIN⁸¹, diz respeito ao fato de que essa nova condição da mulher no sindicalismo rural produz indubitavelmente uma importante visibilidade acerca do seu papel político na sociedade. Na estrutura sindical revela também o reconhecimento econômico do seu trabalho, antes tido como provisório e complementar, permitindo assim, corrigir nesse e noutros espaços a visão de subalterno nas atuações.

Segundo relatou nosso informante e atual presidente do S.T.R, Antônio Pereira, o crescimento das mulheres nas instâncias da instituição foi resultado de um trabalho sistemático que continua sendo desenvolvido por elas no contato periódico com as bases. Vejamos como ele expressa essa realidade em sua fala seguinte:

...elas trabalham, luta, desenvolve uma boa política junto com a Igreja e o PT, tanto é que o sindicato hoje é muito movimentado, hoje se faz uma coisa, se faz outra e não para nunca e elas sempre na frente...tem sido muito positivo pra todo mundo a participação das mulher no sindicato...cada qual faz o que deve fazer pensando só no trabalhador, na pobreza e na conquista de cada um...é isso, tem que ser por aí, né?...tanto é que hoje a gente se reelegeu sem nenhuma oposição pra reclamar...se deve ao trabalho delas nos sítio, conversando, fazendo reunião, sindicalizando outras mulher... (informante 11)

Para o informante, presidente em exercício do S.T.R, Ronildo Marques, a vitória do grupo nessa última eleição comprovou o interesse maior das mulheres pela organização sindical, o que demonstra, na sua condição majoritária, uma “atuação constante e responsável”.

Assumindo atividades no S.T.R, “as mulheres butaram o sindicato nos trilhos”, sobretudo nas questões que correspondem às organizações de base:

⁸¹ CAPPELLIN, Paola G. “Gênero e Classe: Mulheres Trabalhadoras Rurais”. In: *Rebeldia e Submissões*. São Paulo: Vértice, 1989.

...a mulher tem conquistado a cada dia um espaço maior no sindicato e na mudança da sua vida...elas fazem quase tudo e eu acho que é muito importante elas continuarem assim, se não o sindicato pode parar...prova que elas estão ganhando do machismo toda vida. Então assim...elas estão lutando e vencendo, é muito bom que continue com esse ideal, né? (informante 12)

A partir dessas falas, percebemos que o desempenho político das mulheres no S.T.R, em Nova Palmeira, não se restringiu apenas às tarefas domésticas na instituição, como é bastante comum ainda hoje no convívio hierárquico dos gêneros no sindicalismo⁸².

Através da sua participação no S.T.R, as mulheres adentraram politicamente em outros espaços públicos, legitimando suas reivindicações frente aos poderes Legislativo e Executivo, na exigência do cumprimento de deveres e direitos comuns a todos os cidadãos: a aplicação de verbas nos setores de saúde, educação, lazer, agricultura, entre outras. É o que expressou muito bem em sua fala a nossa informante:

...a gente aqui passou a ser muito odiada, perseguida pelos políticos...só por que a gente decidiu que num vai mais se sujeitar a tudo...a gente num vai ser do lado dele, que a gente sabe que eles só tem interesse próprio, num tem interesse pela gente, né?...a gente é excluída aqui na cidade, ai eles só procuram mesmo rebaixar a gente, mesmo assim, a gente está preparada, estamos reunidas para o que der e vier, se Deus quiser...e vamos continuar lutando pelos nossos direitos sempre...doa a quem doer vamos continuar lutando...o importante é a gente ter fé em Deus e seguir em frente na luta, de cabeça erguida, mesmo que, às vezes, a gente tem muita fé numa mudança e ela não acontece, mas nem por isso a gente vai ficar de braços cruzados...a gente já chegou aqui e num pode parar...tem que continuar lutando em todo canto, né? pra ver se esse povo trabalha, né? pelos sofrido da cidade...Eu acho que isso é da vida da gente, a gente num pode ficar uma pessoa desanimada, cada dia que passa a gente deve ter esse afeto vantajoso de uma coisa melhor pra vida da gente. Porque eu nunca espero o mal, ele vem por acaso, mas eu num espero, eu sempre só espero coisas boas, e se a gente

⁸²CAPPELLIN, Paola G. Op. Cit. 29.

quiser, vai acontecer um dia...mas só vai acontecer se a gente lutar de verdade em todo movimento...(informante 5)

O reconhecimento desse efetivo contingente social feminino resultou na ampliação das atuações políticas das mulheres em diversos setores sociais da comunidade, a exemplo dos Conselhos Municipais, criados com a participação direta da Igreja e do S.T.R.

Nesses espaços, as mulheres têm uma presença assídua, reivindicando questões que fazem parte da demanda de bens de consumo coletivo: abastecimento de água, investimentos na produção agrícola, criação de postos de saúde, geração de emprego etc., e principalmente na fiscalização da aplicação correta do dinheiro público. Como nos relata a informante:

Se não fosse a gente nos conselhos, esse prefeito já tinha passado por cima de todo mundo...nenhuma de nós perdemos uma reunião...mas, mesmo assim, ele conseguiu desviar uma fortuna que veio para ser aplicada na saúde...nós denunciemos na justiça e ele foi processado, vai ter que devolver o dinheiro do povo...(informante 2)

É importante reforçar, mais uma vez, que todo esse trabalho político desencadeado pelas mulheres, inicialmente no S.T.R, teve sua dinâmica fundamental com a sua crescente sindicalização, tendo como questão específica o reconhecimento do estatuto da trabalhadora rural, objetivando o direito à aposentadoria.

Porém, a partir do reconhecimento dessa identidade, as mulheres atingiram maior visibilidade política, social e econômica, “tomando gosto pela coisa”, envolvendo-se cada vez mais com as questões de luta pela cidadania:

...as mulheres tão na vez mesmo, elas estão em tudo, vai ser importante estar com elas lutando, por toda mudança na cidade...(informante 12)

...isso deve servir como exemplo para os homens também despertar, começar a participar mais, se envolver, que é assim que se vai educando, né? pra um dia todo mundo trabalhar junto mesmo pelo bem comum...(informante 13)

...a mulher que eles chamam (os homens) a classe do sexo frágil...aqui é do sexo forte (risos), ela aqui sempre vem vencendo, né?...(informante 9)

...como sindicalista, eu acho que a gente mostrou pra o povo da cidade que nós temos um sonho...todo mundo sonha com uma vida melhor pra os outros...nós mulheres demos esse exemplo em N. Palmeira...que a gente sonha com uma vida melhor pra eles, queremos gerar, assim, uma vida boa, uma vida digna...(informante 3)

Portanto, através do discurso e da prática, percebe-se no interior do S.T.R de Nova Palmeira, senão um espaço de transformação profunda das contradições no nível das relações de gênero, pelo menos, um espaço de crescente aprendizagem política e de formação popular.

Porém, mesmo diante da construção dessa “nova” sociabilidade no S.T.R, cabe ressaltar outra questão de fundo proposta por CARNEIRO E TEIXEIRA⁸³ nesse debate, qual seja: a especificidade da participação da mulher nesses espaços em pequenas cidades como Nova Palmeira, pode, por fim, representar, mesmo a nível das reivindicações, uma visão naturalizada do ser mulher. A medida em que a prática reivindicatória seja interpretada pelo agentes sociais como uma qualidade tipicamente feminina, na medida em que para os homens, o ato de reivindicação e luta social significaria uma espécie de humilhação frente às autoridades locais.

Assim, segundo as autoras, a atuação das mulheres no âmbito sindical, mesmo tomando uma dimensão reivindicativa face às demandas ao Estado, teria como explicação, sua identidade mais tradicional, mãe, esposa, dona-de-casa.

E mais, seguindo a lógica dessa leitura, a atuação das mulheres em Nova Palmeira, nesse caso específico do S.T.R, deve apoiar-se numa análise que, mesmo particular, assemelha-se numa mesma origem, vivenciada com a promulgação da Carta Constitucional de 1988, alterando a burocracia previdenciária e estendendo o direito à aposentadoria das mulheres. E na conquista dessa nova identidade da mulher, a crescente necessidade de sindicalização.

Finalizando, cabe ressaltar o paradoxo da nossa interpretação com a rica leitura debatida por CARNEIRO e TEIXEIRA ao longo desse trabalho. Ou seja, mesmo que admitamos que a atuação das mulheres durante toda a trajetória de sindicalização não tenha de fato provocado fissuras “reais” no conjunto das relações de gênero, é mister reconhecer que a participação feminina em espaços como do S.T.R de

Nova Palmeira tem, ao nível do discurso e da prática, alterado a visibilidade política do feminino na realidade local, o que implica no cotidiano um prolongamento da descoberta constante de uma “nova” identidade e da construção de uma “nova” representação social, como nos sugerem as falas seguintes:

...a vida da gente é...é uma vida sofrida, porque a gente que vive no Curimataú sofre muita seca, né? mas foi daí que a gente aprendeu, né?...aqui no sindicato e lá na Igreja, que é com seca que surge a consciência da gente se organizar, né?...como no sindicato a gente se organiza pra planejar junto uma vida melhor...a vida melhor que eu digo, é que a gente só sofre mais, né? E acompanhada diminui esse sofrimento, porque o sentido da gente é melhorar cada vez mais a vida um do outro...já faz muitos anos que a gente vive com essa luta e agora eu acho que a luta tá crescendo cada dia mais...se a gente num pode mudar a vida de todos os oprimido agora...num deve desanimar...deve pensar sempre em frente que vai conseguir...se a gente tivesse parado, tinha perdido até a vontade de lutar pelo sindicato, de brigar pra toda mulher se associar...mas não, a gente foi em frente, né? já conquistamo muita coisa mesmo...tem que continuar sonhando, se quiser chegar lá...(informante 5)

...eu acredito muito na luta, antes eu era muito criança...quando era adolescente não estava nem aí, só depois que eu entrei no sindicato que comecei a ver a vida do homem do campo como é difícil...eu que sou filha de agricultor e que morei muito tempo no sítio...eu achava tudo normal...hoje eu vejo que a gente tem que pensar muito nas pessoas, principalmente quando se trata da questão rural, porque é um povo sofrido e é um povo assim, que não tem muita condição, que não tem muito esclarecimento, que não é alfabetizado...são mais enganados dos seus direitos...(informante 3)

⁸³ CARNEIRO, Maria José. e TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Op. Cit. Pág. 53.

3. As Mulheres na Formação dos Movimentos Sociais em Nova Palmeira.

A década de 80 assinala a crescente participação das mulheres nos movimentos sociais em todos os espaços do Brasil. Tradicionalmente voltadas para as atividades privadas, no seio da família e das obrigações domésticas, elas deram o primeiro passo, mobilizando-se a partir da sua principal identificação: a materna.

Segundo MOTTA⁸⁴, essas mobilizações, que puseram a mulher no epicentro da política, ocorreram em primeiro plano numa conjuntura de relação de espontaneidade social. Significa dizer que muitas delas não percebiam inicialmente a dimensão política da sua participação.

Nesse sentido, muitas mulheres engajaram-se em organizações reivindicativas, confrontando-se diretamente com o Estado, a exemplo das múltiplas organizações comunitárias, urbanas e rurais, criadas basicamente com o intuito de lutar por melhores condições de vida para a própria família e demais moradores vizinhos da localidade.

Para a autora, pode-se dizer, em linhas gerais, que essas mulheres tinham inicialmente como idéia fundante, a organização e o trabalho entre amigos, conhecidos e parentes, em defesa de uma demanda coletiva pautada principalmente nas questões sociais da saúde, educação, agricultura, moradia, emprego etc. A respeito dessa questão ela afirma o seguinte:

A passagem para a experiência pública/política vai se dar quando a partir de um encontro coletivo, eventual ou organizado, identificam-se carências e necessidades comuns e o grupo vai trabalhar e realizar certas práticas reivindicativas dirigidas basicamente ao Estado, para tentar superar essas carências. Os primeiros tempos de participação podem ser ainda plenos de insegurança, hesitações, ambivalências. A certeza da passagem se dá quando atingem a percepção de que têm direitos e devem lutar para garanti-los. E particularmente para as mulheres, nas peias culturais em que são postas, quando percebem as privações como injustiça e não como 'repetições naturais do cotidiano' (...)

⁸⁴MOTTA, Alda Brito da. Familiarizando (-se com) o Público e Politizando o Privado. In: XIMENES, Tereza. (Org.). Novos Paradigmas e Realidade Brasileira. Belém: UFPA, 1993.

A presença marcante dessa nova dimensão simbólica do feminino no campo das organizações sociais impôs uma relativa visibilidade no desempenho do seu papel público, confrontando-se diretamente com uma visão estereotipada de poder, pautada na idéia machista mais comum de que “mulher e política não combinam”.

Contrariando a regra histórica desse comando público masculino, as mulheres, na prática, aderiram à participação reivindicativa a partir da ótica da cidadania e do questionamento social da sua própria realidade de convivência.

Assim, guiadas pela orientação de um nível de vida comum, as mulheres construíram novas possibilidades de socialização no espaço público, reconstruindo, simultaneamente, o espaço privado, com a coloração crítica ao conjunto das relações familiares. Nesse caso, o espaço privado, à medida que se foi politizando, impôs alterações nas relações de poder estabelecidas culturalmente pela hierarquia patriarcal.

Em Nova Palmeira, ainda nos anos 80, com a conquista do S.T.R., movimentos de organização comunitária desta natureza começaram a se articular, tendo à frente um pelotão de mulheres: mães, donas de casa, funcionárias públicas etc. O que veio contribuir sobremaneira com a base das reivindicações comuns no espaço da política local.

Num período de pouco mais de 2 anos, ao final da década de 80, à frente das organizações no interior da comunidade, elas participaram diretamente da criação, em Nova Palmeira, de diversos movimentos e instituições sociais importantes: O CENEP (Centro de Educação Popular), primeira ONG da região do Curimataú, o SIMPUC (Sindicato dos Servidores Públicos Municipais), a Associação dos Jovens, o Grêmio Estudantil, a Associação dos Idosos e a Associação das Mulheres, Pastorais, além dos Conselhos Municipais que tem uma expressiva representatividade das mulheres em todos esses espaços.

De uma maneira semelhante, foram movimentos e instituições deflagrados por mulheres, que no cotidiano se aproximaram pela mesma identificação de problemas de miserabilidades sociais, de direitos usurpados, de cidadania castrada, seja na cidade ou no campo:

A gente viu que é só lutando que consegue as coisas que quer, ficar de braço cruzado, fazendo de conta que nada tá acontecendo, é tudo que o poder sempre quis...lá no sindicato a gente tem procurado ir sempre em frente, organizando mais as pessoas da cidade... (informante 3)

Mesmo diante das pressões sociais dentro e fora de casa, essas mulheres passaram a manipular normas e estabelecer relações para o seu próprio benefício e da sua família no contexto social mais amplo.

Seja como domésticas, professoras, sindicalistas, comerciantes e sobretudo mães, elas começaram vivenciar novas necessidades de convivência, o que as possibilitou integrar no cotidiano das atividades, os problemas de âmbito público e privado. Como nos relata a informante seguinte:

Você fica por ali, por ali, até que chega um dia que não dá mais pra agüentar e se mete no mundo...porque, mesmo tendo as obrigação de casa, a mulher tem de buscar os seus direito...foi o caso da associação da gente no sindicato...se fosse ficar de braço cruzado ainda tava tudo do mesmo jeito, ninguém tinha se aposentado até hoje...Agora mesmo tamo formando a associação da gente aqui no sítio, o que eu digo sempre às pessoa é que se for pra ficar só aqui, essa energia elétrica nunca que vai ser colocada...se num sair pra exigir do poder eles, nem tão aí pro problema...(informante 5)

Assim, passaram a enfrentar uma maior diversidade de situações e administrar conflitos de naturezas distintas. Segundo COSTA⁸⁵, essa extensão de novas problemáticas dá-se pela:

(...) necessidade de integrar as responsabilidades do trabalho e da vida privada, o que torna mais complexa a vida das mulheres, levando-as a enfrentar uma maior diversidade de situações e a administrar conflitos de distintas naturezas. Segundo esta argumentação, a experiência das mulheres é mais ampla, uma vez que as leva a lidar com mais intensidade com os aspectos da vida privada e pública.

Ocupando diversos territórios de participação social, elas manifestaram, ao mesmo tempo, diferenças e similaridades com as práticas de composição masculina à medida que as suas próprias experiências individuais e coletivas foram exigindo um tratamento de maior intensidade com os aspectos da vida privada e pública.

⁸⁵COSTA, Delaine Martins. Do Lugar das Mulheres e das Mulheres Fora do Lugar. In: NEVES, Maria da Graça Ribeiro das. (Org.). Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP; Madri, Instituto de la Mujer, 1995.

Em Nova Palmeira, esse contingente feminino teve como característica principal sua posição numericamente majoritária; em alguns espaços, formando-se em número absoluto, como no SIMPUC, sindicato que teve como origem a organização popular, em especial, de professoras e funcionárias públicas do município que se reuniam semanalmente para discutir desde questões da família aos aspectos da vida profissional.

Com legitimidade, a trajetória da organização do SIMPUC partiu do diálogo cotidiano e informal, e só a posteriori foi transformado numa estrutura burocrática sindical, com estatuto, associados e regras políticas definidas no campo das reivindicações, pondo frente à frente funcionárias públicas municipais e o próprio Estado, no que diz respeito à questão judicial dos direitos e deveres.

A base organizativa desse grupo partiu sobretudo da iniciativa das funcionárias de educação da rede municipal, ou seja, das professoras que a nível local sempre tiveram forte influência nos segmentos públicos da sociedade. Podemos constatar essa peculiaridade na fala de uma informante ao historiar um pouco a gênese da organização:

...quando começamos com o SIMPUC foi uma dificuldade muito grande...e a gente enfrentou muita dificuldade pra fundar o nosso sindicato porque a maioria dos funcionários tinha medo, principalmente os homens, parece que tinha medo de brigar...daí vieram algumas mulheres da rede de ensino...fizemos um estatuto e butamos pra frente o negócio...tanto é que hoje não existe ainda nem um homem participando, só existe mulheres. Desde o início que só se associaram mulheres...Olhe, já no primeiro ano a gente lutou na justiça contra os problemas de salubridade que atinge nossas atividades escolares...a gente, acho que você sabe, né? as professora trabalha ainda hoje sem proteção. O outro problema foi salarial, a gente lutou pelo salário-família que os professores tinham direito e aqui só recebia uma pequena quantia, uma migalha. Graças a essa luta, hoje em dia melhorou mais, né? E quanto à participação da mulher, a gente lutou para organizar todos os anos...agora o dia da mulher que nunca foi comemorado na cidade...tanto é que virou uma obrigação da gente todo ano...(informante 10)

No caso do CENEP, as diretrizes estiveram desde o início voltadas para a organização popular, através de uma pedagogia de formação libertária com o método

Paulo Freire, em vista de educar homens e mulheres, crianças, jovens e adultos, para “transformação da realidade”:

Nosso objetivo aqui é educar as crianças pra...pra se construir um país mais justo, com novas coisas...é...e também pra que elas sejam conscientes disso e um dia tente mudar tudo, né? (informante 13)

Como instituição de fomento religioso, esse grupo foi transformado em ONG, envolvendo em toda a sua organização mulheres ligadas à Igreja, preocupadas principalmente com a formação educacional e espiritual das crianças e dos adolescentes.

No intuito de alcançar as condições básicas para o envolvimento coletivo na instituição, a direção do CENEP, nos últimos anos, tem estimulado no processo de alfabetização alguns treinamentos que ainda hoje não existem na maioria das escolas da rede municipal; são cursos de caráter recreativo, espiritual, político, alimentar e de educação higiênica, objetivando assim, num futuro muito próximo alcançar, um melhor nível de formação social. Segundo um informante:

...O CENEP foi muito importante pra Nova Palmeira porque é lá que temos desenvolvido grandes trabalhos de organização...eu mesmo participei ativamente da formação das crianças, minha função era orientar cada uma para as questões higiênicas...se for fazer um balanço hoje, você vai ver como todas atividades deram certo...eu acho que o que precisava mesmo é de mais dinheiro para organizar melhor os trabalhos...(informante 12)

No cenário local, movimentos desencadeados por mulheres tiveram também as suas limitações organizativas, e as justificativas davam-se, sobretudo, pelo tempo dedicado às questões da família, o que demonstra uma dificuldade de articulação das atividades domésticas com as questões públicas.

Foi o caso do Movimento Estudantil Secundarista e do grupo de professoras da rede estadual de ensino ligadas ao SINTEP (Sindicato dos Trabalhadores da Educação da Paraíba), que, pouco tempo após a sua formação, desagregou-se totalmente, como nos relate as informantes seguintes:

...Faltava empolgação, mesmo no tempo de Lourdes na diretoria...que ela ajudava muito, elas começavam a lutar, organizar uma coisa e parava, preferia organizar grupo de capoeira e teatro, e as lutas mesmo da escola num se

preocupava muito e porque também tinha umas que tava na frente que já era casada e ficava pouco tempo pra tomar conta das responsabilidades do movimento...(informante 3)

Antigamente no SINTEP/PB as professoras de Nova Palmeira dava uma contribuição muito grande às greves do Estado...a gente se reunia e todo mundo tomava uma decisão só, não saía daqui dividido...ia para as cidades da região apoiar os professores em greve...cada professora, por sua própria consciência, ia em sala de aula e explicava aos alunos o que tava acontecendo com os salários e fazia também reunião de pais pra explicar o problema...Não era esse imobilismo de hoje, parece que todo mundo tá desacreditado, ninguém faz mais nada...cada uma cuidando da sua vida particular, da sua família e pronto, o resto que se dane...(informante 1)

A relação política desses e de outros movimentos com as agremiações partidárias também aconteceu em Nova Palmeira, principalmente em função da crescente visibilidade política desses grupos no processo de reivindicação das demandas sociais ao Estado, criando um nível de disputa local muitas vezes incompatível com as lutas que originaram o sentimento de defesa da cidadania.

É o caso de movimentos como a Associação de Jovens de Nova Palmeira que fracassou devido as disparidades das orientações e disputas pelo seu controle, orquestrada pelos Partidos Políticos da cidade, como nos relata o informante a seguir:

...no começo...nós na Associação de Jovens desenvolvemos esporte, lazer, cultura e ninguém falava de política, depois veio o Tião defendendo o prefeito(antigo presidente da Associação e atualmente vereador do PMDB) tentou trazer a gente pro lado do prefeito...alguns discordaram porque viram que era uma manipulação...Depois ficou aquela briga com o PT, que queria tomar conta também...hoje a Associação praticamente tá acabada, não existe mais...depois dessa briga ninguém quis mais saber, deixou pra lá de vez...no lugar de debater as coisas da juventude a gente vinha ver só briga de partido desse e daquele lado...(informante 14)

Todavia, outros movimentos tiveram os partidos como uma bússola orientadora, o que resultou numa burocratização desses espaços, que perderam

legitimidade na organização coletiva para ficar sob o controle de alguma liderança ligada oficialmente a um determinado candidato.

Assim, atrelados às instâncias burocráticas, esses movimentos, guiados pelos Partidos e lideranças perderam em certa medida, no terreno social, sua influência de reivindicação, limitando-se às disputas eleitorais como tentativa de inverter a legitimidade alcançada no coletivo para o plano da legalidade.

A Associação das Mulheres e a Associação dos Idosos são exemplos dessa realidade, foram fundadas sob orientação política da Prefeitura, mesmo tendo alguns associados manifestado-se contrários às interferências nas questões partidárias: “esse não é o objetivo do grupo”. Segundo uma das representantes, o grupo não se originou com essa preocupação ideológica, mas com o compromisso coletivo de defender o interesse direto da mulher, objetivando um dia alcançar sua independência financeira e mesmo uma posição de provedora, conseqüentemente, sua autonomia como cidadã livre economicamente.

Todavia, esses grupos têm desenvolvido suas atividades de rotina com o apoio sistemático das instituições oficiais, como os trabalhos de integração social, elaborados em conjunto com a secretaria de ação social da prefeitura da cidade, que promove a maioria dos seus cursos. Essa questão está presente na fala da nossa informante:

Aqui a gente traz pessoas de todo canto pra ajudar, e recebe ajuda de todo mundo, a gente não rejeita apoio de ninguém, pra nós, todo apoio é válido, se é pra ajudar o grupo, ninguém quer saber de que partido é...e o apoio maior da prefeitura é necessário, isso é a obrigação mesmo do prefeito e da primeira dama...(informante 18)

Os incentivos institucionais dados pela Prefeitura vão desde as questões do lazer e da formação ao desenvolvimento de debates em torno das questões mais específicas, corpo, casamento, família, religião e, principalmente, as possibilidades de uma independência econômica futura, identificadas na maioria das vezes com os papéis tradicionais das mulheres: corte e costura, bordado, culinária, artesanato etc. É o que demonstra o relato a seguir:

...A questão é ajudar a mulher a crescer...sempre trabalho com palestras e nestas palestras que eu convoco, minha atuação maior é falar sobre mulher...sempre utilizo uma linguagem mais fácil pra que elas se sintam à vontade na

discussão, trabalho com textos de conscientização que são necessários pra debater a vida da mulher...quero que um dia elas dependam menos de mim, porque a gente não pode ficar muito presa a uma orientação...mas hoje eu tô sentindo que elas ainda precisam muito de mim e por isso eu não posso me afastar delas...o que elas precisam mesmo é ser economicamente independentes dos maridos...estamos trabalhando com esse sonho já faz tempo...Hoje, por exemplo, estamos tentando dar viabilidade ao grupo de costureiras da prefeitura, lá elas já aprenderam a bordar, outras a fazer crochê, são grupos que estão desenvolvendo bem essas atividades na tentativa de melhorar de vida, é essa a nossa intenção...(informante 18)

A verdade, é que esse apoio dado pela Prefeitura ao Movimento de Mulheres exige, no momento eleitoral, conscientemente ou não, um retorno imediato do grupo aos investimentos feitos pelo Chefe do Executivo Municipal durante seu mandato, e, conseqüentemente, a exigência de apoio à candidatura dos seus sucessores. É o que deixa transparecer com contradição a fala da informante seguinte:

Eu, como presidente do grupo, vou votar no candidato do prefeito(...)eu sei que quase todo mundo daqui vai votar também, mas não é pela ajuda que ele deu à gente (...) não é só por isso, não (...) é também, é claro, que a gente reconhece que ele nunca falhou com a gente, mas não é só por isso (...) é porque a gente sabe que Zé de Souza quem é...(ex-prefeito da cidade e candidato apoiado pelo atual)(...) e sabe que vai ser o melhor mesmo pra Nova Palmeira(...)
(informante 18)

Nesse contexto, alguns movimentos sociais ligados também às oposições fazem coro a essa realidade. É o caso do CENEP, que mesmo como ONG, criada sob a orientação da Igreja Católica, tem sua administração amparada no controle partidário do PT, que dita sua metodologia de trabalho através das suas próprias lideranças:

A gente faz o que pode lá no CENEP, porque, como foi a gente que fundou, né? a responsabilidade fica toda com a gente, trabalhando muito pra não fechar de vez, porque é um braço forte, né? Na campanha passada, a gente apresentou o CENEP como um modelo de formação educacional...Muita gente do lado do prefeito vive colocando terra no que a gente faz aqui por eles, sabe que foi uma iniciativa do Partido dos Trabalhadores...por isso, vivem torcendo pra dar tudo errado...(informante 13)

Situações como essa, que demonstram o atrelamento das forças sociais às estruturas partidárias, explicam-se, segundo PINTO⁸⁶, pela necessidade dos partidos tentarem se recompor perante a sociedade civil organizada, tentando cooptar novos quadros desses setores, principalmente nos momentos eleitorais:

(...)São os espaços não conquistados pelos partidos em sua vida cotidiana que estes vão buscar no momento eleitoral. A razão na qual este encontro se dá, principalmente a nível municipal, deve ser buscada, não no fato de ser este o nível menos prestigiado de representação, mas no fato de que é neste nível que o eleitor identifica a tomada de decisão política como algo que transforma sua vida cotidiana(...)

Enfim, as mulheres que atuam junto aos movimentos sociais, integradas às questões públicas, não se desvinculam do espaço privado, mas ampliam sua participação para além do território doméstico na medida que tornam visível sua atuação política, reivindicando melhores condições de saúde, trabalho, salário, lazer, infraestrutura, na vida de sua família em particular, ou no grupo mais amplo de moradores em sua comunidade.

São mulheres como estas que estão presentes em Nova Palmeira, no centro desse debate político, seja como doméstica, funcionária pública, vereadora, mãe, dedicadas à construção da cidadania no espaço privado e público. Independente de ter ou não uma vinculação direta com certas instituições oficiais ou organizações de cunho popular, são mulheres, e como tais, participam como poder construindo poder no seio da sociedade, isso porque vêem na capacidade de produção e reprodução o limiar das suas condições de mudanças de vida:

...os homens na verdade não participam muito, que...quem faz, bem dizer, a política lá, são os movimentos sociais, são as mulheres. Acho que organizou-se mais um pouco...(informante3)

Tomando iniciativas políticas gerais para dinamizar a cooperação da sociedade civil para com as instituições governamentais, bem como para exigir justiça e seriedade no trato dos recursos públicos e de suas aplicações com as questões sociais:

⁸⁶ PINTO, Céli R. Jardim. Op. Cit. Pág. 141.

A gente quando soube que veio uma vebra pra saúde e o danado do prefeito tinha desviado, ficamos tudo enfurecida e saímos da reunião certa de tomar as providências na justiça...se a gente num tivesse no conselho de saúde...se num tivesse gente do Sindicato, da Igreja...tinha ficado por isso mesmo, né?...(informante 5)

É através de conselhos municipais, como esses de Nova Palmeira, que as mulheres fiscalizam e exigem o direito à saúde, à educação, à agricultura, ao emprego, haja vista que, como agentes representativos, demonstram interesse por questões diretamente ligadas a sua vida particular, bem como a de amigos e vizinhos, moradores da mesma comunidade. Por isso, destacam-se no plano político em todos os espaços sociais, tais como a Igreja, o S.T.R, o CENEP, os Conselhos Municipais etc.

Portanto, são essas mulheres que na prática estão buscando construir uma nova cidadania, movidas por uma ação social, de confronto reivindicativo de demandas gerais ao Estado e de solidariedade com parentes, vizinhos e amigos.

Mesmo não firmando-se nas reivindicações mais específicas do ser feminino, elas estão travando no cotidiano uma batalha de reconhecimento e visibilidade política da sua atuação nos espaços públicos e privados. Finalizando, acerca dessa questão assevera JELIN⁸⁷:

(...) a saída deve ser buscada não na contraposição irredutível entre o discurso da igualdade e o discurso da diferença, mas na elaboração de um enfoque que defenda a questão da igualdade de direitos no contexto das relações sociais, onde são apresentadas e manifestadas as diferenças, inclusive as de poder e marginalização (...)

Nesse sentido, a luta social encerra pela construção da cidadania, marcada pelas condições dos deveres e dos direitos, como busca irredutível de um espaço de dignidade e justiça para todos os cidadãos, sejam homens, sejam mulheres.

⁸⁷ JELIN, Elizabeth. Mulher e direitos Humanos. In: Estudo Feministas. Vol 2 n 3. Pág. 117/149.

4. Compreensão e Prática Política: breves anotações de pesquisa.

Na diversidade das informações, desvendamos imagens constitutivas do “real” e da representação do real, construindo informações que aproximam e contrapõem no nível dos discursos os agentes sociais em seus respectivos terrenos de convivência cotidiana. Segundo CALDEIRA⁸⁸, essa realidade demonstra que:

Na vida cotidiana as pessoas tem de interpretar acontecimentos e não construir sistemas explicativos globais e coerentes. Para isso, elas lançam mão dos mais variados elementos, tomam os fragmentos disponíveis e mais adequados a cada caso, sem se preocupar em manter uma coerência. As conexões discursivas são estabelecidas conjunturalmente e na prática estão sempre mudando. Assim, o que os revelam são as memórias fragmentadas, justapostas, e informações parceladas e contraditórias, explicações parciais que não tem de se conectar para formar um todo.

É o caso das concepções e das práticas políticas, reveladas de forma diversa nos discursos dos nossos informantes nessa pesquisa em Nova Palmeira. Cada fala começa e termina pelo cotidiano, demarcando em cada espaço social as histórias de vida de cada personagem.

Nesse itinerário discursivo, a fala acerca da compreensão do “ser político” parte de pessoas residentes na mesma comunidade, a exemplo, das duas informantes seguintes, que no cenário local posicionam suas práticas políticas a partir de valores opostos no cotidiano:

...surgiu a necessidade...da candidatura porque a gente viu que tinha que interferir também na política, porque só nos movimentos sociais não resolvia, precisava fazer um...veículo entre os movimentos sociais e no caso o poder legislativo.. que a gente precisa entrar mesmo na politica pra conquistar as coisas junto...(informante 1)

...eu nunca fui muito política mesmo não; meu marido, falecido, é que gostava, ele foi vice-prefeito daqui, foi um grande lider na cidade, mas eu...eu gostava muito de ajudar as pessoas, pessoas que me procurava...aqui e no hospital, pra ajudar. Aí, foi quando surgiu essa idéia deu me candidatar, deu ser escolhida pra ser vice-prefeita,

⁸⁸ CALDEIRA, Tereza Pires do RIO. Op Cit. pág. 286.

né?...eu fiquei meia sem querer...eu trabalhava assim, não era pensando em entrar na política, não, porque...esse negócio de você trabalhar só visando uma posição dentro da política, eu não gosto...mais fui, decidi, né? e entrei e fui vitoriosa...(informante 6)

No tocante às circunstâncias mais diversas, “entrar na política” ou “ser poder,” significa, principalmente, de acordo com essas falas, sair da vida comum para se inserir num espaço de representatividade oficial, identificada principalmente com os poderes legislativo e executivo, ou seja, no caso local, a Câmara dos Vereadores e a Prefeitura:

No começo eu queria ficar só no sindicato, num tinha interesse de entrar na política...mas aí veio a fundação do PT e todo mundo ficou pedindo pra eu me associar...como eu vi que era o único que defende o trabalhador, eu entrei...mas eu num tenho vontade de ser política mesmo, não, eu apoio, me esforço, sem ser política...fizemo a campanha de Nega Lourdes e ela, graças a Deus, se elegeu pra defender a gente...(informante 5)

...eu já venho de famílias políticas, né?, meu pai foi político, meu esposo político, aí abandonou...ele sempre tentou conseguir coisa pra região...eu não, eu ficava mais em casa, ajudando ele nas coisa do dia-a-dia...recebendo os eleitor, dando assistência...só depois que ele parou foi que eu resolvi ingressar na vida política e, graças a Deus, eu tenho me dado muito bem...eu tenho batalhado com dificuldade, como você sabe, o Estado é difícil, né? mas, graças a Deus, eu tenho conseguido alguma coisa para o município, tenho me dado muito bem como vereadora daqui...(informante 9)

Para as lideranças integrantes dos movimentos ou instituições de âmbito social, o acesso a esse espaço da oficialidade política, onde “vivem os poderosos”, é interpretado como algo muito restrito, onde a inserção popular só se torna possível através do caminho da filiação partidária, vista como principal ferramenta legal de institucionalização da representatividade coletiva nas decisões dos poderes legislativo e executivo.

Diante dessa realidade, segundo CAPELIN⁸⁹, o partido inscreve-se, principalmente para os movimentos integrados por mulheres, como proposta de ocupação possível nesses espaços mais longínquos para o feminino.

Dessa forma, a instituição partidária é vista por esses agentes sociais como mediadora de uma sociedade dita política com as organizações civis, à medida que como espaço privilegiado de poder, ela apresenta-se como lugar onde se formula propostas, fornece alternativas e se negocia questões no âmbito mais geral. Para CAPPELLIN⁹⁰, essa concepção é vista da seguinte maneira:

O partido possibilita uma relação direta com o Estado por ser um espaço de atuação em que a meta é a ação com fins políticos e sociais. É através do partido que se atinge o poder político e se pode modificar relações na sociedade civil e entre ela e o próprio Estado (...)

Assim, lideranças ou representantes das organizações populares reconhecem na ocupação desses espaços alcançados por alguns dos seus companheiros, através das instituições partidárias, o resultado da conquista do campo social.

Cabe lembrar, no sentido presente, que o objetivo de “entrar na política”, filiando-se a um determinado partido, e concorrendo no processo eleitoral, revela principalmente uma estratégia de condução de toda a trajetória do trabalho coletivo a esse espaço “privilegiado” do poder legal, Legislativo e Executivo. Esse elemento de compreensão está presente no discurso seguinte:

...A gente se reuniu com os movimento e viu que tinha de entrar na política, porque a gente faz um trabalho de conscientização e na hora da eleição a gente ficava de fora, respaldando quem? os políticos profissionais!...Na verdade, eles é quem saíam ganhando quando a gente ficava parada...(informante 1)

Em Nova Palmeira, o exemplo relatado dessa possibilidade de ascensão dos grupos sociais aos poderes constituídos foi vivenciado pela experiência particular de um mandato de vereador conquistado por uma líder comunitária.

Para os informantes que vivenciaram esse processo, o mandato de vereadora da líder comunitária foi marcado pela diferença do seu exercício parlamentar, à medida em

⁸⁹ CAPPELLIN, Paola G. Op. Cit. Pág. 49.

⁹⁰ CAPPELLIN, Paola. Op. Cit. Pág. 49.

que transformou sua atuação política no legislativo em mediação das reivindicações de suas bases de apoio (Sindicato, Igreja, CENEP etc.).

A estratégia principal desse mandato foi a ampliação das portas do poder legislativo para a comunidade, convocando setores da população a participar das sessões legislativas e debatendo na condição de oposição diversos problemas que atingiam diretamente a sociedade:

...foi assim, uma coisa nova no legislativo, eu acho que aqui na região, não só...a gente tentou fazer um trabalho diferente, como a gente não teve muito acesso na Câmara, aí a gente procurou trabalhar nos movimentos, fazer essa ligação e eu acho que isso deu um respaldo...foi um negócio novo, foi uma coisa nova...o sonho é que a gente tem vontade, né? de chegar ao poder, de...fazer um modelo novo...(informante 1)

...nós temos um mandato de vereador e eu acho que a coisa nova que aconteceu foi a gente ter se mostrado diferente dos outros...a gente tem denunciado ao povo, as mentiras, as falcatruas...(informante 3)

Depois desse mandato, a gente se sentiu mais confiante com as coisa, mais preparado pra enfrentar os poderosos...(informante 5)

Dentro dessa lógica de atuação, o mandato foi transformado em veículo oficial das reivindicações e da fiscalização dos movimentos sociais, atingindo importantes espaços nas esferas dos poderes Legislativo e Executivo, como nos relata o informante seguinte:

...Quando começamos aqui, era um grupo muito pequeno, ainda não tinha nem o Partido dos Trabalhadores, hoje já temos até um mandato de vereadora...a gente sabe onde brigar...onde enfrentar os poderosos...com esse mandato o povo hoje vive mais de olho nas coisas...Lourdes mostrou uma forma nova de legislar e fiscalizar, fazendo projetos de acordo com as necessidades dos movimentos e mais, fez assim...que toda a população participasse e ajudasse a decidir. Foi e é de fato uma grande batalhadora na Câmara municipal...(informante 13)

Todavia, a filiação partidária para informantes não advindos dos movimentos sociais tem uma coloração própria. São, na maioria, pessoas que se filiaram desde cedo

a um determinado partido, muitas vezes para assegurar uma posição de poder e atender a uma exigência familiar.

É o caso de algumas mulheres em Nova Palmeira, que desde cedo se filiaram a um determinado partido, muitas vezes sob a orientação da família, em especial dos pais ou maridos. É o que nos relata os informante seguintes:

...a gente lá em casa sempre foi filiado do partido do PMDB...derne do tempo de papai...era ainda o MDB...ele sempre acompanhou esse lado...e vivia debaixo na política daqui de Nova Palmeira só por ser da oposição...(informante9)

Quando eu trabalhava no FUNRURAL, o meu marido já era político e vivia pedindo pra eu pedir voto pra ele...mais eu só, fazia isso nas eleições...eu sempre fui filiada no partido dele, né? ai saía procurando um conhecido e outro pra votar no partido da gente...(informante 4)

Mesmo impondo uma visibilidade política nesse espaço Legislativo, a atuação dessas mulheres registra, de certo modo, um processo de continuidade de poder que se origina no espaço doméstico, onde, segundo TABAK⁹¹, as principais decisões públicas são tomadas no seio da família, tendo muitas vezes o veredicto final dos patriarcas, pais, irmãos mais velhos e maridos. Nesse sentido o relato seguinte da nossa informante reforça essa compreensão:

A minha família, quando fala de política, é tudo muito unido...ninguém sai assim de um lado pra outro como a gente ver por aí...tem só minha irmã que é deputada do PT, mas é lá em Natal...ela, bem dizer, vive afastada da política daqui...agora, aqui mesmo em Nova Palmeira, a gente trabalha muito unido na política...é assim desde do tempo que o meu marido foi vereador daqui...(informante 4)

Porém, segundo TABAK⁹², mesmo centrando importantes decisões a partir de um posicionamento familiar, essas mulheres conseguem, através da sua atuação parlamentar, vislumbrar novas preocupações políticas, construindo na vida pública e privada possibilidades novas de reflexão da condição feminina.

⁹¹ TABAK, Fany. Op. Cit. Pag. 78.

⁹²Idem, 79.

A própria condição de vida construída no interior da família provoca, em última instância, mesmo nesses espaços, sua sensibilidade para com questões sociais muitas vezes desconhecidas dentro da rotina doméstica.

De sujeitos passivos e ocultos das decisões de poder, elas passam a debater ativamente dentro e fora de casa as problemáticas mais flagrantes, tendo o desafio de tomar decisões políticas que correspondam ao desempenho das suas atividades, seja no Legislativo, seja no Executivo.

Por isso, não é surpresa, na nossa sociedade, quando acontecem unidades circunstanciais de mulheres com ideologias opostas nesses espaços, em defesa de projetos que provocam de forma comum a sua sensibilidade familiar.

Nesse contexto, a particularidade marcante das histórias de vida de cada agente social constrói distintas representações sociais acerca da problemática política, tanto do ponto de vista da sua concepção, como da prática, é o que nos revela as falas seguintes dos nossos informantes:

Toda vida lá em casa era aquela romaria de gente fazendo as coisas pelo povo...toda casa de político é assim...e a gente ajudava muito...é assim mesmo, quem resolve entrar em política tem que ajudar os mais carentes...(informante 4)

Existe a política mentirosa e a política verdadeira...a política mentirosa é desses cabras que anda aí, em cima de palanque, mentindo sem fazer nada e fica com o dinheiro do povo e nada faz, né?... já a verdadeira é a que se luta pela uma causa melhor. Se luta pela causa do outro, né?...(informante 5)

...sempre que o povo me procura eu ajudo e sempre eu nunca digo não a ninguém, sempre dou um jeitinho. Dou pouco ou muito e nunca me faltou em casa até hoje, isso é que política pra mim...pra mim, quem não ajuda os que precisa, não é um político...sempre defendi o mais carente, sempre se pudesse, se eu pudesse eu estava com os mais carentes, era eles que eu na Câmara mais defendia, os menos beneficiados e eles entenderam a minha mensagem e hoje votam mesmo pra valer em mim...Na eleição eu dizia, eu posso fazer qualquer coisa, dentro das minhas possibilidades, o que você precisar, basta você precisar e eu puder. Você pode bater na minha porta a hora que você precisar, por que eu sou, e quem me conhece sabe disso, a mesma Maria de sempre...(informante 7)

...a política, eu vejo como uma forma de comunicação maior das pessoas...você tá ensinando as pessoas, abrindo a cabeça de cada uma, conscientizando, pra aprender a lutar pela vida e a se defender da miséria...Pra mim, a política é a dedicação consciente pelo povo, é uma forma de se dedicar a um trabalho, seja no Município, num Estado, num país. É a luta pelo bem comum, é sempre querer o melhor para todos, quem não pensa no melhor pra todos não é um político, é politiqueiro barato, né?...(informante 15)

...Tudo que eu consegui, foi sem fazer qualquer distinção de partido, foi dar assistência pra pessoas carentes, porque o meu tipo de política é isso, pra mim a política é isso, é dar assistência aos eleitores antes e depois da eleição, dar assistência às pessoas carentes, essa é a minha forma de fazer política, dar assistência sem olhar a quem e nem de que Partido seja ou tenha votado...tomei uma prática de dar assistência de saúde ao homem do campo...eu tenho todo o material que é possível pra dar uma assistência, né? e naquele tempo quando, não era possível, conseguia transporte e tirava pra o hospital de Campina Grande, as vezes pra Cuité, Picuí, que na época era onde tinha hospital mais perto...todos me apoiava, para que se continuasse assim, continuasse dando assistência ao povo carente...(informante 9)

...A política pra mim é tudo aquilo que visa o bem comum do povo e não essa coisa eleitoral que só acontece de quatro em quatro anos, aquela coisa que só lança um candidato e pronto, a política é a defesa constante da vida, da humanidade, é a luta por uma causa justa, por salário, moradia, contra o preconceito. Tudo que seja em defesa da vida humana, é política...(informante 17)

Essa atuação política das mulheres, presente em diversos espaços da sociedade palmeirense, a partir das experiências individuais e coletivas, vivenciadas para dentro e para fora do círculo familiar, constrói no cotidiano uma posição de destaque, como percebemos a nível dos discursos dos próprios informantes:

...os homens na verdade não participam muito, que...quem faz, bem dizer, a política lá, são os movimentos sociais, são as mulheres. Acho que organizou mais um pouco...(informante 3)

...as mulheres hoje têm mais tendência, assim...a política em Nova Palmeira que antes, né?...todo canto tem sempre uma mulher fazendo alguma coisa...(informante 5)

...em Nova Palmeira a mulher tem conquistado um espaço importante na política, na mudança da sua vida...eu acho que é muito importante ela participar dessas coisas, ganhar do machismo e em qualquer circunstância...(informante 11)

...aqui realmente é um fenômeno, é bem diferente de muitas cidades que eu conheço, as mulheres estão na frente em tudo, né? tão na Igreja, na escola, no hospital. E tudo, a meu ver começa, acredito eu, com aquela história do homem querer sempre tá fora de tudo, de achar que Igreja é lugar de mulher, que rezar é coisa de mulher, que...que homem não deve participar de reunião e essa coisa toda, aí a mulher acabou desenvolvendo mais que os homens, né? tendo que estudar mais pra entender as coisas, e foi por aí. A verdade é que, enquanto os homens estavam só trabalhando e cuidando do minério, nas cerâmicas, na lavoura, todo acomodado, a mulher daqui tava indo em frente...(informante 13)

...Até no sindicato dos trabalhadores rurais, as mulheres, devido ao seu grande engajamento no PT, que tem sua maioria mulher, conseguiu assegurar o direito de associação de todas as mulheres do campo, para ter direito à aposentadoria. Então, as mulheres estão engajadas em todos os movimentos de Nova Palmeira, no CENEP, no Sindicato dos Funcionários, dos Trabalhadores Rurais...(informante 16)

Se você olhar direitinho, você vai ver que de uma forma ou de outra, a mulher tá presente aqui em Nova Palmeira...sempre exercendo liderança...é muito difícil você ver uma família que não tenha sempre uma mulher participando de alguma coisa aqui em Nova Palmeira...(informante 19)

Portanto, esses modelos de representações políticas que são construídos no cotidiano desses agentes sociais, passam por distintas experiências individuais e coletivas, para homens e mulheres que participam ativamente desse cenário em que se organizam as relações de poder em Nova Palmeira, a partir dos valores que são cultivados ao longo de cada história de vida.

Assim, resgatar a trajetória dessas atuações, através dos discursos dos nossos informantes em Nova Palmeira, é uma tarefa de expor e recompor nos fragmentos anotações que registram diferenças e similaridades constitutivas das concepções e práticas políticas no cotidiano das pessoas que fazem essa realidade local.

5. Da Atuação Política.

Atuando em diversos espaços urbanos e rurais em Nova Palmeira, nossas informantes estão presentes no território doméstico, na Igreja, em ONG, Sindicatos, Associações Comunitárias, Prefeitura, Câmara Municipal, Conselhos Políticos etc.

As experiências adquiridas ao longo da vida em todos esses espaços são retratadas no percurso de cada história, e no que diz respeito à atuação política, as mulheres ocupam, nesse contexto, relevância dentro e fora de casa, atingindo sobretudo destaque nos exercícios de tarefas tradicionalmente reconhecidas como masculinas. Para HEILBORN⁹³:

A atuação do feminino em espaços reconhecidos como masculinos, provoca inevitavelmente uma nova reflexão na sua vida, no seu papel de cidadã(...) Dessa maneira, as relações na família, no casal e no lar são submetidas a um exame rigoroso no sentido de desmistificar de alguma forma a ideologia da intimidade e da maternidade(...)

Essa incursão política das mulheres em Nova Palmeira revela, por sua vez, uma realidade calcada na própria tradição da cidade, onde os exemplos trazidos à tona nas falas das informantes nos fazem reconhecer, historicamente, o papel de destaque da atuação da mulher, que começa desde cedo no interior da família.

Das atividades de âmbito doméstico às atividades públicas, o papel das mulheres está presente em uma variedade de funções no município: parteira, professora, enfermeira, vice-prefeita, vereadora, sindicalista, religiosa etc. Posições pelas quais, de alguma forma, destacam-se na história da cidade em nível de liderança, como nos relatam as informantes seguintes:

...liderança minha mãe sempre teve, ainda hoje é muito comunicativa, foi parteira a vida toda, sempre foi muito respeitada...ela teve toda uma vida nessa cidade...sempre foi uma pessoa muito forte e reconhecida pelo povo...minha mãe trabalhou por muitos anos como parteira por pura vontade sem ter nenhum retorno financeiro das coisas...isso tem reflexo na nossa família...Desde da minha mãe, minhas tias, eu e minhas irmãs, sobrinhas, todas nós sempre estivemos de alguma maneira engajada nas causas sociais, exercendo diversas funções públicas tanto daqui como de outros lugares, pra você ter idéia eu sou deputada em Natal e a minha irmã é vice-prefeita daqui...Eu, sinceramente, não sei...acho que são as gerações mais novas, reproduzindo essa história de luta, de força...(informante 19)

...eu num sei se é por que só tinha mulher lá em casa...desde pequena mamãe incentivava cada uma fazer as coisas...ela sempre foi decidida...acho que é porque ela era muito religiosa...ela dava muita força e por isso a gente fazia de tudo dentro de casa com as ordem dela, sempre a tempo e na hora...sempre mandava a gente ir pra missa, pra escola estudar, essas coisas, né?...Ela dizia que todo mundo tinha que sair e ganhar a vida...já papai, não! papai era mais fechado, mas também num reclamava, ele achava que a mulher dava errado pegando no cabo da enxada, tinha era mesmo que aprender ler...(informante 5)

...Eu falo sempre nas minhas poesias na força da mulher de Nova Palmeira...sempre foi assim nas famílias dessa cidade, as mulheres sempre encararam esse papel de lutar por alguma coisa. Tem um poema meu que eu me inspirei numa mulher que pra mim é tudo nessa cidade...é mais ou menos assim: mulher branca, mulher 'nega', forte, firme, corajosa, esperta. Que vive assim agindo em hora certa, metendo medo com a sua alerta, dando entre nós a mais viva lição de que é preciso com o coração entregar-se aos pequenos com paixão na luta em busca da Libertação...(informante 2)

Resgatando nas suas próprias experiências de vida a trajetória da atuação das mulheres na cidade, nossos informantes valorizam o desempenho da mulher no território público. Todavia, não deixam de expressar nos discursos, a representação da identidade materna:

⁹³ HEILBORN, Maria Luiza. Op. Cit. Pág. 16.

Tenho boas lembranças da minha escola em Nova Palmeira...professora como Marizinha mesmo, sempre esteve presente dando a maior força pra gente e transmitindo conhecimento, claro!...Desde aquele tempo ela já era muito determinada nas coisas...sempre tive muita admiração por ela...na escola ela era vista quase como uma mãe para os alunos. Era muito atenciosa, preocupada com todo mundo, conversava muito com os alunos...é uma pessoa espetacular, nunca mudou, é assim ainda hoje...(informante 21)

Dona Mocinha é a pessoa mais engajada que eu conheço aqui no sindicato, muito responsável, se preocupa muito os problema dos trabalhadores...sempre tenta fazer de tudo por todo mundo, né? Não faz mais porque não pode...É boa com todo mundo, pra ela, o povo é igual à família dela mesmo...(informante 11)

A manutenção dessa identidade quase indissociável de mulher/mãe/esposa/irmã, segundo BILAC⁹⁴, faz parte culturalmente de uma formação anterior, ou seja, a partir da socialização que começa dentro da família.

Assim, para a autora, a atuação feminina em espaços públicos, a exemplo de Nova Palmeira, como sindicalista, vereadora, deputada, líder religiosa, não rompe em definitivo com todo o círculo de aprendizagem, que começa desde o nascimento da criança; todavia, não impede que haja lentas mutações na representação elaborada outrora.

Insistindo nessa questão, HEILBORN e ARRUDA⁹⁵ afirmam que, ao analisar a atuação das mulheres em diversos espaços, deve-se estar atento à inevitável conciliação da representação passada com a presente, seja do ponto de vista do discurso do próprio agente social em debate nesse processo, seja dos seus companheiros (na família, no trabalho, em sindicatos etc.), seja da sociedade de uma maneira mais ampla.

A diversidade de espaços onde elas estão inseridas, a exemplo de Nova Palmeira, segundo HEILBORN e ARRUDA⁹⁶, pode significar um histórico

⁹⁴BILAC, Elizabete Dória. Família: algumas inquietações. In. CARVALHO, Maria do Carmo B. de. (Org.). A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995.

⁹⁵HEILBORN, Maria Luiza. e ARRUDA, Angela. Op. Cit. Pág. 19-20.

⁹⁶Idem. Pág. 18.

alargamento dos interesses das mulheres na sociedade, mesmo pautando-se em atividades não reconhecidas como questionadoras das relações de gênero, isso porque:

(...)assinala uma inegável ampliação do espaço de cidadania, e mais, de uma cidadania que comporta a expressão de interesses nem sempre convergentes com os masculinos (...)

Vejamos algumas dessas questões nas falas das nossas informantes, ao comentarem suas respectivas atuações:

Desde cedo eu já trabalhava pelo bem comum...e na Câmara minha atuação foi muito reconhecida...em parte tem sido direcionada para a questão da mulher...a principal é a questão do desemprego, né? ou do subemprego que é comum aqui...trabalhamos também com a questão das doenças causadas pela fome...foi o caso do ano passado que a gente já tentou exigir da prefeitura um ginecologista, que precisa muito, e não conseguimos. E para sanar essa situação, a gente tenta trabalhar a medicina alternativa...e sabemos também que o principal é a questão da submissão ao homem...(informante 1)

...eu já trabalhava no hospital, adorava fazer esses trabalhos de assistência de saúde...já aqui na Prefeitura, a gente procura atuar ajudando a mulher da maneira que é possível, dentro das nossas...nossas possibilidades, não temos muito recursos na Prefeitura...às vezes a prefeitura banca cursos de corte e costura, de culinária...só isso, porque não tem mesmo o que se fazer pela mulher...quando aparece alguma coisa, a gente dá uma força...(informante 6)

Aqui não se tem muito o que se fazer pela mulher, em relação aos municípios que conheço, aqui é um luxo, o trabalho do Prefeito junto com os vereadores já vem sendo feito há muito tempo...a prefeitura já investiu muito em cursos do SENAI pra ajudar as mulheres carentes do município...(informante 7)

...a gente sempre, quando pode, tem atuado...defendendo as mulheres aqui...agora que a gente tá quase sem trabalho, o único trabalho que existia no sindicato era corte e costura e de pintura, também. Mas, por causa de um cliente que num deu certo, esse trabalho acabou. Mas a gente tem em mente que, se Deus quiser, esse ano a gente vai começar com novos trabalhos pra mulher. E também tem...existe...como é meu Deus ? um, um tipo de ajuda que

o sindicato conseguiu...assim, quando a mulher está gestante, tendo todos os documentos, ela tem direito a um...um salário mínimo no decorrer dos nove meses, até completar 3 meses de descanso...(informante 5)

...A associação das mulheres, desde o tempo que foi criada luta pela defesa da mulher carente, para que um dia ela possa ter sua liberdade financeira...já fizemos aqui diversos trabalhos de culinária, corte e costura, manicure...o objetivo é ajudar essas mulheres de qualquer jeito...Deus, que tem a força de tudo, peço sempre que ele ilumine todos os corações humanos, principalmente dos governantes, para que ajude socialmente os marginalizados e sofridos dessa sociedade, que deixem as pessoas continuarem a ter direito à vida, que é um direito soberano da humanidade e principalmente que ajude mais as mulheres que ainda são tão marginalizadas, que no futuro muito próximo...é...elas possam viver com dignidade e mais amor...(informante 18)

...na câmara, já atuei defendendo vários trabalhos, vários projetos pra ajudar a mulher. Agora mesmo tá sendo desenvolvido aqui a associação das mulheres e dos grupos dos idosos. Assim, tá se desenvolvendo trabalho novo, isso foi uma proposta minha...pra melhorar a situação da mulher trouxemos...o SENAI pra Nova Palmeira, já fizemos cursos de ...assim, pra crochê, bordado, fabricação de docinhos, é... trabalhos manuais, né?...eu acho que tudo isso é bom pra ajudar as mulheres daqui...(informante4)

A atuação, tem sentido especial no discurso dos agentes engajados nos movimentos sociais em Nova Palmeira, ou seja, na sua interpretação crítica à ordem local, expressa nas múltiplas e “ilegítimas desigualdades” dos mecanismos de poder do Estado (Prefeitura e Câmara de Vereadores).

Segundo CALDEIRA⁹⁷, a atuação das mulheres está associada inicialmente aos espaços da vida cotidiana, ao compartilhamento de valores comuns dentro da própria comunidade. Assim, essa identificação associa-se às possibilidades concretas de crescimento social da sua família e da coletividade em geral.

⁹⁷ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Op. Cit. Pág. 185

Por isso, o funcionamento ineficaz do Estado no cumprimento das suas obrigações primárias na comunidade, tais como abastecimento de água, transporte, serviços de saúde, agricultura e geração de emprego, provoca uma reação social, que começa dentro da própria família, é o que nos deixam transparecer as falas seguintes dos nossos informantes:

...as coisas aqui são muito difícil, a cidade é muito pobre, sem oportunidade nenhuma pra alguém vencer por aqui. Desde o tempo que eu vim pra cá eu, sinceramente, nunca vi progresso nenhum...era uma cidade pequena...e ainda continua pequena, sem saída, sem oportunidade, sem nada, nada mesmo. Eu acho engraçado é que toda cidade que eu conheço tem um lado bom e outro ruim, agora, aqui em Nova Palmeira, eu ainda tô pra conhecer alguma coisa, é desse jeito sempre...É um lugar muito triste, muito pobre, sem perspectiva nenhuma de alguém viver feliz, eu, sinceramente, tenho muito medo do futuro das minhas filhas nessa cidade...(informante 20)

Eu nasci e me criei aqui, sei que vou morrer aqui...agora, eles (os filhos) podia ter ido atrás de uma vida melhor, aqui a desgraça é grande, ninguém do poder faz nada mesmo...só vai terminar no cabo da enxada...esse povo mais novo devia era aproveitar que é novo e batalhar pra vencer, que os véio não tem mais o que da...(informante 5)

Chega um momento que a gente se revolta com o poder...e tem que sair da cidade mesmo...eu terminei o segundo grau e fiquei pensando...meu Deus, o que danado eu vou fazer nessa cidade...aqui não tem emprego nem na casa do Prefeito, imagine noutro canto...foi quando eu passei no vestibular e fui embora de todo jeito...(informante 3)

As reivindicações pela liberação das demandas públicas, vêm a tona no discurso dos nossos informantes como forma de compreender o próprio mundo e tentar transformar as coisas:

Diz que é na fome e na miséria, né? que as pessoa se une, que vira consciente das coisa e luta pra transformar a vida do semelhante...é o que a gente passa aqui pro associado do Sindicato, pra se unir mais, brigar mais com o poder...(informante 5)

Essa “politização” parte, muitas vezes, de cursos de formação desenvolvido como estratégia de crescimento do raio de ação dos grupos de oposição a ordem local:

...faço leituras antes das reuniões e procuro mostrar a elas...que a conscientização é o momento em que sei da minha vida, que sei que sou ou não explorado, é o momento de saber dividir com os outros as virtudes e os problemas, me tornar feliz independente das ideologias políticas e principalmente lutar para que eu esteja no lado certo...como pessoa independente e a serviço do bem comum em um determinado local...Tomar consciência, é ter consciência das coisas, não ser alienada dos grandes problemas da vida, é saber que existem coisas boas e ruins e saber ficar do lado certo e na hora certa...saber que as coisas ruins não são culpa de Deus, mas do sistema que a gente vive...é saber distinguir essas coisas...(informante 18)

Na medida em que reivindicam a ocupação de um espaço de relevância na comunidade, os movimentos sociais têm como pano de fundo uma utopia mais ampla: a conquista do poder local, construída a partir dos pilares de uma nova cidadania e da participação de todos os trabalhadores, homens e mulheres.

Esse processo é o que COVRE⁹⁸ vem chamar de disputa pela hegemonia de cidadanias, do “status quo” em confronto com as organizações sociais. Momento em que os poderosos procuram, para defender os próprios interesses, fortalecer de todas as formas suas ferramentas como estratégias de ação:

(...)por outro lado, nessa abertura e disputa do espaço da cidadania, cabe à população lutar por ele. E é nesse contexto de sujeitos atuantes, de comportamento de público, que se situaria um tipo de cidadania, a ativa.

Nesse sentido, os espaços ocupados, tais como Igreja, Sindicatos e demais movimentos são fundamentais para a afirmação da coletividade e das suas perspectivas de mudança de vida:

Antigamente, quando uma pessoa falava de Bento Coelho (ex-prefeito) eu ficava assim...pensando...e dizia: meu Deus, um homem tão direito...Depois eu vi que o pessoal daqui dos movimentos da Igreja é que tinha razão, o danado num prestava não (rindo)...e foi aí que eu comecei

⁹⁸COVRE, Maria de Lourdes Manzini. Op. Cit. Págs. 109-110.

pensar melhor nas coisas, né? ficar consciente de como os poderoso não prestava e comecei a lutar pra mudar, né?...(informante 5)

...Basta que a gente continue unido pra enfrentar esses forasteiros...só com a união da gente nos movimentos que a gente pode chegar lá e mudar essa realidade daqui...(informante 17)

É assim, portanto, que os movimentos aparecem como espaço específico para iniciar uma disputa contra o poder local, para se construir novas condições de vida:

Nas eleições passadas, a grande conquista dos movimentos sociais foi a vitória de Nêga Lourde...nessas eleições a gente tá esperando mais com as nossas candidaturas...tem todo um trabalho aí, vamos ver se o povo já tá mais consciente e não vai votar nos poderosos de novo...(informante 3)

...é preciso o povo despertar a consciência...compreender que isso que acontece aqui em Nova Palmeira num é política, é uma politicagem, que só serve a um ou dois, né? eles só dão assistência à minoria deles e a maioria do povo vive aí, um rebanho sem pastar, né?... se a gente chegar um dia ao poder eu tenho certeza que tudo vai ser melhor...(informante 5)

...no Sindicato eu aprendi muita coisa, foi bom demais na minha vida, porque antes, eu não tinha conhecimento da realidade quanto eu tenho hoje...tudo é fruto que a gente vai colhendo com o trabalho e vai aprendendo e ensinando pela vida toda...pra um dia a gente viver melhor, né?(informante11)

...fui escutando nas reuniões e vendo como era a nossa realidade, foi quando me convidaram a participar do sindicato e me envolver mais nas lutas em defesa do povo, fui e fiquei até hoje...Antes eu achava mesmo sendo pobre que tudo era normal, que tudo era muito bom e hoje não, hoje eu já penso diferente, hoje já penso o que a vida representa para muitos que são iguais a mim e, por isso, eu luto com mais amor pelo direito da gente...sei que um dia o trabalhador vai vencer (informante 12)

Dessa forma, “a luta pelo bem comum” atinge também o espaço doméstico à medida que a mulher estende a luta pela cidadania para dentro de casa, provocando de alguma maneira deslocamentos na hierarquia familiar, na reflexão de sua antiga e atual

condição social, sobretudo na identidade mulher/trabalhadora. Essa questão é vista pelas nossas informantes da seguinte forma:

...só meu esposo, que não aceitava muito minhas lutas porque é uma pessoa sem conhecimentos...não aceitava não, ele não aceitava no começo que nem trabalhasse...e agora ficou mais difícil...eu tô buscando meus direitos, né? Ai ele fica todo por ali, sem ter como proibir, por isso, nem deixei e nem deixo de lutar pelos meus direitos, não vou deixar nunca...(informante10)

...a mulher não tinha privilégio de nada, o negócio da mulher era pra ser na cozinha, a mulher não tinha direito e hoje, graças a Deus, a gente já se sente feliz por ser mulher...antes a gente era tímida, não sabia de nada, só sabia mesmo cuidar de casa e criar filhos e, graças a Deus, hoje eu me sinto uma pessoa independente...(informante 5)

Essa alteração, para SARTI⁹⁹, é antes de tudo o resultado histórico da luta pela cidadania que no espaço doméstico possibilita o crescimento da individualidade da mulher, na descoberta de sua condição de controle da reprodutividade, o que lhe permite reformular seu lugar na esfera privada e no mundo público, do trabalho. Sobre essa questão assevera a autora:

O que se põe em questão, na família, com a introdução da individualidade feminina, não é a autoridade em si, mas o princípio da hierarquia no qual se baseia a autoridade tradicional (...) com isso, a divisão sexual das funções, o exercício da autoridade e todas as questões dos direitos e deveres dentro e fora da família, antes predeterminadas, hoje são objetos de constantes negociações(...)

É o que se expressam as falas das informantes seguintes:

Pra mim eu nunca tive problema em casa com a minha família...antes de me casar eu já trabalhava fora...sempre fui uma boa dona de casa, mesmo no tempo que eu era professora...ele é uma pessoa muito aberta comigo e com as meninas...tudo a gente faz junto, sem mentira, sem falsidade...(informante 20)

...eu fui também discriminada na vida, a começar por casa, quando o esposo dizia que eu não devia participar dessas bagunças, que eu

⁹⁹ SARTI, Cynthia A. Op. Cit. Pág. 43.

estava me metendo nisso...enfrentei e participei até hoje...(informante 10)

...lá em casa, antes eu só vivia a escutar: mulher não faz nada, mulher não sabe de nada...coisa de marido, né?...os homens sempre acha que só eles é quem pode fazer alguma coisa, que o homem é quem pode e coisa e tal...só que, como meu mandato foi bom mesmo, hoje tudinho fica calado(rindo)... (informante 9)

Portanto, experiência como essa, vivenciada em Nova Palmeira, expressa uma motivação relativamente inovadora no cotidiano das mulheres, o que tem início dentro do espaço doméstico e se reflete no plano da cidadania, ao prover-lhe de recursos para participar na esfera pública, a partir da internalização do princípio da autonomia, que potencializa sua capacidade de discernir, julgar e escolher.

Porém, essa tarefa ainda é muito árdua, exige um exercício permanente de atenção a si e aos outros, em vista de uma transformação de fundo na sociedade. Nessa perspectiva, os relacionamentos são construídos, negociados e repensados continuamente.

Considerações Finais

Ao chegarmos ao final deste trabalho, faz-se necessário uma reflexão em torno do nosso objeto de pesquisa, constituído a partir do universo da atuação política das mulheres de Nova Palmeira-PB.

Cabe lembrar que, nessa pesquisa, tivemos a oportunidade singular de conviver com os nossos informantes, vivenciando suas lutas cotidianas, suas trajetórias de vida, seus percalços e suas alegrias.

Nessa experiência de campo, desenvolvemos a reciprocidade sujeito/objeto das Ciências Sociais: conhecendo e desconhecendo simultaneamente, através do diálogo, as nossas “verdades” e as “verdades” dos “OUTROS”, num instigante debate entre a teoria e a “realidade” analisada.

Assim, a cada passo dado na pesquisa, novas inquietações foram se impondo, exigindo uma reorientação constante. No entanto, muitas delas ficaram sem ser aprofundadas, o que não impede uma retomada posterior.

Tanto é que, se neste momento, ao invés de terminarmos, estivéssemos começando este trabalho, muitas outras questões poderiam ser retomadas. A questão da educação, por exemplo, é uma delas. Embora não esteja na educação a explicação fim para a participação política das mulheres, é importante reconhecê-la como ferramenta fundamental no alargamento das suas atividades. Haja vista que, tradicionalmente, em Nova Palmeira, elas incorporaram a educação na aprendizagem doméstica, fato que contribuiu decisivamente com o controle das funções fundamentais e da sua atuação política em setores privilegiados da sociedade, a exemplo da Igreja, dos Sindicatos, das Associações, das escolas, dos Partidos etc. Enfim, dos espaços que se constituíram como centro privilegiado das relações de poder nessa sociedade.

Porém, o momento exige uma retomada às questões centrais que nos propusemos analisar em nosso projeto de pesquisa inicial, no sentido de acrescentar conclusivamente algumas contribuições.

De uma forma geral, centramos as análises aos espaços de atuação dos nossos informantes, com a perspectiva de compreender o seu conteúdo. No entanto, fomos além das práticas do poder institucional, articulando-as com outras dimensões políticas da sociedade.

Assim, fomos buscar no cotidiano dos espaços institucionais (Partidos, Prefeitura, Câmara Municipal, Sindicatos...) e das organizações sociais mais amplas (ONG, Associações, Movimentos Populares...), as concepções e práticas políticas dos nossos informantes.

Nesses espaços estão presentes homens e mulheres, de uma forma geral, sujeitos de uma sociedade onde prevalecem as práticas de poder pautadas nas tradições, entre elas o patriarcalismo.

Porém, temos uma peculiaridade básica, qual seja: o alargamento das atividades femininas na sociedade, a partir do desempenho de determinadas funções outrora de exclusividade masculina.

Para melhor entendermos essa questão específica, nos remetemos à história da comunidade e dos seus moradores através das suas falas; partindo do princípio de que a vida social se constitui de ações pessoais e, sobretudo, coletivas, praticadas ao vivo no dia-a-dia. Ou seja, uma história feita de homens e mulheres “reais”.

E, nesse contexto, passamos a compreender que das atividades públicas às atividades reconhecidas como políticas, os passos das mulheres foram de diversas ordens, sobretudo a partir de duas experiências fundamentais, quais sejam: da família e dos espaços de organização que integram as demandas gerais da sociedade para com o Estado.

A primeira, operando como espaço de construção da identidade dos seus componentes, educando e moldando os indivíduos de acordo com suas condições emergentes, fazendo sua própria história e preparando paulatinamente os caminhos a serem seguidos. Não obstante, percebemos que, no interior da sua hierarquia patriarcal, encontram-se também as condições básicas para a sua transformação. Resultado do embate constante das permanências e das alterações dos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade.

Ou seja, mesmo atendendo aos atributos básicos de um estrutura hierárquica que tem no masculino o centro do poder, ela, como todo modelo de organização, encontra-se sujeita às variações que têm reflexos na própria sociedade. É o exemplo notório da vida familiar de nossos informantes em Nova Palmeira, que, em linhas gerais, constituiu como traço fundamental da sua própria tradição o desempenho das atividades feminina dentro e fora do espaço doméstico.

O segundo, é o resultado direto das experiências já vividas pelas mulheres fora do mundo doméstico, inserindo-se em espaços que na nossa sociedade não lhes são comuns e, a partir destes, alcançando outras atuações em territórios tidos como fundamentais para a organização da política e do poder, a exemplo dos movimentos em defesa das demandas coletivas, bem como das relações nas esferas institucionais.

Portanto, reconhecemos, a partir das nossas análises, que essas respectivas experiências dizem muito da atuação política das mulheres em Nova Palmeira, haja vista que, na prática, elas se traduzem numa condução rápida e eficaz de construção de novos espaços e papéis para as mulheres na sociedade.

Certamente, nesse cenário onde prevalece, de uma maneira geral, a inegável riqueza da atuação das mulheres, cabe lembrar que o conflito entre os gêneros se faz presente, à medida que as relações sociais ocorrem comumente dentro do território de disputa pelo poder da sociedade patriarcal.¹⁰⁰

No que diz respeito ao papel específico das mulheres nessas esferas de organização do poder, podemos dizer que os rumos não são comuns, haja vista que cada grupo delineou na história de vida das nossas informantes, práticas e valores diferenciados. Porém, mesmo em face dessas diferenças gerais, não há, como pano de fundo nas suas concepções e práticas políticas, um questionamento direto e comprometido à divisão desigual dos direitos e dos deveres sexuais na sociedade.

Dessa forma, as representações são construídas à luz da realidade social presente, sem que haja alterações substanciais no fazer e no pensar as especificidades do feminino, na direção das transformações radicais das desigualdades dos sexos na sociedade.

Todavia, no tocante ao alcance das experiências adquiridas nas atividades públicas, as mulheres inevitavelmente conquistaram maior visibilidade nas relações de poder em Nova Palmeira, a partir de políticas que não se caracterizam pela especificidade do feminino, mas, principalmente, pela sua similaridade com determinadas ações e práticas preexistentes, o que não impossibilita, na sua atuação, o alcance de novos valores.

¹⁰⁰ MURARO, Rose Marie. Op. Cit. Pág. 79.

No terreno da política de âmbito institucional, as motivações familiares foram decisivas na participação das mulheres, principalmente nos poderes legislativo e executivo, onde a sua inserção atendeu inicialmente à ordem social estabelecida pelos padrões políticos do grupo. Notamos que foi a partir dessa identidade parental, apoiada em uma imagem do masculino, que elas concentraram sua atuação.

Como vimos, em Nova Palmeira, a atuação das mulheres não possibilitou, concretamente, rupturas com a sua condição de vida presente na sociedade, quando muito, os conflitos se limitaram à ordem do poder estabelecido e não ao seu questionamento.

No S.T.R de Nova Palmeira, a inserção crescente do feminino compatibilizou-se com a luta pela igualdade de direitos no reconhecimento da identidade de trabalhadora rural. Nesse sentido, temos uma conquista de visibilidade política institucional que reflete apenas uma face, a da cidadania, que, por sua vez, restringe-se à igualdade formal voltada às reivindicações da aposentadoria para homens e mulheres do campo. Por sua vez, a singularidade das contradições nas relações de gênero na sociedade é uma questão totalmente secundarizada, não faz parte da agenda do debate cotidiano da instituição.

Nos espaços das relações cotidianas, os movimentos sociais em Nova Palmeira desde os anos 80 trouxeram à cena política da comunidade expressivas lutas lideradas pelo feminino. De uma forma geral, na zona urbana e rural, se caracterizaram pelo alargamento das atividades das mulheres no espaço público, e, conseqüentemente, para o questionamento das condições de vida do seu grupo familiar e da sociedade em seu sentido mais geral.

Como linha de ação, esses movimentos se desenvolveram pela demanda por bens de consumo coletivo, como abastecimento de água, transporte, serviços de saúde, saneamento, educação, creches, empregos e lazer. Em suma, reivindicações que fogem da especificidade das questões que envolvem as relações de gênero e, suas contradições históricas na sociedade patriarcal¹⁰¹.

Nesses espaços, é inegável a produção de um discurso político, que reflete, por sua vez, a ampliação do espaço de cidadania no cotidiano da vida dessas mulheres. Ou

¹⁰¹HEILBORN, Maria luiza. & ARRUDA, Angela. Op. Cit. Pag. 16.

seja, um discurso singular capaz de unificar a sua atuação nas reivindicações pela igualdade de direitos gerais na sociedade.

Todavia, de acordo com CARNEIRO e TEIXEIRA¹⁰², realidade como esta de Nova Palmeira, ainda está aquém de uma invisibilidade, a das especificidades dos universos simbólicos que envolvem homens e mulheres como sujeitos sociais no campo e na cidade e que seriam responsáveis por valores diferenciados na formulação de identidades de gêneros, não apenas no que se refere à distinção entre o masculino e o feminino, mas também na própria construção das identidades femininas, impede também que se vislumbre projetos políticos diversificados.

Portanto, como temos analisado, o reconhecimento da visibilidade da mulher como parte da população política atuante em Nova Palmeira não explica, e muito menos elimina, por si só, as discriminações a que estão submetidas em decorrência de uma ideologia que começa na família e se estende à sociedade de forma mais ampla. Referimo-nos às desigualdades originadas na hierarquia das relações de gênero.

De uma maneira geral, cabe reforçar que é inegável a riqueza da cena política no momento que as mulheres se fazem presentes, uma experiência que, mesmo não levando diretamente ao seu questionamento mais íntimo, põe em debate a importância do seu papel no plano da cidadania, na medida em que a transforma num sujeito social e político.

Por fim, somos conscientes, desde o início dessa pesquisa, de que nosso objetivo era o de analisar a atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB, ao final temos aquela velha sensação de ter muito mais para dizer além do que conseguimos expor nesse trabalho.

Assim, não consideramos, este, o final de uma análise acerca da atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB, mas de forma sincera, o nosso final.

¹⁰²CARNEIRO, Maria José. e TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Op. Cit. Pág. 52.

BIBLIOGRAFIA

- BELOTTI, Elena Gianini. O Descondicionamento da mulher: do nascimento à adolescência. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BILAC, Elizabete D. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, Maria do Carmo B. (Org.). Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995. p. 29-38.
- CALDEIRA, Tereza P. do Rio. A Política dos Outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAPPELIN, Paola G. Gênero e Classe: mulheres trabalhadoras rurais. In: Rebeldia e Submissões. São Paulo: Vértice, 1989. p 17-30.
- CARNEIRO, Maria José. e TEIXEIRA, Vanessa Lopes. Mulher Rural nos Discursos dos Mediadores. In: Estudos: sociedade e agricultura. Rio de Janeiro: CPDA, 1995. p.45-57.
- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. A Priorização da Família na Agenda da Política Social. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.) A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995. p. 11-22.
- COSTA, Delaine Martins. Do Lugar das Mulheres e das Mulheres Fora do Lugar. In: NEVES, Maria da Graça Ribeiro das. (Org.). Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP; Madri, Instituto de Mujer, 1995. p. 47-60.

- COVRE, Maria de Lourdes Manzini. A Família, "O Feminino", A Cidadania e a Subjetividade. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.). A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995. p. 105-122.
- DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: vida e obra. Tese de Doutorado Apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Área de Literatura Brasileira. Vol. 1. Natal: Editora Universitária, 1995.
- ECO, Umberto. Como se Faz Uma Tese. São Paulo: Perspectiva S.A, 1991.
- FERREIRA, Brasília Carlos. e LIMA, Jacob Carlos. A Modernidade Inconclusa: a experiência operária no Nordeste. In: Cadernos de Ciências Sociais. Número 5. João Pessoa: MCS/UFPB, 1995. p. 12-21.
- GORZ, André. Adeus ao Proletariado: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- GRZYBOWSKY, Cândido. Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo. In: Revista Temas Rurais. Vol 2. Número 4. Recife: Recane, 1989. p.61-73.
- HEILBORN, Maria Luiza. Gênero: uma breve introdução. In: NEVES, Maria da Graça Ribeiro das. (Org.). Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP; Madrid, Instituto de la Mujer, 1995. p. 9-15.
- _____ e ARRUDA, Angela. Legado Feminista e ONGs de Mulheres: notas preliminares. In: NEVES, Maria da Graça das. (Org.). Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP; Madrid, Instituto de la Mujer, 1995. p. 15-26.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Políticas da Teoria. In: Pós-Modernismo e Política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 7-15.

JELIN, Elizabete. Mulher e Direitos Humanos. In: Estudos Feministas. Vol.2 Número 3. São Paulo: EDUC, 1991. p. 117-149.

LEITE, Sérgio. Movimentos da Modernidade: novos atores na esfera pública. In: Estudos: sociedade e agricultura. Rio de Janeiro: CPDA, 1995. p. 32-44.

LYOTARD, Jean-François. O Pós-Moderno. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

MAMEDE, Zila. Navegos: poesia reunida, 1953-1978. Belo Horizonte: Vega, 1978.

MOTTA, Alda Brito da. Familiarizando(-se com) o Público e Politizando o Privado. In: XIMENES, Tereza. (Org.). Novos Paradigmas e Realidade Brasileira. Belém: UFPA/NAEA, 1993. p.414-426.

MURARO, Rose Marie. Os Seis Meses em Que Fui Homem. Rio de Janeiro: Rosa do Tempo, 1991.

_____. A Mulher no Terceiro Milênio. Rio de Janeiro: Rosa do Tempo, 1995.

PINTO, Celi R. Jardim. Movimentos Sociais: espaço privilegiado da mulher enquanto sujeito político. In: Questão de Gênero. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 23-34.

REVISTA VEJA ESPECIAL DA MULHER: a grande mudança no Brasil, ano 27, Edição 1351, Agosto/setembro, 1994.

RODRIGUES, Leôncio Martins. Partidos e Sindicatos. São Paulo: Ática, 1990.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e Poder na Família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.). A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995. p. 73-89.

SADER, Éder. Idéias e Questões. In: Quando os Novos Personagens Entraram em Cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. (1970-1980). São Paulo: Paz e Terra, 1989.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. O Poder do Macho. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA, Albertina. e BRUSCHINI, Cristina. (Orgs.). Questão de Gênero. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 191-193.

SALINAS, Glória Ardaia. Mujeres y Democracia: la busca de una identidade en el sistema político. In: Nueva Sociedad: cultura e política y gobierno en los 90. Caracas: Texto, 1994.

SARTI, Cyntia A. Família e Individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.). Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995. p.29-38.

SENA, C. S. "Durkheim e o Estudo das Representações". In: Anuário Antropológico. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFCE/Tempo Brasileiro, 1984. p. 19-31.

SORJ, Bila. O Feminismo na Encruzilhada da Modernidade. In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina. (Orgs.). Questão de Gênero. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 15-23.

STUDART, Heloneida. Mulher, a Quem Pertence Teu Corpo ? Petrópolis: Vozes, 1993.

STUDART, Heloneida. Mulher Objeto de Cama e Mesa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TABAK, Fany. Autoritarismo e Participação Política da Mulher. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

_____. e TOSCANO, Moema. Mulher e Política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TOSI, Lúcia. Introdução e Apresentação. In: Mulher e Ciência. Maceió: Edufal, 1991. p. 3-4.

TOURAINÉ, Alain. O Pós-Socialismo. São Paulo: Brasiliense, 1988.

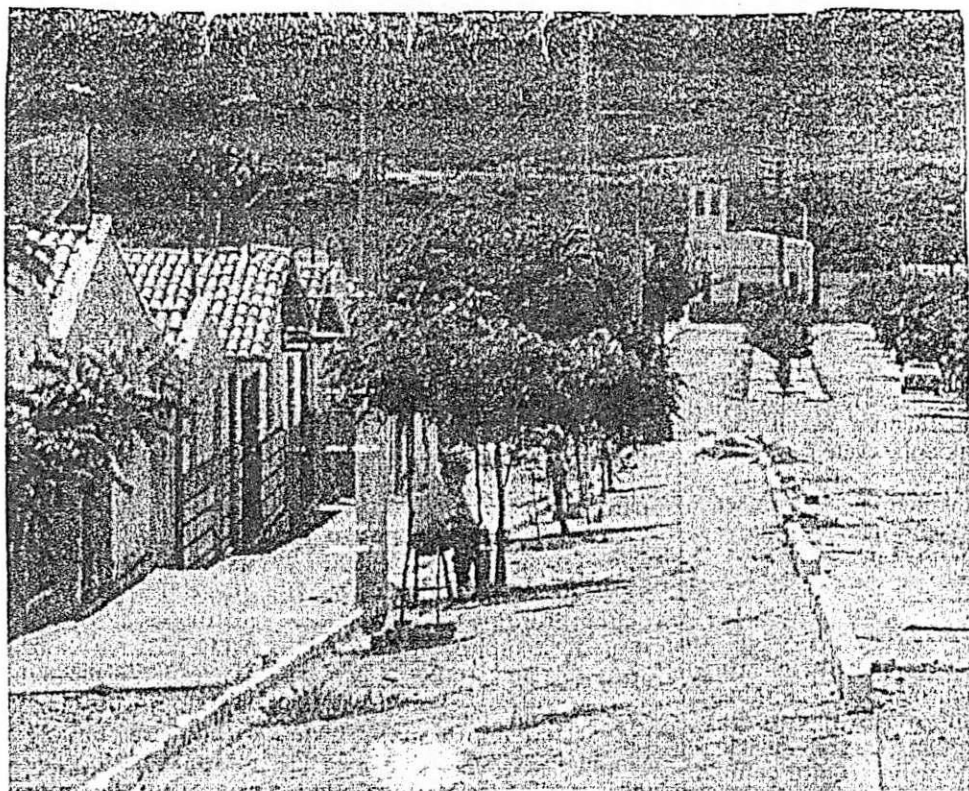
VITALE, Maria Amáila Faller. Socialização e Família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (Org.). A Família Contemporânea em Debate. São Paulo: EDUC, 1995.

ANEXOS

Mulheres comandam ações em Nova Palmeira

O município de Nova Palmeira, no Seridó raibano, a 243 km da capital, aparentemente, da tem de diferente em relação aos demais municípios da região: a população é pobre, vive produção de subsistência, tem carências graves s áreas de educação e saúde e o maior índice de ligência, de acordo com o mapa da fome do EA: 75%. Porém, num aspecto bastante culiar, Nova Palmeira se destaca: é o único município brasileiro onde as mulheres são maioria Câmara, em diretorias sindicais, estão à frente instituições as mais diversas e ainda dirigem as principais organizações da sociedade civil.

Cidade



Nova Palmeira

Poder feminino em evidência

O município onde as mulheres dão as cartas e "têm a última palavra"

Cidoval Morais

O município de Nova Palmeira, no Seridó paraibano, a 243 Km da capital, aparentemente, nada tem de diferente em relação aos demais municípios da região: a população é pobre, vive da produção de subsistência, tem carências graves nas áreas de educação e saúde e o maior índice de indigência, de acordo com o mapa da fome do IPEA: 75%. Porém, num aspecto bastante peculiar, Nova Palmeira se destaca: é o único município brasileiro onde as mulheres são maioria na Câmara, em diretorias sindicais, estão à frente de instituições as mais diversas e ainda dirigem as principais organizações da sociedade civil. A prefeitura ainda é ocupada por um homem, mas o cargo de vice está nas mãos de uma mulher.

A história da organização e participação da mulher na política e em movimentos sociais em Nova Palmeira é recente. Começa nos anos 70, com o apoio da Igreja. A primeira luta vem do campo. As mulheres se organizam para garantir o direito de participar do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. A diretoria, na época, considerada "pelega" pelas camponesas, não permite a entrada de mulheres. O sindicato, até então, era um "verdadeiro clube do bolinha." As mulheres não desistem e, mesmo agredidas e expulsas da sede do sindicato, conquistam na Justiça o direito de filiação.

A Justiça decreta intervenção no sindicato e como interventores assumem um homem e duas mulheres. A diretoria atual é majoritariamente feminina. Segundo dona Luzia Marques dos Santos, 61, tesoureira, as mulheres conseguiram, ao, longo desse tempo, melhorar a participação na entidade.



As mulheres são maioria e lideram todos os movimentos do município

Dona Luzia mora no sítio Porteira, que fica a poucos quilômetros da cidade, e, apesar da idade, ainda trabalha na roça com o marido José Barbosa dos Santos. Todos os filhos do casal que moram no sítio participam do sindicato. Seu José confessa que as mulheres tomaram a entidade "muito mais ativa."

Confirmando o interesse da mulher novopalmeirense pela participação político-social, na última quarta-feira, quando a equipe do JP esteve na cidade, mais uma agricultora entregou sua ficha de filiação ao sindicato. Dona Maria Vitória da Silva mora no sítio Poço do Vento e começou a participar das reuniões da entidade há pouco tempo. Decidiu-se filiar para tentar, entre outras coisas, conseguir o auxílio natalidade a que tem direito a trabalhadora rural com filhos recém-

nascidos. Na Paraíba poucas mulheres conseguiram o benefício.

O exemplo das mulheres do campo parece influenciar a organização das mulheres da cidade. Do final da década de 80 para cá foram criadas várias organizações não governamentais com participação majoritária e decisiva do feminino. O CENEP - Centro de Educação Popular -, por exemplo, na diretoria executiva tem duas mulheres. O Sindicato dos Servidores Municipais também tem à frente uma mulher. A presidência da Associação dos Idosos e do Centro de Desenvolvimento Rural de Nova Palmeira é exercida por mulheres. Na diretoria da Associação para o Desenvolvimento Comunitário também tem mulheres.

Saindo das ONG's e entrando na esfera institucional, a participação da

mulher não é menos significativa. As escolas públicas da cidade são dirigidas por mulheres; a Secretaria de Saúde, o Hospital e o Centro de Saúde estão em mãos femininas. O fenômeno, digase de passagem, bastante singular, considerando a região e a tradição de poder (predominantemente masculino), está sendo objeto de pesquisa científica. O aluno do Mestrado em Sociologia do campus II da UFPB, Charliton José dos Santos, pretende, entre outras coisas, analisar as semelhanças e as diferenças presentes na atuação política dos homens e das mulheres em Nova Palmeira.

Um dos objetivos do mestrado é verificar se na atuação política das mulheres há preocupações específicas com as questões femininas. Ele parte dos seguintes pressupostos: 1) nas últimas duas décadas uma nova maneira de conceber e atuar politicamente tem se constituído na sociedade; 2) e, essa maneira, segundo afirma, transcende os limites da atuação das esferas do poder oficial do Estado, estendendo-se às micro-realidades sociais - aos diversos espaços de exclusão existentes na atualidade.

É nesses espaços que uma nova sociedade civil se constitui, a partir de novas identidades sociais. Como se sabe, na cultura patriarcal as relações entre os gêneros, historicamente, traduziram-se sempre na dominação do homem sobre a mulher. Considerando a realidade atípica de Nova Palmeira, onde as mulheres encontram-se em situação política numericamente majoritária, a grande questão é saber se as instituições das quais participam têm uma atuação diferenciada ou compatível "com a forma feminina de ver o mundo."

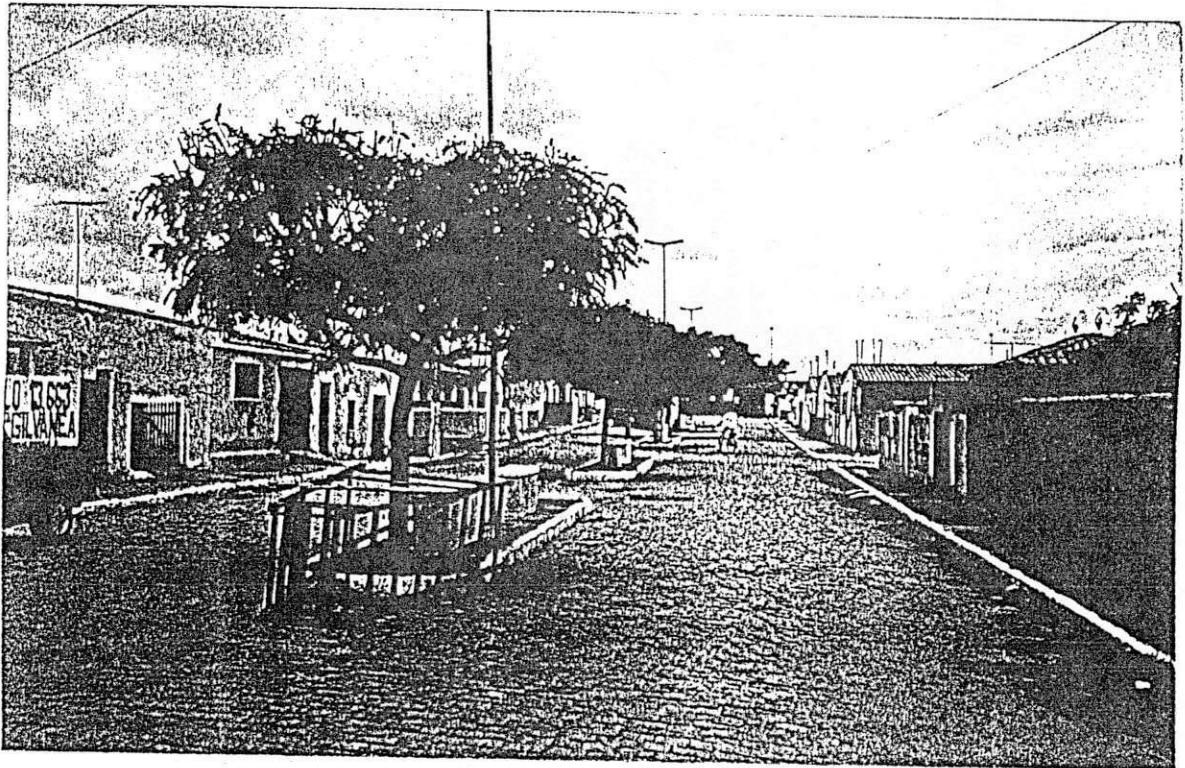
O poder de mando das mulheres

No campo da política oficial a mulher novopalmeirense está bem representada. Na hierarquia, o cargo mais importante ocupado por uma mulher é o de vice-prefeito. Responde por ele a enfermeira e diretora do Hospital da cidade Marlene Brandão Dantas. Apesar das constantes viagens do prefeito Luiz Medeiros de Araújo, Marlene nunca chegou a substituí-lo na prefeitura. Porém, garante, tem um bom relacionamento com ele e é informada de todas as decisões importantes. O trabalho da vice-prefeita, pelo que deixou transparecer na entrevista, é basicamente assistencial no campo da saúde. Sua visão sobre a participação da mulher na vida política do município pode ser resumida numa frase: "a mulher é mais sensível."

É na Câmara onde a mulher, de fato, "dá as cartas." Dos nove vereadores, cinco são mulheres. Em termos proporcionais, a Câmara de Nova Palmeira é a única no Brasil a ter mais mulheres do que homem. Para se ter uma idéia, na última eleição foram eleitos na Paraíba 1999 vereadores. Desse total, apenas 218 são mulheres, ou seja, 10,8%. Em Nova Palmeira os percentuais são os seguintes: 66,66% mulheres contra 44,44% homens. A presidente da Câmara, como não podia deixar de ser, é mulher: Maria Aparecida de Medeiros, mais conhecida por "Dona Preta."

A oposição no município também é liderada por uma mulher, a vereadora do PT, Maria de Lurdes de Oliveira, a "Nêga Lurdes." Um detalhe curioso é que, com exceção de "Nêga Lurdes" todas as outras vereadoras seguem a orientação política do prefeito, que é do PFL. Segundo a presidente, Dona Preta, o relacionamento entre as vereadoras é bom e os homens "respeitam o nosso trabalho." Para a eleição de três de outubro as mulheres já estão se articulando. Do lado da oposição, a chapa já está definida: são duas mulheres - Gilvânia Dantas de Mendonça e Maria de Fátima, ambas do PT. A situação terá na cabeça de chapa um homem, mas o cargo de vice já está decidido: será ocupado por uma mulher, provavelmente a atual presidente da Câmara.

Boa parte das organizações não governamentais de Nova Palmeira ou foi criada pela Prefeitura ou por pessoas ligadas ao poder local. Em outras palavras: a relação de dependência é visível. Nesse grupo entram as Associações dos Idosos, das Mulheres, de Desenvolvimento Comunitário, de Desenvolvimento Rural e os Conselhos de Saúde e Educação. A oposição, expressada pelo PT, controla os Sindicatos de Trabalhadores Rurais e o dos Servidores Municipais, além da ONG CENEP. Os movimentos ligados à Igreja também têm à frente pessoas ligadas ao PT.

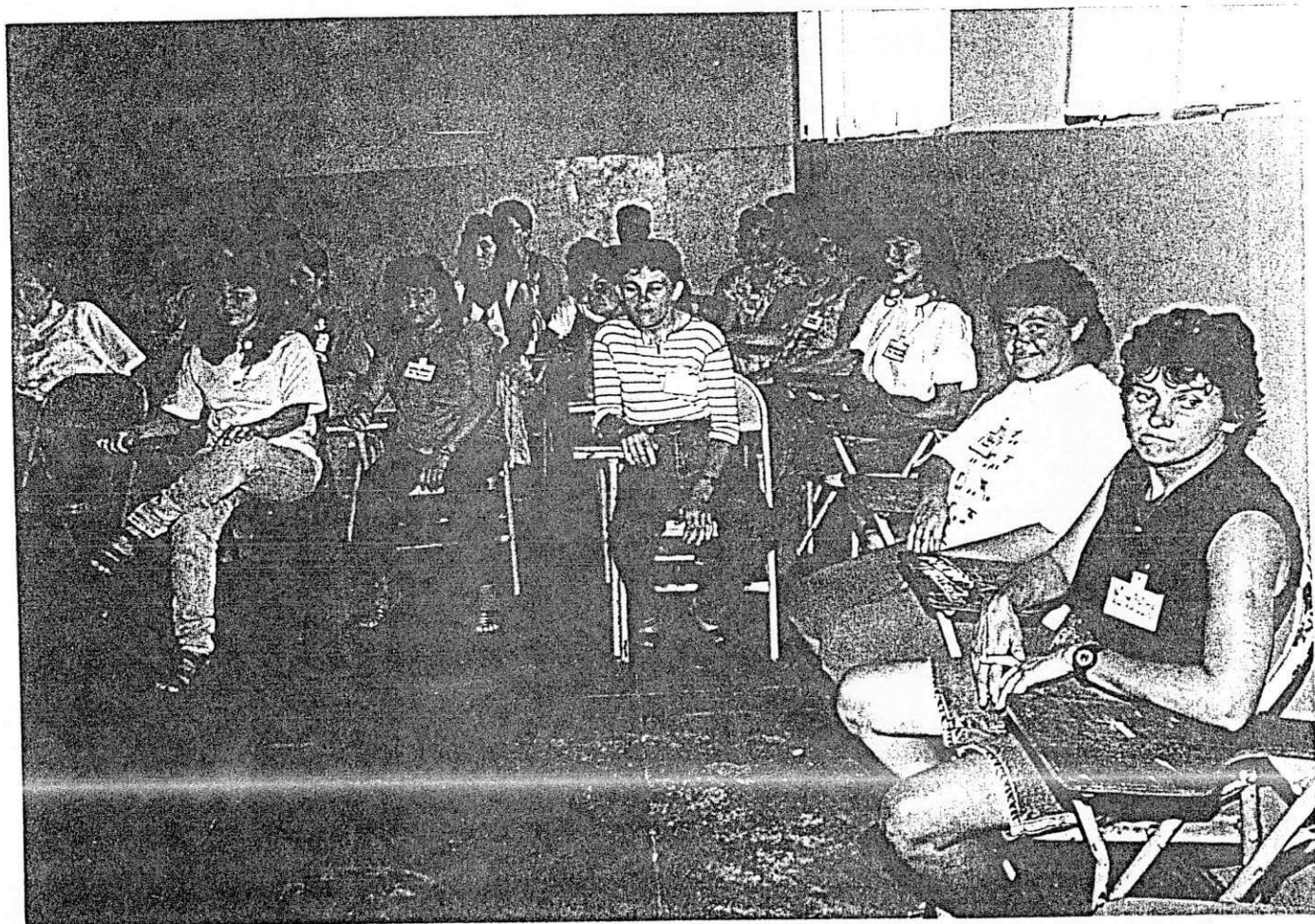


Principais ruas da cidade.



Convenção Municipal reúne dezenas de pessoas na cidade.

Convenção Partidária.



Assembléia de funcionários do Município.



Mulher recebe ficha de filiação do S.T.R



Maria Aparecida, ex-presidente da Câmara Municipal e atual Vice Prefeita de Nova Palmeira-PB.



Mocinha: história viva do S.T.R-Nova Palmeira-PB.



Da esquerda para direita:
Marizinha (Vereadora), Mocinha (Sindicalista) e Nega Lourdes (Vereadora).